

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

MARCELA THAÍS DE MELO BARBOSA

A PRÁTICA CROSSDRESSER NA BLOGOSFERA: Um Estudo Baseado
em Análise de Blogs Crossdressers

Goiânia
2014

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

- 1. Identificação do material bibliográfico:** **Dissertação** **Tese**
2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor (a):	Marcela Thaís de Melo Barbosa		
E-mail:	marcelathais@hotmail.com		
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página? <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não			
Vínculo empregatício do autor	sem vínculo empregatício		
Agência de fomento: CAPES		Sigla:	
País:	Brasil	UF: GO	CNPJ:
Título:	A prática crossdresser na blogosfera: um estudo baseado em análise de blogs crossdressers		
Palavras-chave:	crossdressing, blogs, Antropologia, sexualidade, transgeneridade		
Título em outra língua:	The crossdresser practice at the blogosphere: a study based on the analysis of crossdresser's blogs		
Palavras-chave em outra língua:	crossdressing, blogs, Anthropology, sexuality, transgender		
Área de concentração:	Antropologia Social		
Data defesa: (dd/mm/aaaa)	25/08/2014		
Programa de Pós-Graduação:	Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social		
Orientador (a):	Maria Luiza Rodrigues Souza		
E-mail:	mariluizars@yahoo.com.br		
Co-orientador (a):*			
E-mail:			

*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

Assinatura do (a) autor (a)

Data: ____ / ____ / ____

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

MARCELA THAÍS DE MELO BARBOSA

**A PRÁTICA CROSSDRESSER NA BLOGOSFERA: Um Estudo Baseado
em Análise de Blogs Crossdressers**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Antropologia Social, Faculdade de Ciências Sociais da
Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial ao
título de Mestre em Antropologia Social

Orientadora: Dr^a Maria Luiza Rodrigues Souza

Goiânia
2014

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)
GPT/BC/UFG**

B239p Barbosa, Marcela Thaís de Melo.
A prática crossdresser na blogosfera [manuscrito]: um estudo baseado em análise de blogs crossdressers / Marcela Thaís de Melo Barbosa. - 2014.
xv, 126 f. : il., figs, tabs.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Luiza Rodrigues Souza.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais, 2014.

Bibliografia.

Inclui lista de figuras, abreviaturas, siglas e tabelas.

Apêndices.

1. Blogs 2. Redes sociais. I. Título.

CDU 004.738.5

MARCELA THAÍS DE MELO BARBOSA

**A PRÁTICA CROSSDRESSER NA BLOGOSFERA: Um Estudo Baseado
em Análise de Blogs Crossdressers**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial ao título de Mestre em Antropologia Social pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores: Profa Dra Maria Luiza Rodrigues Souza – FCS/UFG – Orientadora; Prof^a Dr^a Anna Paula Vencato – UNIP/ Assessora LBT na SMPM/PMSP – Examinadora; Prof^o Dr^o Camilo Albuquerque de Braz – FCS/UFG – Examinador.

AGRADECIMENTOS

Depois de ler o agradecimento escrito por uma amiga que cursara o mestrado em Antropologia Social comigo, pareço ter finalmente entendido. A “ficha caíra”. O mestrado fora também para mim a coisa mais difícil que eu fizera na vida. Talvez por exigir uma constância de empenho somado a um programa que exige imensa entrega. Conciliar o “resto da vida” e o mestrado não é fácil em absoluto. Por vezes me questionei se e como poderia fazê-lo.

Mas etnografar e também entender a Antropologia Social requer principalmente que estejamos na e vivencemos a vida. Requer que sejamos humanos, mesmo que (ou principalmente?) demasiadamente humanos.

Conciliar tantos papéis, conseguir passar pelo mestrado só é possível quando se tem ajuda, apoio e incentivo. Neste sentido, fui enormemente afortunada. Minha rede de apoio começou antes mesmo de ser aceita no programa e depois se estendeu com as pessoas incríveis que o mestrado me proporcionou conhecer. Se muitas vezes falhei em atividades, tarefas e prazos, não foi por falta de apoio externo.

Agradeço primeiramente a Deus, acreditando que nada acontece fora de Sua eterna bondade, amor e justiça. Agradeço imensamente aos meus pais, fonte inesgotável de amor, cuidado e doação. Sem vocês, sem a base que me proporcionaram, eu não teria chegado até aqui. Pude explorar as possibilidades de ser graças às suas lições, incentivos, crença na minha capacidade e também aos ñãos que tanto ensinam.

Ao meu esposo André Luiz Neves Silva pelo apoio, paciência, amor, cuidado, companheirismo e amizade. Por me acompanhar nessa (louca) jornada e na vida. Obrigada por ter tantas vezes feito muito de outras obrigações, para que eu pudesse abraçar as do mestrado, por pensar e refletir questões da vida em comum e da Antropologia. Por tantas vezes foi o estímulo, a ajuda e o abraço onde me aconchego.

Agradeço aos amigos Marcela Italo Rodrigues e Silva Bianco, Renato Cirino Machado Alves Pereira e Lorena Cardoso Cintra, mestres por outros programas da UFG, pelas

orientações de como montar um projeto, do que esperar do mestrado e pincelarem um pouco do que seria o programa. Foram pacientes, deram apoio e incentivo para que eu acreditasse.

À minha orientadora Maria Luiza Rodrigues Souza por me descortinar os caminhos da Antropologia e ensinar verdadeiramente quando me guia, sugere e faz refletir sem desmerecer o meu olhar, por me encorajar constantemente e me ajudar a lançar uma outra perspectiva para as dificuldades.

Aos amigos Alessandra Barreiro da Silva, Giórgia de Aquino Neiva, Jorge Antônio Monteiro da Silva, Kárita Segato Rodrigues, Nayala Nunes Duailibe, Rodrigo Andrés Azórcar Gonzáles e Valleria Araújo de Oliveira pela amizade, pelas trocas, confidências e ombros amigos. Por trazerem sorrisos nos momentos mais difíceis, fazendo a caminhada menos pesada. Kárita e Nayala, muito obrigada por me ajudarem com tanta paciência a entender e conhecer um pouco mais a Antropologia, diminuindo a distância entre mim e a disciplina. Sem dúvida ficou o ensinamento, mas sobretudo a amizade, de grande valor para mim.

A toda a turma de Pós-Graduação em Antropologia Social do ano de 2012 por tantos dias de aprendizado em grupo, pelas trocas, a amizade, apoio, carinho e incentivo.

À turma de Educação Física que me recebeu tão bem na oportunidade em que eu realizava o estágio-docência e dentro deste mesmo contexto, agradeço o professor Arthur Pires do Amaral pelo apoio e paciência.

À professora Suely Gomes do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, que contribuiu com o meu objeto de pesquisa através do olhar de uma outra disciplina e ofereceu compreensão para além do trabalho acadêmico. À amiga Elcha Britto, mestranda do mesmo programa, pelo incentivo constante.

Por todos os ensinamentos dentro e fora de sala, agradeço a todos os professores da Faculdade de Ciências Sociais.

Aos professores Camilo Albuquerque de Braz e Luiz Mello pelas colaborações inestimáveis seja em sala de aula, fora dela e principalmente, durante o processo de qualificação.

A todas as crossdressers que aceitaram dar um pouco de si, me permitiram participar de suas vidas, prazeres e dificuldades, me ajudando a buscar um entendimento de suas práticas. A todas elas, um abraço carinhoso.

À Faculdade de Ciências Sociais, ao Ser-Tão pelos gostosos encontros de aprendizado e trocas, à CAPEs, pelo suporte financeiro.

A todos vocês, meu muito obrigada!

The internet is becoming the town square for the global village of tomorrow.

(Bill Gates, 1995 -)

RESUMO

Este trabalho compreende a análise de blogs tidos como crossdressers, ou seja, que usam a palavra crossdresser em seus títulos e/ou em suas descrições de conteúdo. Estes blogs, que funcionam primariamente como diários virtuais, são propagadores de opiniões, de conteúdos virtuais que extrapolam o texto, as palavras. Propagam ideias também através de imagens, fotos, vídeos e áudios. Buscou-se através da análise de elementos pictóricos e textuais, entender o que é a prática crossdresser para est@s blogueir@s, observando também quais seriam as categorias acionadas através de seus discursos e montagens. Para este trabalho, foram escolhidos os blogs a serem analisados através de mecanismos de busca comuns na internet, tratando na análise os blogs que fossem anunciados primeiro. Pretendeu-se, através da leitura e análise destes blogs escritos por crossdressers ou de autor@s que fazem uso desta categoria como justificativa do blog, abordar comportamentos que evidenciem o que as pessoas que se dizem crossdressers fazem quando acionam a categoria, ou seja, quando anunciam estar praticando o crossdressing. Conclui-se através da análise que há uma heterogeneidade no entendimento da prática, que envolve diferenças na montagem e também forma de percebê-la e vivenciá-la.

PALAVRAS-CHAVE: crossdressing, blogs, Antropologia, sexualidade, transgeneridade

ABSTRACT

This research consists of an analysis of blogs perceived as crossdressers'. In other words, blogs that use the word crossdresser in their headline and/or in their content description. These blogs, that are mainly used as virtual diaries, are propagators of opinion, virtual contents that go beyond text, the usage of words. They propagate ideas also by images, pictures, videos and audio. It was pursued the understanding of what the crossdressing practice is to these bloggers through the analysis of pictoric and textual elements, also observing which categories would come up through their speech and dress-up. For this research, the blogs to be analyzed were chosen by means of common internet research tools, focusing on the first results presented. It were intended, through the reading and analysis of these blogs, written by crossdressers, or by authors that use that category as the blog's justification, to approach behaviors that evidence what people so-called crossdressers do when they evoke this category. In other words, what people do when they announce to be involved with the practice. It was concluded by means of this analysis that there is a heterogeneity in the understanding of the practice that involves differences when dressing up, and also, differences in the way of perceiving and experience the practice.

KEYWORDS: crossdressing, blogs, Anthropology, sexuality, transgender

ÍNDICE DE FIGURAS

- Figura 1** - Template retirado do endereço <http://www.templateparablogspot.com/>, podendo ser acessado através do link <http://ver770.blogspot.com.br/>44
- Figura 2** - Template “Sonhos Meus”, encontrado no blog Mimadinha Modern e acessado através do link <http://free-sonhos-meus.blogspot.com.br>.....44
- Figura 3** - Template “Sundry Dots” retirado do blog “The Cuttest Blog on The Block”, podendo ser acessado através do link <http://thecuttestblogontheblock.com/backgrounds/sundry-dots-3-column-template>45
- Figura 4** - Template “Splendio”, retirado do blog “7 Desenvolvimento”. Pode ser acessado através do link <http://www.freebloggertemplate.info/p/demodownload.html?url=http://splendio-fbt.blogspot.com/>45
- Figura 5** - Print da página inicial do blog “Diário Crossdresser” 50
- Figura 6** - Print da página inicial do blog “Cultura Crossdresser”56
- Figura 7** - Print da página inicial do blog “Homens de Calcinhas” 61
- Figura 8** - Print da página inicial do blog “Crossdressers ZL”65
- Figura 9** - Print da página inicial do blog “Aline Ferrary Crossdresser” 68
- Figura 10** - Print da página inicial do blog “1 Crossdresser do grande abc” 70
- Figura 11** - Print da página inicial do blog “Fórum Crossdresser Place”77

SUMÁRIO

1 Introdução	12
1.1 A prática do <i>Crossdressing</i>	15
2 O ofício etnográfico entre bits e bytes	21
2.1 Breves interpretações	26
2.2 Mapeando o ciberespaço	29
2.2.1 Breve histórico da etnografia virtual e problematizações	29
2.2.2 A escolha metodológica.....	33
2.2.3 Os blogs – possibilidades, histórico e razão de escolha.....	35
3 Silicone Blues	40
3.1 Introdução ao campo de pesquisa	41
3.2 “Dando um Google” no crossdressing	48
3.3 Blog Diário Crossdresser	49
3.4 Blog Cultura Crossdresser	55
3.5 Blog Homens de Calcinhas	61
3.6 Blog Crossdressers ZL	65
3.7 Blog Aline Ferrary Crossdresser	67
3.8 Blog 1 Crossdresser do grande ABC	70
3.9 Fórum Crossdressing Place	77
4 O que tange à sexualidade	82
4.1 A importância do corpo	82
4.2 A sexualidade em sua complexidade	86
4.3 O termo gênero nos estudos de sexualidade	87
4.4 Minorias sexuais e normas sexuais	88
4.5 Identidade de gênero e papéis de gênero: categorias em cheque	90
4.6 A questão da Identidade e a Subjetividade	93
4.7 Erotismo crossdresser – uma breve consideração psicanalítica	97
4.8 Ciberpornografia e indústria do sexo: o corpo autopornográfico	98
5 Conclusão	100
Referências bibliográficas	102

Anexos.....	107
Silicone Blues – tirinha.....	108
As bundas peludas em questão – tirinha.....	108
O rosto do sábado – charge	109
A expectativa pelo dia de princesa (dia de se montar) – charge	109
Ed Wood – filme de 1994.....	110
Termos de Utilização do Google.....	118
Política de Conteúdo do Blogger.....	123

1 INTRODUÇÃO

“Chegou o tempo de se pensar sobre o sexo” – alerta acertadamente Gayle Rubin em seu ensaio “Pensando Sobre Sexo: Notas de uma Teoria Radical para a Política do Sexo” (2003). Argumenta que, embora haja muitos que relegam o sexo a uma importância secundária diante de outras questões sociais, as questões que o envolve, as discussões que suscita causam ansiedade e estresse suficientes que não podem ser ignorados. Rubin compara os conflitos causados por valores sexuais e condutas eróticas a partir do século XX com os conflitos de séculos anteriores.

Como toda atividade humana, a sexualidade está também envolvida em conflitos de interesse, tem o seu modo próprio de opressão, sua política interna. Neste aspecto pode ser comparada com qualquer outra forma de atividade humana. Em alguns períodos históricos a faceta política do sexo fica mais evidente e a atividade, faceta erótica, precisa ser renegociada.

Foucault (1990) encoraja a desconfiar das palavras, que não dizem as coisas como elas são, tendo que se considerar que sexo foi tido até então como biológico e sexualidade, vocábulo que começa a ser empregado no XIX, é conduta, é produzida.

Explica então que falar em sexualidade é falar dos saberes que a ela se referem, os sistemas de poder que regulam as ações e as formas através das quais os sujeitos se constituem e se reconhecem como sujeitos desejantes através das práticas que elegem. Apesar de estarem todos os eixos imbricados, é este último de maior interesse para esta pesquisa.

Somos ainda herdeiros do legado da “limpeza vitoriana” (ou vitorianos ainda somos nós, como sugere Foucault, 1976). Imersos em cruzadas morais nas quais se queria extirpar da sociedade todo tipo de sexualidade “desviante”, que fugisse à norma, ferisse a boa moral. Muito das ideias que ainda se tem sobre sexo vem desse período e, é claro, as cruzadas não acabaram: apenas escolhem-se outras táticas, discursos e saberes.

Houve um certo período em que as leis estadunidenses, por exemplo, tratavam @s homossexuais como estuproador@s e molestatador@s de crianças: todos eram ofensivos à boa moral, apresentavam comportamento considerado desviante. Entre as décadas de 1940 e 1960, @s homossexuais eram alvo de perseguição federal, junto com os comunistas. Estas eram pragas que não se encaixavam no sonho americano. Aconteceu com @s homossexuais, mas pode-se fazer a mesma análise com qualquer outro comportamento sexual “desviante”. Obscenidade, prostituição. Maior controle da vida sexual d@ adult@ para além da comunidade gay.

A luta contra as sexualidades “desviantes” desencadearam nos Estados Unidos verdadeiras guerras. Rubin compara os períodos de 1880 na Inglaterra e a década de 1950 nos Estados Unidos pela tentativa de banir socialmente as expressões que feririam os bons costumes e a boa moral no que se relaciona ao sexo.

A autora avalia ainda que uma teoria radical do sexo, que identifique, descreva, explique e denuncie a injustiça erótica e opressão sexual é de extrema necessidade (Rubin, 2003, p. 10). Muitas das falácias sobre o sexo permanecem e, além da visão negativa do sexo que acorrenta, aprisionam a expressão da sexualidade e tentam normatizar suas práticas. Desta forma, a sexualidade ainda é vista de forma hierarquizada: as práticas heterossexuais, monogâmicas, realizadas dentro do casamento são mais “corretas”, mais bem aceitas socialmente e passíveis de serem associadas a benefícios sociais (saúde mental, respeito, mobilidade, etc) do que as práticas homossexuais, extraconjugais, pornográficas, assim como as expressões trans.

Essas tentativas de questionar as opressões, normatizações e prescrições sociais são de grande importância para fundamentar a exploração a que se propõe este trabalho, da prática *crossdresser*.

Falar de homens que gostam de se vestir com roupas e acessórios que remetem ao sexo feminino, é considerar práticas que fogem das prescrições sociais hegemônicas. Estruturas tão naturalizadas como os corpos, a sexualidade e a diferenciação entre homens e mulheres parecem ser postas em cheque diante de comportamentos que não seguem as prescrições.

O que acontece quando homens se sentem felizes em “estarem” mulheres? Em se “montarem” com roupas, lingerie, saltos, meias-calças, perucas, brincos, anéis e colares e se sentirem realizados?

Butler (2003) explica a situação de “estranheza” que este comportamento poderia causar, ou o porquê de aparentemente se colocar como inadequação através do entendimento de que uma ordem compulsória entre o sexo, gênero e desejo. A normatização da ligação entre estas instâncias prevê que o resultado seja um comportamento heterossexual.

Ora, se aqui, mesmo que a priori, não está em jogo com quem a *crossdresser* se relaciona, ela já feriu a norma quando assumiu não um gênero, mais dois, mesmo que de forma transitória.

Os autores acima citados nos ajudam a entender o porquê de se falar de comportamentos humanos que denunciam os furos das lógicas que oprimem. Esta é a justificativa para que falemos de processos que se relacionem ao sexo e à sexualidade, e a

forma escolhida neste trabalho para que se fale é deixar quem assume os comportamentos falarem de si e por si.

Este trabalho pretende, através da leitura e análise de blogs escritos por *crossdressers* ou de autor@s que fazem uso desta categoria como justificativa do blog, abordar comportamentos que evidenciem o que as pessoas que se dizem *crossdressers* fazem quando acionam a categoria, ou seja, quando anunciam estar praticando o *crossdressing*.

Em outras palavras, busca-se compreender o que é a prática *crossdresser* através de uma literatura também tida como *crossdresser*, afinal, escrita por pessoas que fazem uso da autoatribuição da categoria. Através de ferramentas disponibilizadas pela plataforma de *blogging*, autor@s podem se expressar por textos, áudios, vídeos e fotos.

Em um mundo que tem se tornado cada vez mais pictórico, os blogs se apresentam como um conjunto visual - ainda que carreguem um texto - e que nos informam através de estímulos diversos. São estas múltiplas informações que se busca neste trabalho. Todos os estímulos fornecem pistas para compreender o que *crossdressers* pensam e sentem sobre o que fazem.

A pesquisa tem como grande inspiração o trabalho de Anna Paula Vencato intitulado “Existimos Pelo Prazer de Ser Mulher”: uma Análise do *Brazilian Crossdresser Club*. Sua pesquisa, efetuada entre os anos de 2007 e 2009, foi realizada com os membros do clube *Brazilian Crossdresser*, de início em pesquisas virtuais e posteriormente, acompanhando os eventos promovidos pelo clube.

Através desta inspiração, enveredou-se por outras propostas dentro da categoria *crossdresser*, buscando entender como as *crossdressers* se relacionavam com suas S/Os (sigla para a expressão *supportive other* ou *supportive opposite*, mulheres que dão apoio à *crossdresser* em sua prática e montagem¹), para depois, em um outro momento, evocar a proposta que atualmente se mantém: a literatura *crossdresser* explorada através de blogs.

Ao contrário dos trabalhos de Vencato (2009), Kogut (2006) e . (2010), esta pesquisa não utiliza a internet apenas como método ou forma de aproximação dos praticantes de *crossdressing*, fazendo da rede o próprio campo de pesquisa.

1 – (ou montagem) Transformação momentânea do corpo para a caracterização do outro gênero. Significa modificações corporais de diferentes graus e geralmente envolve o uso de acessórios, roupas, calçados, perucas, próteses e maquiagens. Usa-se também o verbo montar para se referir à ação de se proceder com a montagem.

1.1 A Prática do *Crossdressing*

A prática de vestir-se com roupas socialmente tidas como de outro gênero pode receber diversos nomes. *Drag queens*, *crossdressers*, travestis, *cosplayers* o fazem. Atrizes e atores em espetáculos assumem papéis diferentes dos comumente atribuídos ao seu gênero através do uso de vestimentas correspondentes a outro gênero. A pesquisa de Vencato (2009) ilustra as colocações acima quando a autora afirma ter encontrado na internet toda uma miríade de pessoas que se identificam com a ideia de vestir-se de “outro sexo” (grifo meu). Assim, há que se contextualizar a prática e deixar que quem a pratica dê nome a ela.

Vestir-se com vestimenta que remete a outro gênero desafia barreiras e estruturas de poder. “Emerge de um contexto onde a noção de subjetividade é desafiada, a identidade é percebida como capaz de ser construída, invenção, mudança.” (Hooks, 1999, p.145).

Em um mundo tão dicotomizado, essas práticas podem parecer, à primeira vista, esparsas, incomuns. Ekins (1997, p.11) não reluta em afirmar: “Embora o *crossdressing* e a mudança de sexo pareçam estar em lugar nenhum, eles estão em todos os lugares.”

Grosso modo, a prática de *crossdressing* se traduz em se produzir com acessórios tidos ou remetentes ao sexo biológico oposto ao daquele que veste. A definição ampla e que poderia ser usada para caracterizar outras práticas, é aqui usado em referência a homens que, por prazer e transitoriamente, se vestem como mulheres.

A adoção das palavras estrangeiras *crossdressing* (prática) e *crossdresser* (praticante) é mencionada por alguns autores (Kogut, 2006; Garcia et al., 2010) como uma forma de diferenciação da categoria travesti, que seria carregada de estigma em função do comércio do sexo, da violência e, como citam alguns interlocutores de Garcia et al. (2010), também em função da hormonização que as travestis lançam mão, em detrimento das *crossdressers* (esta última é a opinião de algumas interlocutoras e não consenso encontrado na referida pesquisa, tampouco na literatura).

O estrangeirismo em si, é explicado ainda pelo autor como um “global crossdressing”, ou seja, um fenômeno que expande para além de barreiras territoriais e que se explica pela identificação com movimentos que começam fora do país. Neste sentido, a Internet tem grande contribuição, uma vez que facilita o contato com ideias, fotos, discussões, vídeos.

Ainda sobre vocabulário, cabe explicar que dentro desta pesquisa, a partir deste ponto, os termos *crossdressing* e *crossdresser* não serão marcados como expressões estrangeiras, uma vez que se tornaram termo êmico. Admitir-se-á também, as abreviações cding para a prática e cd pra a praticante. Além disso, referir-se-á às praticantes na forma feminina, usando a @ para

indicar situações nas quais se admite o uso do feminino e masculino.

Vencato (2009) analisa que se existem diferentes formas de se praticar o crossdressing, ou ainda uma série de possibilidades que possam ser consideradas crossdressing. Essas práticas assumiriam significados diferentes para cada grupo, tendo em vista diferentes elementos sociais e subjetivos de que fazem uso seus praticantes.

Existe uma busca de legitimação para cada indivíduo, validando-a como experiência pessoal, diferenciando da prática de outros. Esses indivíduos não se veem como mulheres, tampouco querem sê-lo.

Tanto Bolich (2007) quanto Garcia et al. (2010) incluem o crossdressing nas identidades trans. O conjunto destas identidades é explicado de forma bastante didática por Jesus (2012) quando expõe que trans é a expressão popularizada da palavra transgênero, que corresponde a pessoas não-cisgênero, ou seja, pessoas que não se identificam com o gênero que lhes foi determinado (em geral, no nascimento).

Com relação ao pertencimento da categoria crossdresser às identidades trans, Garcia et al. (2010) coloca o cding como uma das identidades trans mais divulgadas atualmente, apesar de não haver, por parte de quem pratica, uma reivindicação de pertencimento à segunda categoria.

Já Bolich (2007) não tece grandes explicações à relação que faz entre crossdressing e transgeneridade, tratando a prática como forma única e significativa de se experienciar o self, mas também explicada como identidade trans, ainda que os praticantes não reivindiquem a segunda categoria mencionada. Considera que o trans da palavra transgênero é assumida ou entendida de formas diversas para diferentes pessoas. Para expressar tal ideia, o autor faz referência à expressão “vivências transgênero”.

Letícia Lanz, autora do blog Arquivo Transgênero (*leticialanz.org*), refuga a expressão “homem vestido de mulher”. Argumenta que a mesma “terá sempre o objetivo claro e inequívoco de patrulhamento de gênero, na medida em que desqualifica, diminui e rejeita homens que ousam desafiar a implacável interdição sociocultural que os proíbe de se vestirem com trajes considerados femininos.”

Garcia et al. (2010) acredita que o crossdressing possa servir de marcador de classe dentre outras identidades trans. Neste ponto, inclui o crossdresser, como as *drag queens* e as mulheres trans como pertencentes às classes médias e altas, em detrimento das travestis, pertencentes, geralmente às classes mais baixas.

A mudança do gênero masculino para o feminino, ou as mudanças realizadas para atingir tal intento, são consideradas por Ekins (1997) como um processo social básico. Mas

para entender a sua inserção na sociedade, há que se estudar a estrutura social para entender porque nas sociedades ocidentais ele foi tido como desviante.

Garber (1992) pontua que psicanalistas e psiquiatras parecem ainda negar o travestismo do feminino para o masculino, associando-o, inevitavelmente, à transexualidade. Stoller (in Garber, 1992) observa que o ínfimo número de mulheres que se vestem e vivem o tempo todo como homens são transexuais e não travestis. Elas não poderiam suportar relações sexuais com homens, vivem às voltas de mulheres somente. Essas pessoas então não teriam nenhum fetiche com roupas e vestir-se com roupas masculinas não teria para elas nenhum valor erótico².

Em geral as crossdressers vivem uma vida social como sujeitos do sexo masculino e se “montam” transitoriamente. Buscam espaços sociais e grupos onde possam compartilhar dessa experiência; uma busca por tolerância, respeito e às vezes até o anonimato.

Garcia et al. (2010), cuja pesquisa investigou um clube crossdresser virtual, mas cujo nome ele não cita (embora se suspeita que seja o BCC), liga a prática à construção de uma identidade feminina, que passa a coexistir à masculina. Esta identidade seria secundária à masculina – por ele referida. Uma de suas interlocutoras, inclusive, garante que o crossdresser de verdade não abre mão do sapo³.

Esta segunda identidade, no caso, feminina, seria composta por fatores bastante variáveis, mas que, em geral, giram em torno de montagem com roupas, acessórios, calçados femininos. A montagem pode também incluir outros procedimentos, como a depilação, o uso de esmaltes e próteses de silicone para os seios. Há ainda crossdressers que acreditam que a prática sexual heterossexual seja também premissa. Tanto quanto este ponto, a hormonização é também bastante questionada se crossdresser ou não.

O autor supracitado acredita que o grupo pesquisado atua na normatização do que é apropriado na construção da identidade feminina, a qual ele se refere como princesa. Estas normatizações surgiriam no sentido de se adotar comportamento que permita maior aceitação familiar e social na prática crossdressing. Vencato (2009) e Kogut (2007) – tendo esta segunda também usado o clube como forma de se aproximar do tema, mas cuja pesquisa fora norteadada pela psicanálise – percebem ambas este caráter normativo no clube.

É necessário apontar, no entanto, que Vencato não trabalha com a noção de identidade

2 – Opinião de Stoller que não expressa a da autora deste trabalho.

3 – Sapo corresponderia à personalidade masculina da crossdresser, em oposição à feminina, princesa. Estes termos aparecem como êmicos nos trabalhos de Garcia et al. (2010), Kogut (2006) e Vencato (2009). Neste trabalho, não se viu em nenhum blog o uso do termo, tampouco se identificou o uso pelos informantes.

crossdresser. Assim, para a pesquisa e trabalho desta autora, pode-se falar que o clube normatiza a prática e não a construção da identidade crossdresser.

Voltando à questão identitária, Bolich (2007) alega o quão centrais são o sexo e o gênero na cultura ocidental para a formação da identidade. Para expressarmos esta identidade, explica o autor, usamos as roupas que usamos, sobretudo, por razões sociais.

Questiona o que significariam as roupas para a pessoa comum. Se a divisão do trabalho, que divide as pessoas em gênero e idade, determina também quais roupas seriam adequadas para cada classe geracional, social e para os gêneros.

Em muitas culturas, a diferenciação entre os gêneros se dá através das roupas. As vestimentas também estariam ligadas à representação social de classes, papéis, riqueza e papéis sociais. Mas nota-se que vai além. Não se pode ignorar que elas estão ligadas ao clima, à influência da mídia e questões sociais e econômicas.

São as vestimentas que dão o contorno do corpo e também subvertem a conexão entre gênero e sexo. Neste sentido, Bolich (2007) aponta como grande falha dos estudos sobre crossdressing e crossdressers negligenciar a importância da vestimenta dentro das sociedades, em detrimento do gênero e do sexo.

Os tipos de montagens são diversos, bem como o grau de publicização da prática e de intervenções e mudanças corporais. Ekins (1997) acredita que a grande maioria das pessoas que passam do masculino para o feminino passa por diferentes ciclos e fases, por vezes parando em alguma ou retornando a um período anterior. Poucos são os que fazem a mudança completa de homem para mulher.

Alguns interlocutores desta pesquisa parecem relatar preferência por alguns artigos femininos específicos, como a meia-calça, associados com partes da montagem mais fáceis de serem removidos (como maquiagens e perucas). Outros colecionam roupas íntimas e saltos. É comum também ouvir que gostam desde a peruca, passando pela maquiagem, próteses para os seios, incluindo toda a vestimenta, sapatos e acessórios.

Apresentaram-se também mulheres trans que ainda gostam de falar sobre a prática do crossdressing por esta ter sido a sua “porta de entrada” e experimentação do universo feminino, propiciando a descoberta de que gostariam de se assumir como mulheres. A advogada transexual Luisa Stern conta em seu blog *culturacd.com* como sempre se sentiu uma mulher e que a comunidade crossdresser a acolheu em uma época em que gostava de se montar em casa. Aos poucos percebeu que, para além de gostar de vestir roupas e acessórios femininos, queria viver totalmente como mulher.

Em geral as crossdressers procuram incorporar em suas montagens elementos que as atraem e que acham bonitos, outras vezes sensuais ou aprazíveis. Ainda porque lhes parecem “verdadeiros”, ou tradutores do que seria ser mulher (Vencato, 2009). A autora diz ainda que, por vezes, as montagens parecem uma “paródia do real”.

Os achados para esta pesquisa comprovam esta percepção. Além disso, às vezes a combinação de peças destoa muito do que se considera usual. Outras vezes, pendem para roupas extremamente conservadoras ou o extremo oposto: de uma sensualidade explorada através de decotes, peças de tamanhos bastante pequenos e/ou coladas ao corpo e transparências.

Importante se faz separar a prática de orientação sexual. Garber (1992) pontua que vários estudos, inclusive alguns realizados por organizações travestis, sugerem que grande parte de travestis que se montam com certa frequência são heterossexuais, bissexuais ou casados. Os achados de Kogut (2006) corroboram com essa perspectiva: mais de 46% dos crossdressers por ela entrevistados mantinham relações sexuais com mulheres. Vencato (2009) também relata que, dentro da população de pessoas que praticavam o crossdressing e foram suas interlocutoras, a maioria era heterossexual.

Foram ouvidos para a pesquisa desenvolvida para o programa de mestrado praticantes que assumem diferentes orientações sexuais. Embora esta etapa tenha sido realizada em um primeiro momento, quando a pesquisa seguia uma proposta um pouco diferente, o intuito já era o de entender e analisar o comportamento crossdresser.

Parece válido ressaltar que a desconfiança de que o crossdressing esteja fatalmente atrelado à homossexualidade não é compartilhada apenas por mulheres que acabaram de descobrir a prática do companheiro crossdresser. Mesmo entre os que assumem a prática para a companheira, existe um dissenso dentro das possibilidades de desvinculação da mesma e da homossexualidade.

Aponta-se como exemplo o comentário de uma crossdresser no blog *pergunteaumamulher.com*. Diante da entrevista com a crossdresser Gisele que fora postada no blog, uma pessoa anônima que se identifica também como cd afirma categoricamente que 95% das crossdressers se vestem de mulher para transar com homens e que Gisele, embora se afirme heterossexual, apenas não tem coragem de se relacionar com homens, embora deseje.

Algumas cds contam com a ajuda de uma mulher que o apoie em sua prática e/ou o ajuda em suas montagens. Irmãs, primas, amigas, madrinhas, namoradas, esposas. A relação pode ser de amizade, afetivo-sexual ou ter qualquer outra motivação: não é a natureza dela que se apresenta como fator determinante, mas o apoio dado à cd.

Nem todas as crossdressers têm ou desejam ter uma S/O. Em pesquisa através de grupos de encontro de redes sociais da internet, algumas cds anunciam sua busca por alguém que as ajude na montagem e ofereça apoio à prática, não significando busca por parceria sexual.

2 O OFÍCIO ETNOGRÁFICO ENTRE BITS E BYTES

(...) I miss the earth so much

I miss my wife

It's lonely out in space

On such a timeless flight

And I think it's gonna be a long, long, time

'Til touchdown brings me 'round again to find

I'm not the man they think I am at home

Ah, no, no, no...

I'm a rocket man

Rocket man

Burnin' out his fuse

Up here alone (x2)

Mars ain't the kind of place

To raise your kids

In fact, it's cold as hell

And there's no one there to raise them

If you did

And all this science

I don't understand

It's just my job

Five days a week

A Rocket Man

Rocket Man

And I think it's gonna be a long, long, time

'Til touchdown brings me 'round again to find

I'm not the man they think I am at home

Ah, no no no...

I'm a rocket man

Rocket man

Burnin' out his fuse

Up here alone (...)

(Rocket Man - Elton John)

Compreender é primeiro compreender o campo com o

qual e contra o qual cada um se fez.

(Pierre Bourdieu 2005, p. 40)

@ astronauta prepara o pouco do que pode levar da Terra para o espaço. Mune-se de instrumentos que talvez não sejam necessários onde vive, mas dos quais não pode prescindir durante a viagem espacial. Despede-se d@s suas/seus. Tristeza pela partida; receio do desconhecido, do isolamento; medo de que não volte para casa. A missão é importante, mas el@ deixará um pouco de si em casa. Na memória, vai o que viveu na Terra.

Mas a vida no espaço é solitária e tudo o que viver na jornada ficará apenas consigo. Impossível não se deixar se afetar pela nova experiência. Ficará impressa em seu ser, mente e corpo. @ astronauta que volta não é @ mesm@ que partiu. A experiência @ modificou.

Se @ etnógraf@ (ainda?) tem se atido às sociedades da Terra, deslocando-se no espaço físico do globo, no tempo ou embreando-se em espaços virtuais, mantém em qualquer das possibilidades grande semelhança com as agruras vividas pel@ astronauta.

Assim como a pessoa que vai para o espaço sente falta d@s suas/seus, resente-se pelos hábitos que forçosamente não pôde manter e estranha o que encontra longe de sua terra, @ etnógraf@ se encontra abandonado em um “limbo” ao se abrir para o entendimento de uma sociedade ou grupo de atores sociais: o que reconhece como sua/seu deve ser separado; o que vem de outrem deve ser observado para ser compreendido.

Deve abrir-se para observar, entender e mapear comportamentos e regras sociais. Munid@s dos clássicos da antropologia, de teorias consagradas a respeito do que se propõe a estudar, @ etnógraf@ se lança. Esforça-se por se separar da cultura na qual está imers@, estranhá-la e se posicionar de forma a observar a de outros grupos para apreendê-la.

Distante geograficamente de sua terra e lidando com uma cultura tida como “exótica”, em um grupo urbano situado na cidade que reside, mapeando um espaço virtual que se destaca da ideia clássica de espaço e tempo ou mesmo incumbido da tarefa de estudar um grupo do qual faz parte, @ etnógraf@ encontra-se entre duas realidades.

Ainda que munid@ de manuais que recomendam e descrevem o fazer, @ etnógraf@ em campo é sempre “abandonad@” entre duas realidades. Não à toa Da Matta (1978) cunhou o termo “anthropological blues” para dizer deste “não-lugar”, entre o se familiarizar com o exótico e estranhar a cultura de onde se veio.

À parte disto, a citação do trecho de Bourdieu cabe bem na tentativa de entender o campo eleito para o trabalho. Tentar-se-á aqui fazer uma breve incursão pela etnografia virtual ou netnografia, no intuito de compreender como surgiu, seu espaço e sua abrangência no mundo atual.

Talvez já estejamos em um momento no qual etnografar na internet não seja mais tão duramente questionado em sua validade. A internet não é mais tida como realidade à parte das socializações offline. Acredita-se aqui também no continuum entre on e offline e não em uma fragmentação ou em realidades cindidas.

E é com esta crença que se propõe este trabalho à análise dos blogs crossdressers, pensando nestes como uma forma de compreender como as pessoas validam a prática, que comportamentos anunciam quando praticam o crossdressing, se elas se montam e como o fazem.

Blogs foram as plataformas escolhidas por sua característica de personalização, pela facilidade de manuseio e pela popularidade. A ferramenta permite a comunicação com muitas pessoas, do assunto que se deseja, com imensa possibilidade de customização.

Há mais de uma década as pessoas têm utilizado os blogs para falar dos mais diferentes assuntos. Uma estima que extrapola o uso pela pessoa física, alcançando as jurídicas e as instituições, sem nunca perder de vista o objetivo que parece nunca se tornar impopular: o diário pessoal.

Tornou-se comum falar em “blogosfera”, que seria a representação virtual de toda uma coletividade de blogs. É comum que blogueir@s tenham interesse em se conhecer dentro e fora da rede, leiam os blogs umas/uns d@s outr@s, principalmente em blogs direcionados a um mesmo público ou assunto. Ainda que as crossdressers não tenham utilizado esse termo nos blogs analisados, faz-se uso dele aqui por se entender que é um contexto amplo, do qual blogueir@s fazem parte, ainda que o desconheçam ou não mencionem a abrangência, a amplitude do “mundo dos blogs”.

Muitas são as plataformas de blogging que podem ser utilizadas. No Brasil duas são as plataformas mais comuns: Blogger e WordPress. Possuem serviços gratuitos, que podem ser melhorados quando adquirido planos ou através do pagamento de mensalidades.

Para começar um blog, @ usuári@ escolhe a plataforma e inscreve-se, seguindo as instruções para se tornar usuári@ da mesma. Para que o blog tenha uma “cara”, é necessário que a pessoa adote um template.

Template é um “modelo de documento”, a apresentação visual de um site. Um padrão de layout que tem uma estrutura pré-definida. O template não tem conteúdo, apenas os campos para preenchimento dos dados que irão compor o website. Ele compreende as formas gráficas, as cores, as fontes tipográficas que vão dar um estilo ao site. Desta forma, as pessoas podem usar templates iguais e ter um blog ligeiramente diferente, mas, de alguma forma, com o mesmo padrão.

A plataforma blogger disponibiliza diferentes modelos de templates gratuitamente, mas também pode ser encontrada na web uma infinidade de modelos gratuitos ou pagos, dos mais variados estilos. Esses templates podem ser personalizados, mantendo a estrutura original (disposição dos campos para preenchimento com dados), porém com imagens, cores e fontes tipográficas diferentes.

Os templates, quando disponibilizados pela plataforma Blogger, em geral permitem poucas possibilidades de personalização. Pode-se mudar cor, tamanho e estilo da fonte ou mesmo trocá-la – desde que seja uma das fontes disponíveis na plataforma – e também trocar o background (imagem de fundo).

Outros templates disponíveis na internet, sendo gratuitos ou pagos, via de regra, oferecem maiores possibilidades de personalização. Envolvem, para além de mudanças de fonte e background, mudanças na própria estrutura e disposição de elementos na página.

Em geral, quando se busca um blog ainda mais personalizado, com design e layout únicos, inéditos, é comum que se encomende a um@ profissional habilitad@ para o seu desenvolvimento. Este tipo de investimento é geralmente realizado por pessoas que buscam algum tipo de projeção com o blog, seja pessoal ou profissional.

Para tornar a experiência d@ visitante mais interessante, é possível incrementar as funcionalidades do blog com widgets, pequenos aplicativos que desempenham funções de interação com @ leitor@, como botões, barra de rolagem, menus, ícones, dentre outras possibilidades. Ao serem acionados ou clicados, geram algum tipo de resposta no blog. Para ilustrar, cita-se aqui o exemplo de uma caixa de busca que @ usuári@ escolhe inserir em seu blog para que leitor@s façam buscas dentro deste e também botões com ícones de redes sociais que, ao clicados, direcionam @ leitor@ ao perfil d@ blogueir@ nas mesmas.

Tão forte é a popularidade do blog enquanto ferramenta, tamanha a influência, que algumas pessoas tornaram a atividade de blogar em profissão: blogueir@. Uma parcela muito

grande das pessoas que se assumem blogueir@s versam em seus blogs sobre moda e sobre como a experimentam/vivenciam. Mas esta não é exatamente uma regra e há blogueir@s escrevendo sobre muitos outros assuntos: tecnologia, viagens, futebol, política, decoração – para citar alguns temas bastante populares.

É comum que a ocupação tenha se tornado rentável em função da publicidade virtual estar se tornando cada vez mais popular. As empresas que querem anunciar seus produtos fora da televisão, revistas e veículos mais tradicionais procuram blogs de grande visibilidade e influência para anunciarem seus produtos através de banners ou publicitários, mediante pagamento acordado com @s don@s de blogs.

Os banners costumam ter um preço fixo, calculado pel@ autor@ do blog e é um espaço vago – análogo aos outdoors – que as empresas compram para veicular uma peça publicitária. Os publicitários são posts escritos pel@s blogueir@s sob encomenda de uma determinada empresa.

Para atrair anunciantes, é comum que blogueir@s montem seu mídia kit, ou kit de mídia. Através deste, mostra-se atrativos de blogs e pode-se optar também por anunciar preço dos espaços publicitários. Mostra-se também premiações e rankings do blog (existem hoje estudos não-científicos que calculam os blogs mais lidos por segmento), layout do blog com indicações do posicionamento dos anúncios e outras informações que possam atrair anunciantes.

Blogs geram opinião e visibilidade de produtos não só por atraírem muit@s leitor@s, mas muitas vezes por contarem também com um público fiel, que muitas vezes “assina” o blog ou site através de programas agregadores, que sinalizam à/ao leitor@ que o site ou blog que el@ segue postou nova notícia, post ou informação. Assim, agências que focam a mídia digital primam não só por espaços com muit@s seguidor@s, mas também por pessoas que sejam influentes dentro de um determinado segmento.

A plataforma de blogging Blogger, utilizada por todas as blogueiras crossdressers analisadas, é um exemplo de espaço que oferece opções múltiplas de espaços para publicidade, que podem ser utilizados – dentro das normas da empresa – à escolha d@ blogueir@.

Para a escolha dos blogs neste estudo, elegeu-se primeiramente o critério da autoatribuição: @s blogueir@s deveriam atribuir-se a categoria crossdresser e esta deveria estar expressa no título ou na descrição deste blog. Ainda que os blogs não pudessem ser identificados como ligados a uma pessoa (autora) somente, prevaleceu o critério atributivo.

Afixado este primeiro critério, partiu-se para a eleição dos blogs de uma forma mais imparcial: através de sites de buscas. Assim, foi determinado um número mínimo de resultados a serem considerados e então relegou-se aos mecanismos do que se acredita ser o mais popular site de buscas – o Google – o cruzamento de informações por ele utilizado para elencar os blogs que seriam estudados. Sabendo que os resultados obtidos podem variar diariamente, determinou-se que a primeira busca seria determinante. Em seguida, mediante os achados, foi também escolhido o número de blogs para análise.

Há no próximo capítulo explicação sobre como funciona o mecanismo de busca utilizado e também sobre como os resultados da busca considerados para a pesquisa foram os que se obteve na primeira tentativa realizada.

2.1 Breves Interpretações

A reconfiguração do pensamento social trazida à tona por Geertz (2002) permite que as analogias utilizadas pelas ciências humanas tenham maior relevância para o entendimento sociológico. O modelo explicativo foi deixado um pouco de lado para ceder espaço para um modelo mais interpretativo.

Dentre as características da reconfiguração da teoria social, está a analogia com textos, adotada por vári@s cientistas. Geertz (2002) considera que não é usada de forma precisa, o que constitui um problema. Nesta fórmula, a teoria social é comparada à interação d@ escritor@ com @ leitor@.

A ação como discurso pode ser entendida como texto quando registrada. A observação é subjetiva, afinal, passa necessariamente pelas percepções d@ pesquisador@. Estas são rotineiramente reproduzidas na escrita.

Aquel@ que reproduz traz também nos trabalhos etnográficos a ideia de “autoridade etnográfica”. Ela está baseada na aposta de que a sensibilidade de um@ pesquisador@ que se propõe a estudar, entender um outro, de entender um contexto que não o seu a partir de todo um conhecimento teórico e prático acumulado. El@ observa, participa e anota os dados que colheu e construiu suas impressões. Formula teorias. E mais tarde compõe um texto voltado à leitura de terceir@s.

Em uma pesquisa na internet, as páginas pesquisadas podem ser descritas de forma minuciosa, mostrando à/ao leitor@ cada parte, acesso a link, vídeo e imagem. Embora @ leitor@ possa, com base nos dados ou link providos, fazer o acesso por el@ mesm@, deve-se

garantir que se descreva o ambiente virtual como um ambiente, deixando claro as relações entre os seus componentes.

O que @ leitor@ deverá ler, portanto, resultado de uma incursão na internet, deve extrapolar o que el@ pode verificar com seus próprios olhos. A internet, mesmo com suas surpresas, pode não constituir campo tão exótico, principalmente em se tratando de realidade tão presente hoje. @ etnógraf@ deve fazer um mergulho profundo nas relações sociais que se estendem ou se reproduzem no ambientes de bits e bytes.

Como questionar, então, a dita sensibilidade que advém de experiência? O que ou quem comprova a capacidade de se fazer uma boa etnografia? Classicamente esta questão seria respondida afirmando-se que aquel@ que teve uma formação acadêmica para tal, foi a campo por tempo suficiente, contou com informantes. Nesse caso, o que dizer de Maurice Leenhardt, mistura de missionário e etnógrafo? Como questionar então a “autoridade” de alguém que, contrariando os preceitos antropológicos, aproximou-se dos melanésios não apenas para observá-los e entendê-los, mas sinceramente interessado em suas almas?

Essa questão leva a outra inexatidão ou subjetividade no trabalho etnográfico que seria a possibilidade de permitir que a afetividade seja parte dela.

Ser afetad@, ou considerar o afeto no trabalho de campo, pode ser entendido como uma modalidade metodológica. Há muito @s autor@s da antropologia têm negado o papel/espço do afeto nas produções, ora o considerando apenas um produto da construção cultural, ora abandonando-o ao desaparecimento ao relegá-lo à representação. Mas desde quando pode a Antropologia estar focada apenas nos aspectos intelectuais e racionais? (Favret-Saada, 2005). Os aspectos afetivos devem ser considerados.

É possível fazer da participação um instrumento de conhecimento? Apenas se se deixa afetar, talvez? Favret-Saada (2005) sugere em seu texto que foi apenas se expondo e se deixando afetar que pôde entender racionalmente. Quantas vezes @ etnógrafo@ é convidad@ pelo grupo a adentrar, ser parte do fenômeno estudado? É com certeza uma pergunta retórica.

Aceitar participar do grupo que se propõe observar não é passar a conhecer os fenômenos por simples empatia. Principalmente se se entende que empatia consiste em experimentar as sensações de outrem indiretamente; é fusão, comunhão afetiva, identificação com @ outr@.

Quando @ etnógraf@ aceita vivenciar o fenômeno, deixa-se afetar. Talvez isso não instrua sobre @ “outr@”, não forneça uma cartilha para o entendimento do que se veio observar. Mas a abertura modifica, acrescenta aos conteúdos d@ própri@ pesquisador@. Não há milagres neste sentido. A não ser que o milagre que se queira alcançar seja um canal de

comunicação com @ outr@, em um nível que só aquel@s que puderam experimentar determinada coisa possam falar sobre. Ou simplesmente partilhar.

A esta pesquisadora, para além de metodologia, deixar-se afetar para chegar ao outro é questão de escolha mais proveitosa e inteligente, uma vez que @ etnógraf@ não é detentor@ da verdade. Não é instrumento vazio. Como ser humano, carrega seus conteúdos íntimos, está submers@ em sua própria cultura.

@ cientista social que se propõe a estudar a sexualidade de outrem, inevitavelmente põe sua sexualidade em campo. Ao querer saber da sexualidade d@ outr@, de suas práticas e preferências, @ pesquisador@ é geralmente questionado sobre as suas. Mas talvez esteja aí a forma de se deixar afetar nas pesquisas sobre sexualidade: dar um pouco de si ao trocar ideias e experiências aproxima as pessoas, abre canais de comunicação.

Deixar-se afetar nos moldes em que se propõe Favret-Saada (2005) abre questão delicada para @ pesquisador@. Vir a participar, para ser afetad@, de um grupo de swing, de festas onde há interação sexual, põe em jogo, no mínimo, questões éticas.

Foi grande escândalo para a comunidade antropológica quando da data da morte de Malinowski, sua esposa decide publicar seu diário de campo. Cai então por terra o mito d@ pesquisador@ de campo que consegue se adaptar totalmente a qualquer costume ou ambiente onde esteja; é necessário esforço para ser paciente e ter jogo de cintura em qualquer grupo que se vá pesquisar.

O grande choque não foi somente pelo fato da publicação ter escancarado a dificuldade que na verdade se impõe a/ao etnógraf@ durante o trabalho de campo. Afinal, não há facilidade – nem mesmo para @ pesquisador@ imbuíd@ do puro espírito de pesquisa – afastar-se geográfica e simbolicamente de seu mundo para imergir no do outro. Mas também porque ficaram visíveis todas as coisas desagradáveis que o grande patenteador da famosa metodologia etnográfica dizia e pensava sobre os nativos.

Se não na época, a questão traz agora oportunidade de se encarar séria questão que se apresenta com sinceridade a tod@ pesquisador@ de campo: como chegar a conhecer o que o outro a ser estudado vê, sente e pensa do mundo? Geertz (1997) calcula que esta questão epistemológica vem sendo debatida na antropologia nos últimos dez ou quinze anos.

Talvez a questão seja mesmo entender qual a melhor maneira de conduzir uma análise antropológica. Uma boa forma é buscar descobrir com aquel@s a quem se estuda o que el@s acham que estão fazendo. Deixar que aquel@s que atuam, que praticam, que realizam, deem nome às suas próprias práticas.

Esta pesquisa partiu desta premissa: quem assume a prática é que deve dar nome a ela para começar a incursão. A iniciativa trouxe à tona uma diversidade de práticas ou de nuances da prática.

Essa questão é de extrema importância em qualquer campo de trabalho. Talvez mais delicada quando o que se investiga é a sexualidade de outrem. Se a antropologia pôde ser brilhantemente descrita como uma “licença intelectual para caçar em terreno alheio” (Kluckhohn APUD Geertz, 1997), é necessário lembrar que o alheio é desconhecido e que é est@ outr@ quem deve dar nome ao que faz, ainda que o fenômeno configure-se, como coloca Geertz (1997), como uma experiência próxima. Desta forma, está mais suscetível de nomeação por parte d@ pesquisador@ que consegue conectá-la a algo que exista em sua cultura, em oposição ainda a uma “experiência distante”.

Nos estudos sobre a sexualidade, muitas das práticas estudadas podem se configurar para @ etnógraf@ práticas distantes, se não fizerem parte de suas escolhas como indivíduo, envolvendo um fazer diferente do que escolhe para si. Mas pode el@ se deparar ou escolher estudar o grupo do qual faz parte. Que não caia, neste caso, na armadilha de achar que pode falar pel@ outr@, de dar nome às suas práticas e experiências. “@ outr@” deve ser sempre terreno inexplorado, desconhecido e de propriedade de quem o é.

Faz-se necessário que se valorize e reconheça a fala nativa. Não é @ pesquisador@ o detentor@ da verdade. El@ deve ter olhos para enxergar e ouvidos de ouvir: o que vem de outrem e não o que el@ acha que viu e ouvir misturado às suas percepções. Há que se ter sensibilidade. Trabalhando com um campo no qual a visualidade está tão patente quanto a textualidade, há que ser sensível para conjugar todos os estímulos – e a falta deles.

2.2 Mapeando o ciberespaço

2.2.1 Breve histórico da etnografia virtual e problematizações

Montardo e Rocha (2005) acreditam que o tema da cibercultura seja encontrado nas práticas sociais com grande facilidade e apostam na netnografia como ferramenta que proporciona a/ao pesquisador@ acesso a fenômenos específicos da contemporaneidade, o que incluiria “a virtualidade, a desmaterialização e a digitalização de conteúdos, formas, relacionamentos, produtos e etc” (p.4).

Para se referir à realização da etnografia em espaço virtual, não só este termo é empregado. “Netnografia” é uma outra forma de se referir ao trabalho de campo nestes moldes.

O termo netnografia foi primeiramente usado para se referir a uma parte da investigação etnográfica que acontecia em meio virtual. Metodologicamente, relacionava-se ao movimento de seguir os atores sociais para além do meio físico ou offline (Amaral, Natal e Viana, 2008). Configurava-se assim, não uma metodologia que englobava o começo, meio e fim da pesquisa, mas uma parte dela.

A vertente começou a ser explorada no Brasil a partir do surgimento de comunidades virtuais, no final da década de 1980. É um método qualitativo e amplia o leque epistemológico dos estudos em comunicação e cibercultura. Sobre a etnografia clássica, apresenta vantagens, tais como o fato de consumir menos tempo, ser menos dispendiosa e ser também menos invasiva, embora perca por não poder prover toda uma gama de comportamentos gestuais e o contato presencial (Amaral, Natal e Viana, 2008).

A dicotomia on/offline pode ser observada desde o início das pesquisas antropológicas no ciberespaço. Hoje já se sabe que o ciberespaço não constitui espaço desligado da vida das pessoas. É extensão, espaço contíguo e para algumas vivências, espaço único, experimental e possível.

Essa “nova” forma de fazer antropológico abre espaço para muitas discussões e questionamentos, colocando-se de forma distinta ao que foi solidificado como o patente fazer antropológico. Malinowski, no início do século XX, propôs uma sistematização do fazer antropológico, determinando a respeito da coleta de dados e da formação acadêmica que o trabalho demandava. Assim, o trabalho de campo – como passou a ser entendido – legitimou os dados obtidos pel@s pesquisador@s que, tendo recebido treinamento acadêmico, deslocavam-se geográfica e simbolicamente para observar, participar das atividades do grupo estudado (a esta metodologia Malinowski deu o nome de “observação participante”) e relatar essas vivências (Parreiras, 2006).

Os relatos do que se percebe e se vivencia, deveriam ser feitos em um diário de campo. A junção destas três propostas – deslocamento, observação participante e relato no diário de campo - foi por muito tempo a forma clássica e autêntica de se fazer um bom trabalho etnográfico.

Desde sempre a prática etnográfica tem sido questionada em relação a sua objetividade ou validade e, mais recentemente, as noções realista e naturalista vêm sendo reavaliadas, fazendo com que os registros etnográficos se deem não mais a partir de objetos culturais

preexistentes e objetivamente observados, mas a partir da descrição de uma realidade inevitavelmente construída. Estas tendências têm constituído a chamada crise na etnografia, que ameaçaria a pretensão desta metodologia em representar a cultura ou de produzir conhecimento autêntico.

Porém, esta crise, em vez de sugerir o abandono da metodologia, seria uma oportunidade para sua revisão e reformulação, propondo novas aplicações e estratégias criativas. E nessa perspectiva reformulada, a Internet entra como um novo objeto de estudo etnográfico, levando em consideração todas as temáticas que ela traz.

O texto virtual não é apenas um texto de fácil acesso. As entrevistas, quando realizadas, já nascem transcritas: basta que sejam transferidas do local onde foram realizadas para o arquivo onde serão formatadas.

Muito do fazer antropológico se modificou desde então. Para citar algum, os tidos “povos distantes” deixaram de ser o único foco de interesse da disciplina e sociedades próximas ganham enfoque. Estudos considerados contemporâneos têm se ocupado do questionamento de um saber e fazer construído até então.

Muito já se criticou sobre o processo de virtualização, como se ele oferecesse simulacro ao “real”, ou como se o avanço tecnológico fosse obstar a socialidade. Em contrapartida, outr@s teóric@s rechaçam essa ideia, argumentando que não passa por aí (se é que se pode de alguma forma julgar a autenticidade da vida do outro por termos de vivências “reais” em oposição às tecnológicas). Não se deve tomar o online e offline como meios muito cristalizados.

O ciberespaço dá espaço a diferentes realidades, formas de interação e conceitos com os quais talvez não tivéssemos que lidar antes. Quase todas as pessoas estabelecem algum tipo de relação na/com a internet. Assim sendo, a disciplina e seus métodos precisaram ser revistos para se adequarem teoricamente ao tempo, ao espaço e à linguagem usados online.

Na internet, o etnógrafo não se desloca no espaço, apenas existencialmente (Hine, 2000). Não precisa ir geograficamente a lugar algum, mas não se furta do encontro com o outro e inevitavelmente, com o estranhamento do que é seu.

O estudo etnográfico na Internet apresenta diversos problemas, como a falta da comunicação cara a cara, a não presença física d@ investigador@ com @s participantes do estudo, da falta da “viagem” ao campo; questões que poderiam influenciar na autenticidade do estudo. Porém, na etnografia da Internet, visitar um site na rede tem como propósito viver a experiência d@ usuári@ e não se mover de lugar. @ etnógraf@ da Internet, de onde quer que esteja, pode explorar espaços sociais e descrever como fez para chegar ao site; é a descrição

de sua experiência. Assim, mesmo sem @ investigador@ sair fisicamente de seu lugar, a relação entre etnógraf@, leitor@ e o sujeito da investigação está mantida (Hine, 2006).

A autora ainda cita outros pontos favoráveis à netnografia. Esta interação mediada por máquinas – considerando a validade de todo tipo de interação –, distante de se tornar artificial, é fluida, dinâmica, móvel. Multi-situada. Defende então que a etnografia não deve ficar refém de um lugar físico, uma vez que as sociedades e culturas não são produtos diretos de um local.

Uma questão que tem se tornado polêmica e controversa é a da autenticidade dos dados coletados, uma vez que o aparato tecnológico, o ambiente virtual proporcionaria aos sujeitos acionarem no ciberespaço identidades diferentes das que utiliza offline.

A questão traz à tona discussões sobre identidades e vale a pena que se questione a fluidez destas. Se se considera a possibilidade de que as pessoas assumam diferentes identidades ao longo de suas vidas e que estas não sejam estanques, pode-se entender também que conteúdos trazidos por uma pessoa em um ambiente online, também fazem parte dela, mesmo que difiram do que se assuma na vida offline, como evidencia o estudo dos blogs que é apresentado nesta pesquisa.

Muitas são as crossdressers que puderam descobrir através da internet que outras pessoas fazem e buscam as mesmas coisas, assumem de forma semelhante uma vontade de se vestirem com roupas femininas. Para além de poderem dar nome à sua prática, a internet foi/é meio de identificação e desenvolvimento de uma identidade que passa a fazer parte deste indivíduo. Ainda que de forma apenas virtual para algumas – o que Vencato (2009) identificou como “cbs virtuais” em um contexto no qual a virtualidade excluía o conhecimento daquela crossdresser por outra pessoa – é algo que passa a fazer parte da vida, mesmo que não expressa com liberdade quando o computador é desligado.

É válido lembrar que a etnografia feita na internet também envolve observações, participações d@ pesquisador@, textos e diálogo com @s pesquisad@s (Miller e Slater, 2006). A pesquisa etnográfica online não difere da offline no sentido de que a segunda, como a primeira, envolve as subjetividades d@ pesquisador@ e d@s pesquisad@s, garantindo a dimensão dialógica e o encontro etnográfico.

Pensar em uma etnografia na internet é considerar uma etnografia inclusiva. É considerar que a internet é uma das maiores expressões da atualidade e que, de alguma forma, quase todas as pessoas estão se relacionando também virtualmente. Hart (2004) lança a questão de que a etnografia na internet passa por questões da experiência individual d@ pesquisador@ no meio. Mexe com a questão da sua socialização. A proposta deste presente

trabalho não receia e vai além: sabe-se que não é só a socialização da pesquisadora que estará em campo, mas, inevitavelmente, também a sua sexualidade.

2.2.2 A Escolha Metodológica

À primeira vista, talvez suponha a ideia de pesquisa etnográfica através de campos virtuais menor dificuldade pela facilidade ao acesso à milhares de conteúdos diversificados, informações, plataformas e redes sociais. Mas não é. A facilidade é mascarada pelos caminhos sem-número que são ofertados, fazendo com que @ pesquisador@ facilmente se perca.

A internet oferece facilidade de acesso a conteúdos, interações humanas, expansão de possibilidades. Na atual realidade tecnológica, o acesso à internet é relativamente fácil e grande é a camada da população que faz uso da internet. Seja em casa, seja nas chamadas lan houses – estabelecimentos comerciais que estipulam um valor pelo uso da internet, cobrado por fração de minutos ou horas – ou ainda no trabalho e casa de amigos.

Castells (2003, p.7) se refere à internet como “o tecido das nossas vidas”, em uma comparação na qual emparelha a tecnologia de informação para o mundo atual com o que teria sido a eletricidade para Era Industrial. Tanto a fonte de energia quanto a de informação seriam capazes de grande distribuição de um tipo de força. A, saber, a internet distribuiria informação, conectando as pessoas em uma grande rede.

Segundo o IBOPE Media (unidade de pesquisas do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística, responsável por pesquisas sobre o consumo nos meios digitais), em medição realizada no segundo trimestre do ano de 2012, 94,2 milhões de brasileiros têm acesso à internet. Esse número inclui pessoas acima de 16 anos e engloba acessos em ambientes diversos: domicílios, lan houses, trabalho e escolas.

Seja para pesquisa, seja para ter acesso a conteúdos que não circulam fora da rede, seja para fazer contato com outras pessoas, a internet faz parte de grande parcela da população brasileira. Tendo, portanto, @ etnógraf@ eleito a internet como campo de pesquisa, terá a seu favor uma facilidade do acesso a ela que vem aumentando.

Mas saber as pessoas online não garante uma pesquisa livre de problemas. A internet é campo tão amplo, que se torna, para @ pesquisador@, improvável, impossível de abarcá-lo totalmente.

Desde os tempos da etnografia clássica, na qual @ pesquisador@, imbuído da vontade de compreender povos tidos como “exóticos”, distanciava-se geograficamente, a

dificuldade de apreensão global já era algo discutido. A vida social não se apresenta planamente, como uma página textual pronta para a leitura.

Apreender a realidade social dentro da realidade online - que é também realidade – não mais pode ser considerada metodologia secundária, ou menos importante. Ainda que a sociabilidade clássica seja a face a face, a interface gráfica não pode ser mais compreendida apenas como uma simples mediadora dos encontros e contatos sociais.

Para a referida pesquisa, decidiu-se pela pesquisa online depois da constatação de que os sujeitos participantes do universo abarcado não só reuniam-se em redes sociais, mas também escreviam sobre a prática que seria estudada, falavam de suas vivências dentro dela, mostravam suas fotos demonstrando em se dizendo do meio. Em outras palavras, há um mundo crossdresser na internet (e teóric@s que estudaram a temática anteriormente⁴ revelaram a grande importância deste conteúdo online e da possibilidade de que as pessoas possam encontrar seus pares e conseguir dar nome ou entender o que estão fazendo através do contato e relato de outros). Então, foi-se atrás de observar este mundo.

Ademais, não se espera saber do comportamento das crossdressers para além da internet, entendendo que este “não-lugar” que é o ciberespaço é um espaço onde a vida se expande, continua. E, sobretudo, onde se vive também. Para muitas crossdressers, este é o espaço onde podem vivenciar a prática sem amarras, com maior liberdade. Há informações, há possibilidade de encontros sociais, trocas de ideias. E também de expressão.

O grande problema é que, nas redes sociais, como também nas outras plataformas e interfaces, os campos de análise funcionam como caixas inseridas dentro de uma maior, como se fosse fisicamente possível perpetuar esse movimento de tirar caixas menores de dentro de maiores, sem que as caixas se tornassem destituídas em termos de matéria, passando a se tornarem partículas somente. Além do quê, as caixas teriam janelas ou atalhos para se conectarem umas às outras. Como uma rede neuronal, as possibilidades são infinitas.

Por mais estranha que a ilustração pareça, a prática da pesquisa na internet trouxe à pesquisadora um sentimento de apreensão diante dos múltiplos desdobramentos apresentados.

A possibilidade de se fazer pesquisa etnográfica, observar e entrevistar o outro no campo virtual faz parte de discussões que pensam novas formas de um fazer antropológico.

Dentro deste raciocínio, cabe, como extensão desta proposta com possibilidade da observação participante, através da circulação e atuação da pesquisadora nos mesmos ambientes virtuais que os sujeitos em questão.

4 – Garcia et al. (2010), Kogut (2006) e Vencato (2009).

Amaral (2003) propõe que o computador seja para @ pesquisador@ da Antropologia uma opção que extrapole as possibilidades de tratamento ou organização de dados. Enaltece as possibilidades qualitativas de pesquisa que se pode encontrar na internet.

O texto desta teórica tem hoje mais de 10 anos, mas talvez não se possa ainda afirmar com certeza que a internet é um campo consolidado de investigação para as ciências sociais, embora caminhe neste sentido. Em um momento histórico no qual as mudanças acontecem de forma vertiginosa e em uma atualidade na qual não se pode mais negar a existência de uma realidade online, ignorar a pesquisa online é ignorar parte da vida social.

Ainda assim, Amaral (2003) enfoca pontos pelos quais se deve repassar para recordar os motivos e porquês da importância da pesquisa online, bem como suas possibilidades.

A internet serve de fonte de dados e conexão com bibliotecas fisicamente distantes. Em outras partes do mundo, materiais textuais como artigos, dissertações e teses podem ser adquiridos mediante a apresentação de um cartão de crédito internacional. Hoje, no ano de 2014, as possibilidades de compras se expandiram vertiginosamente: quase tudo o que se encontra em lojas físicas é vendido também online, fazendo com que grande parte das lojas físicas – de materiais novos ou usados – tenham também a sua loja online.

Além disto, a construção de um website está hoje atrelada à existência física das instituições, lojas, entidades. É uma forma de assegurar o acesso a, a troca de informações ou mesmo afirmar a própria existência. Em termos de mercado, não estar na internet hoje talvez signifique a não existência ou a menos valia no mundo “físico”.

Assim, estar na internet de alguma forma não é privilégio para grupos ou instituições. O individual marca a sua presença. Pessoas querem ter seus “espaços” individuais através de blogs, sites, perfis nas redes sociais.

A troca de informações na internet é de vastidão inquestionável. Dornelles (2004) explica que a comunicação na internet é uma comunicação em massa, no sentido de ser ampla, anônima e heterogênea. Se comparada ao sistema de comunicação da televisão, esta seria entre “um” e “muitos”, enquanto a internet se enquadra em configuração de “muitos” para “muitos”.

2.2.3 Os blogs – suas possibilidades, histórico e razão de escolha

Os blogs não são exatamente novidade dentre as possibilidades na internet. Novas plataformas surgem em velocidade vertiginosa, redes sociais se multiplicam. Com rapidez,

algumas caem em desuso, outras se solidificam. Os blogs têm seguido firme, com novas propostas e usos.

Os blogs não são de uso exclusivo de pessoas físicas, são também usados por pessoas jurídicas que intentam um diálogo menos formal e conteúdos menos estanque com o cliente. É que sites ainda requerem conhecimentos de programação, montagem de layouts. Conhecimentos tecnológicos detidos pelos que gostam do assunto ou atuam profissionalmente em áreas correlatas.

Já as plataformas de blogging são como livros de scrapbooking: um conjunto de ferramentas disponível para que páginas “em branco” fiquem com a cara e o conteúdo desejado por quem o monta. Dependem mais da criatividade do que do conhecimento no assunto. Texto, figuras, imagens, vídeos, fotografias: muitas são as mídias suportadas pelas plataformas.

Os blogs foram, portanto, a proposta mais pessoal e ao mesmo tempo democrática que a internet poderia oferecer em termos de pesquisa. Embora as pessoas busquem cada vez mais a internet para se ligarem a outras através de redes sociais, o blog é um projeto de uma pessoa, autêntico em suas particularidades e também autoral.

Os blogs já não encerram em si apenas o desejo de um diário virtual. É possibilidade de um assunto específico, de debater ideias variadas, falar de si, fazer um manifesto, partilhar experiências e cabem aqui outras tantas possibilidades.

Se foram escolhidos dentre outros canais de expressão na internet, é porque os blogs, descendentes dos diários virtuais, guardam ainda em si essa potencialidade de expressão individual. Ainda que nas redes sociais as pessoas tenham perfis, as possibilidades de conteúdos são restritas. Os blogs são moldáveis, são de fácil acesso e não requerem conhecimento de programação. Permitem ainda uma comunicação com leitor@s através dos comentários. Há criação e possibilidade de diálogo.

Os blogs foram, em um primeiro momento, conhecidos como weblogs. O nome da plataforma, assim batizados por Jorn Barger nos anos 1998, fazia referência a um conjunto de sites que compilavam links de interesse geral. Weblog é a junção de duas palavras da língua inglês e para Barger definia a atividade de conectar-se (logar-se – *to log*) à internet (Amaral, Recuero e Montardo, 2009).

Na definição de Schmidt (2007, p. 1409):

Weblogs, or “blogs,” are frequently updated websites where content (text, pictures, sound files, etc.) is posted on a regular basis and displayed in reverse chronological order. Readers often have the option to comment on any individual posting, which is identified by a unique URL.

No ano de 1999, época em que os sites de buscas não eram ainda muito populares, Jesse James Garret, pesquisador e desenvolvedor de tecnologias WEB começou a compilar os blogs existentes na rede até então. A ideia era montar uma lista que facilitasse o acesso aos blogs. 23 foram encontrados à época (Blood, 2000).

Em julho de 2007 um outro mapeamento fora realizado. Detectou-se que um número entre 50 e 85 milhões de blogs estariam na rede (Schmidt, 2007). Mas há que se considerar que a dinâmica dos blogs é também intensa no seu surgimento, abandono e cancelamento. Assim, o número se torna bastante flutuante.

Amaral, Recuero e Montardo (2009) elencam algumas características partilhadas pelos blogs. A quantidade de elementos costuma ser variável – os blogs podem ser encontrados em uma variedade de “customizações”. Algumas/alguns autore@s consideram característica típica a ordem cronológica reversa das postagens – a última sempre na primeira página. Considera-se também a possibilidade de inserção de comentários, moderados ou não pel@ autor@ do blog.

Talvez o termo possa ser empregado apenas de forma ampla e generalista, uma vez que embora haja uma estrutura e talvez proposta de formatação comuns, os blogs ganham visuais e usos tão distintos que, a um leitor mais desavisado, possam parecer plataformas completamente diferentes.

Para o presente estudo, os blogs são possibilidades inestimáveis de expressividade e criatividade na internet. Através da incursão em suas páginas, pôde-se buscar compreender como, em uma “página em branco”, diferentes pessoas, de diferentes lugares físicos, cunharam em suas páginas o que vivenciam quando dizem estar praticando o crossdressing.

Talvez estejamos nos tornando cada vez mais pictóricos. Neste sentido, o campo virtual e, sobretudo, os blogs, tão cheios de possibilidades e que casam o texto, ou seja, a fala d@s noss@s interlocutor@s com outros estímulos - como imagens, cores e layout – possa dialogar com uma parte da antropologia que tem buscado resgatar o valor pictórico, imagético para a disciplina.

Fazer etnografia na internet é também pensar em relações com a Antropologia Visual, ramo da disciplina que se propõe a estudar o uso e a reprodução das imagens, seja através da fotografia ou do cinema. Estes suportes imagéticos são usados para descrever uma cultura, ou auxiliar na descrição desta dentro da proposta da disciplina.

A proposta deste trabalho envolve a análise dos conteúdos dos blogs cuj@s autor@s se denominem crossdressers. O entendimento do que é a referida prática através do que dizem

estas pessoas se dá pela pesquisa do que fazem ao se nomearem crossdressers, como se montam (se o fazem), que práticas alimentam.

Esta não é, portanto, uma leitura apenas da palavra escrita. Imagens, layouts, cores, fontes, vídeos e fotos compõem um todo que fala conjuntamente. Há que se ler nas entrelinhas da imagem, do vídeo, das cores e das formas. É neste aspecto que a Antropologia Visual tem a contribuir ou dialoga com esta pesquisa.

A Antropologia Visual é um ramo que luta para que estes instrumentos de pesquisas sejam considerados como válidos, sem que se perca espaço para a clássica forma de construção do trabalho antropológico, o texto escrito.

Houve um tempo em que o cinema e a antropologia tiveram em comum o interesse por sociedades que se encontravam físico, geográfico, material e culturalmente distantes da cultura d@ pesquisador@. As sociedades poderiam ser divididas assim entre as que observavam e as que eram observadas (Ribeiro, 2005).

Tanto o filme quanto a fotografia armazenam em seus materiais a visão do que se vê, imortalizando uma composição escolhida por aquel@ em comando destes instrumentos, que é também quem observa.

O olhar de quem manipula os instrumentos fílmicos é subjetiva – assim como o é também o olhar de quem escreve. Sem o apoio do texto corre-se o risco de que se eternize um olhar não-contextualizado, ou manipulado pelas conjunturas. O que se recomenda é que um meio possa complementar e ser enriquecido pelo outro.

A fotografia, o som, a imagem e todas as mídias englobadas pela internet já estão totalmente imbricados em nossos processos comunicacionais. Talvez não seja ainda uma perspectiva que englobe toda a população mundial, mas um fenômeno que caminha neste sentido.

Samain (1995), inspirado pelo grande valor da fotografia e do cinema para as ciências sociais, propõe que se reveja as relações fundamentais entre ciências humanas e ciências da comunicação. Comenta ainda que Margareth Mead já argumentava que não basta descrever o objeto. Cabe fazê-lo visível ao olhar, para além da imaginação de quem lê, tornando o visor da câmera não mais uma ameaça à objetividade.

Historicamente, Ribeiro (2005) explica que foi a era digital que tornou investigadores mais autônomos e independentes. Livrou-os da dificuldade da sincronia entre som e imagem, de equipamentos pesados, possibilitou convergência entre escrita e imagens. Além disto, os meios digitais são também apontados pelo autor como propiciadores de mudança vertiginosa, sem precedentes na história da humanidade.

Os registros de imagens, de som e vídeo são na atualidade quase que banais no Brasil. Telefones celulares possuem, em grande maioria, algum tipo de câmera e/ou recurso de captação de som. Grande parte dos notebooks (ou laptops) tem câmera embutidas para que se capte imagem enquanto se comunica pela internet. Câmeras fotográficas captam imagens de uma forma geral e som sem que para isso tenham que ser exatamente caras ou pouco acessíveis.

Esta é uma realidade bastante imbricada nos nossos processos comunicacionais. Se muitos não são ainda usuários desta tecnologia, em contrapartida, não se assustam mais com ela.

As novas tecnologias digitais e, sobretudo, a hipermídia constituem uma forma, porventura mais eficaz, de integração da Antropologia Visual com a antropologia (escrita) e da antropologia com a Antropologia Visual; de imagens, sons e audiovisuais com a escrita; dos filmes com a reflexão teórica (...) (Ribeiro, 2005, p.620).

A Antropologia Visual seguiria assim, não apenas como complemento, mescla de outros aparatos para servir de fundação do ramo da disciplina antropológica. Acompanhar, analisar e considerar registros audiovisuais é refletir sobre como têm se atualizado os processos sociais.

3 SILICONE BLUES⁵

*(...) Maquiagem e sainha
Salto alto e calcinha
É muito mais divertido
Que bermuda e cuequinha (...)
(Travestir – Solange, To Aberta!)*

*Um dia
Vivi a ilusão de que ser homem bastaria
Que o mundo masculino tudo me daria
Do que eu quisesse ter
Que nada
Minha porção mulher, que até então se resguardara
É a porção melhor que trago em mim agora
É que me faz viver
(Super Homem – A Canção – Gilberto Gil)*

*Ai, se mamãe me pega agora de anágua e de combinação
Será que ela me leva embora ou não
Será que vai ficar sentida, será que vai me dar razão
Chorar sua vida vivida em vão
Será que faz mil caras feias, será que vai passar carão
Será que calça as minhas meias e sai deslizando pelo salão
Eu quero que mamãe me veja pintando a boca em coração
Será que vai morrer de inveja ou não
Ai, se papai me pega agora abrindo o último botão
Será que ele me leva embora ou não
Será que fica enfurecido será que vai me dar razão
Chorar o seu tempo vivido em vão
Será que ele me trata à tapa e me sapeca um pescoço*

5- Nome inspirado em tirinha d@ cartunista brasileir@ Laerte. Vide Anexo 1

*Ou abre um cabaré na lapa e aí me contrata como atração
Será que me põe de castigo será que ele me estende a mão
Será que o pai dança comigo ou não?
(Ai, Se Eles Me Pegam Agora – Chico Buarque)*

3.1 Introdução ao campo de pesquisa

O *Brazilian Crossdresser Club*, clube virtual pesquisado por Vencato (2009), Kogut (2007) e Garcia et al. (2010) completou no ano de 2013 16 anos de existência. Mas a realidade online encontrada por Vencato (2009), assim como tudo o mais que é dinâmico no âmbito das relações humanas, apresenta-se hoje de uma outra forma. Citando apenas um fator, pode-se apontar que, dentro mesmo das estatísticas deste site, nota-se que o número de associadas vem caindo ao passar dos anos. Em 2013, bem como no ano de 2012, apenas 1 associada foi admitida (perfazendo um total de 2 associadas nestes dois anos). Em 2011, 9 pessoas juntaram-se ao clube. Diante deste panorama, fica a pergunta: por quais caminhos virtuais têm trilhado as crossdressers?

O trabalho explicitado nestas páginas começou com outro norteamento: investigar as relações entre mulheres e homens que adotam a prática crossdresser. Dentro desta proposta, foram ouvidas várias cds e também algumas S/Os (supportive others) – mulheres que apoiam a prática. Seja por serem simpatizantes ou por acompanharem a montagem dos parceiros. Tais conversas renderam indicações de locais da internet onde se pudesse encontrar mais sobre o tema ou pessoas para conversar sobre.

Ainda no ano de 2012, quando a pesquisa seguia então com outras propostas, algumas interlocutoras defendiam que o chat do BCC (Brazilian Crossdresser Club), embora menos frequentado que outrora, ainda é um dos melhores lugares para encontrar outras crossdressers. As duas cds que indicaram o chat conversavam comigo pelo Facebook, mas mantinham ainda perfil no Orkut. Este, embora em desuso de uma maneira mais ampla, apresenta-se, de alguma forma, como local de encontro. Suas comunidades, através das quais é possível eleger preferências, indicar práticas e reunir pessoas sob essas égides, é ainda possibilidade para pesquisar a temática crossdressing.

Nas ferramentas sociais, perfis de usuári@s são apresentados de acordo com as descrições escolhidas. Algumas/alguns escolhem preencher todos os campos possíveis, de forma bastante detalhada. Outr@s optam por informar o mínimo. Fotos pessoais são postadas e o que se pensa e se sente pode ser expresso ou evidenciado. Além disso, grupos e

comunidades são outras possibilidades de expressão, exposição da imagem, encontro, troca de informações, ideias e local de bate-papo.

Então, descobriu-se que, para além de redes sociais tais quais o Facebook e o Orkut com seus vários grupos, páginas, perfis e comunidades, as possibilidades desdobram-se também por blogs, fóruns e sites de temáticas crossdresser.

Diversos são os nichos, numerosas são as plataformas. Sites desdobram-se em páginas, links, abas, temáticas, *hashtags*⁶. Formas de acesso e ligação tão numerosos e diferentes e que colocam o pesquisador em situação tão favorável quanto complicada. Se por um lado o campo se abre como um leque, se apresenta, em contrapartida, a dificuldade de abarcar toda essa realidade.

As possibilidades são infindáveis, tornando o campo de pesquisa algo sem limites. E considerando esse quadro em que as redes sociais, campos e plataformas de expressão dentro da internet se expandem, crescem e surgem de forma vertiginosa, pensou-se em eleger um tipo de plataforma para a pesquisa.

Para @ etnógraf@, mapear a realidade virtual da “cena” crossdresser traz um sentimento de estar percorrendo um trabalho de Escher. Textos e posts são ligados a vários marcadores, um acesso pode levar a várias saídas e, no final das contas, não se sabe mais por onde começar. O etnógrafo está então solto em um mar de informações. Muitos são os caminhos e não há pistas de qual seguir.

A escolha dos blogs como campo se justifica pelo caráter pessoal que podem adquirir e uma liberdade finita, mas relativamente grande de que a pessoa que o gerencia tem de manipular a plataforma a seu gosto. Assim, pensa-se nos blogs como um espaço que pode ficar “a cara d@ don@”.

As duas plataformas de blogging mais populares disponíveis no Brasil são o Blogger (desenvolvido pelo Google e no Brasil hospedado pela Globo.com) e o Wordpress. Ambas possuem diagramações customizáveis com alguma facilidade e permitem que o usuário utilize-se do espaço com variadas combinações de cores, layouts e widgets, que funcionam como aplicativos dentro dos blogs, usualmente mais utilizados por aqueles que têm mais

6 - Segundo a Wikipédia, *hashtags* são palavras-chave precedidas pelo símbolo #. Designa o assunto que está sendo comentado em tempo real e é usado em redes sociais tais quais o Twitter, o Instagram e o Facebook. *Hashtags*, *blogging*, *template* e outras palavras da língua inglesa que se referem a instrumentos e ferramentas da internet serão tratados como termos êmicos e portanto, não serão apresentados em itálico.

conhecimento de programação (por serem mais complexos e avançados).

Tanto o Blogger como o WordPress têm funcionalidades gratuitas e outras pagas. Acionar mais recursos pode significar ter que contratar alguns serviços, que passam a ser pagos. É comum que o uso de maiores recursos também envolva um maior conhecimento do usuário no que tange a programação, layoutização e outras ferramentas web e de design. Usuários de uma ou outra ferramenta parecem ter argumentos para defender a plataforma escolhida, não sendo fácil chegar a um consenso sobre aquela que proporciona maior facilidade de manuseio.

Os blogs criados por meio destas plataformas têm como endereço eletrônico um subdomínio do site, por exemplo, <http://maniadelivros.blogspot.com.br>. Porém, o usuário pode optar por registrar mediante pagamento um domínio com um determinado nome, caso este ainda não tenha sido registrado, e ter assim um endereço próprio, que poderia ser, por exemplo, www.maniadelivros.com.br. Neste caso, o blog continua instalado sobre a plataforma de blogging, mas com um endereço próprio, para o qual o blog é redirecionado.

Para que utilizar as ferramentas de blogging, o usuário deve fazer uso de um web template, mais comumente chamado apenas template. Este serve como um modelo de documento que guiará as postagens do blog, além de “dar uma cara” para o mesmo. O fundo fixo ou não, logo do blog, as fontes que anunciam cada postagem e as demais ferramentas, formatos e cores: todo esse conjunto é montado através do template.

Aqueles com maior conhecimento de recursos web, podem se aventurar a montar o próprio template. Os que não podem fazê-lo, contam com a contratação de um profissional que o faça – que pode envolver a compra de uma fonte específica e até desenhos que ilustrem o blog – ou fazem download de um gratuito na internet.

Todos os blogs pesquisados foram montados dentro da plataforma Blogger. Seguem abaixo, com o propósito de ilustração, templates selecionados aleatoriamente em pesquisa no Google com as palavras “templates gratuitos para Blogger”. São exemplificados apenas templates desta plataforma por ser esta a que apareceu na pesquisa.



Figura 1 – Template retirado do endereço <http://www.templateparablogspot.com/>, podendo ser acessado através do link <http://ver770.blogspot.com.br/>



Figura 2 – Template “Sonhos Meus”, encontrado no blog Mimadinha Moderna e acessado através do link <http://free-sonhos-meus.blogspot.com.br/>



Figura 3 – Template “Sundry Dots” retirado do blog “The Cuttest Blog on The Block”, podendo ser acessado através do link <http://thecuttestblogontheblock.com/backgrounds/sundry-dots-3-column-template>



Figura 4 – Template “Splendio”, retirado do blog “7 Desenvolvimento”. Pode ser acessado através do link <http://www.freebloggertemplate.info/p/demodownload.html?url=http://splendio-fbt.blogspot.com/>

Observa-se através dos modelos apresentados que há campos para preenchimentos a serem completados conforme necessidades e/ou desejos d@ usuári@. Por exemplo, no início de cada página apresentada, há um espaço para o nome do blog. Em alguns é um campo circunscrito em uma forma geométrica ou desenho, em outros estão “soltos” no topo da página. Onde houver espaços de preenchimento, caixas, elas podem ser preenchidas de acordo com a funcionalidade.

As estruturas textuais com mais espaço são voltadas para a postagem do post em si, que se vai levar texto, vídeo ou foto, vai depender não só do que deseja fazer @ usuári@, mas também dos recursos que o template oferece. Em termos de recursos, pode-se indicar alguns que foram representados pelos templates acima ilustrados.

Como exemplo, o template *Splendio* oferece, no canto superior direito, o campo para buscas dentro do blog e também os ícones que vão levar @ leitor@ até outras ferramentas sociais ligadas ao blog: neste caso, o ícone que leva ao agregador de conteúdo RSS⁷, às redes sociais Twitter e Facebook da pessoa que escreve o blog (ou do próprio blog; lembrando que há quem se inscreva sob conta pessoal e também quem o crie o perfil nas redes sociais de seus blogs, empresas e instituições) e também um quarto ícone, o de compartilhamento de conteúdo.

Regra geral, se não houver indicação de qual template está sendo utilizado, não há como saber qual se utilizou. Em grande parte pela possibilidade de que ele tenha sido montado pel@ própri@ usuári@, com um layout único e original, ou mesmo parecido – mas não igual – a outros existentes.

Os termos de uso da plataforma de blogging podem ser um pouco controversos, alertando impossibilidades que acabam se concretizando quando da montagem de um blog. Estes assuntos não serão aprofundados, mas os termos de uso podem ser encontrados em anexo (anexo 6).

Alguns dos blogs analisados possuem conteúdos considerados pela plataforma como “adulto”, envolvendo nudez e sexo. Existe uma tolerância para as temáticas, mas é exigido que exista a sinalização de que o conteúdo é impróprio para menores em uma página entre o link de acesso ao blog e a primeira página do mesmo (anexo 7).

Widgets – ou web widgets – são aplicativos que podem ser utilizados na internet. É necessário que se entenda seu uso por serem ferramentas acionadas por aqueles que optam por aumentar a funcionalidade do blog.

O site Wikipédia o descreve da seguinte forma: “Um widget é um componente de uma interface gráfica do usuário (GUI), o que inclui janelas, botões, menus, ícones, barras de

7- O blog Info Wester traz um post com uma explicação sobre o assunto: A sigla RSS tem mais de um significado. Alguns a definem como RDF Site Summary, outros a denominam Really Simple Syndication. Há ainda os que a entendem como Rich Site Summary. RSS é um padrão desenvolvido em linguagem XML que permite aos responsáveis por sites e blogs divulgarem notícias ou novidades destes. Para isso, o link e o resumo daquela notícia (ou a notícia na íntegra) é armazenado em um arquivo de extensão .xml, .rss ou .rdf (é possível utilizar outras extensões). Este arquivo é conhecido como feed ou feed RSS. Disponível em <http://www.infowester.com/rss.php>.

rolagem, etc.”. A definição é complementada na própria página da seguinte forma, como uma outra forma de explicar e utilizar widgets: “os widgets da área de trabalho, (são) pequenos aplicativos que flutuam pela área de trabalho e fornecem funcionalidade específicas ao utilizador (previsão do tempo, cotação de moedas, relógio,...)”.

Há também a possibilidade do uso de web banners comerciais. De forma bastante simplista, os web banners de blogs são como anúncios em páginas de revistas, apenas sendo locados em retângulos ou quadrados de tamanhos variados.

Colocar um web banner e abrir espaço para anunciantes é uma forma de fazer com que o blog seja rentável. Mas para @s leitor@s não se pode precisar o quanto se ganha com anúncios e se ele realmente rende algo.

A disposição dos anúncios no blog da plataforma Blogger fica a critério d@ blogueir@. Eles podem ser inseridos na barra lateral do layout ou entre as postagens. A exibição de anúncios pode ser realizada de duas maneiras: automaticamente ou manualmente.

Na forma automática, @ blogueir@ habilita uma ferramenta de publicidade disponível no próprio blog que possibilita a exibição de anúncios. Essa ferramenta irá identificar palavras-chave nas postagens do blog e serão exibidos automaticamente anúncios relacionados ao assunto.

Ainda que a exibição seja automática, há a possibilidade d@ autor@ gerenciar quais anúncios irão aparecer no seu blog, bem como a frequência de exibição. Os formatos são os mais variados, podendo ser anúncios de texto, imagens, vídeos, áudio e animações.

Na forma manual, @ blogueir@ insere um web banner, que pode ser uma imagem estática ou uma imagem animada, vinculada a um link. Quando @ usuári@ clica neste web banner, ele é direcionado ao site do anunciante.

O retorno financeiro para @ blogueir@ com os anúncios exibidos automaticamente por ferramentas de publicidade, acontece caso @ visitante interaja com eles, ou seja, caso @ visitante visualize ou clique nos anúncios. O ganho para @ blogueir@, no geral, pode ser determinado pela quantidade de visualizações do blog; pela quantidade de cliques em um determinado período; pela média entre cliques e visualizações; pelo custo por clique; pelo valor médio pago pel@s anunciantes por um clique; pelo valor de mil cliques; ou pela ações geradas a partir do clique, como a realização de um cadastro depois d@ visitante ter clicado no anúncio.

Já os ganhos d@ blogueir@ decorrentes de anúncios inseridos manualmente por el@, no geral, são determinados pela negociação direta da pessoa que escreve o blog com @ anunciante em questão.

Para escolher os blogs que seriam objetos desta pesquisa, decidiu-se por fazer uso do mecanismo de busca mais utilizado atualmente, o Google, para buscar páginas e plataformas que atendessem às palavras e temas buscados: crossdressing e/ou crossdresser – prática e praticantes.

3.2 “Dando um Google” no crossdressing

Através da ferramenta de buscas de páginas HTML (ou páginas da internet) mais utilizada atualmente, o Google – arrisco sugerir, a metonímia da busca pelas páginas da internet –, pode-se ter uma ideia dos conteúdos online mais acessados ou mais ofertados pelo Google.

O site do provedor de acesso à internet UOL possui uma página em que explica como funcionam assuntos variados de interesse da vida cotidiana. Dentre vários outros assuntos, a busca do Google. A página ajuda a entender qual a relevância, a frequência de acessos ou oferece uma possível explicação para a ordem de relevância das páginas indicadas quando se busca por “crossdressing” na ferramenta de buscas. Explicita que a classificação de uma página depende da frequência e a localização da palavra-chave (palavra inserida no mecanismo de busca) dentro da página da web, do tempo que a página está no ar e do número de outras páginas que têm links para a página em questão.

Uma busca feita em setembro de 2013 com a entrada “crossdressing” registra dez links dispostos na primeira página, sendo que a metade é de língua inglesa (uma loja de acessórios para crossdressing, duas entradas para um canal do youtube, um site para relacionamento crossdressing e um Tumblr com a temática). A primeira entrada está em Língua Portuguesa e é um verbete da Wikipédia, seguido pelo link do Brazilian Crossdresser Club.

São também listados nesta língua um link do post explicativo do site leticialanz.org sobre travestismo (apresentado como sinônimo de crossdressing), um post do Wiki-How sobre como fazer crossdressing e um link da chamada do programa televisivo brasileiro “Super Pop” que promete ter desvendado o “mistério” crossdresser.

O primeiro blog em Língua Portuguesa aparece apenas na terceira página da busca e foi escolhido para o trabalho etnográfico por ser o primeiro citado depois de excetuado o Brazilian Crossdresser Club.

Para o termo “crossdresser”, que designaria a pessoa que pratica o crossdressing, os achados são um pouco diferentes. Nos dez primeiros links, expostos na primeira página, não há nenhuma entrada que direcione para sites de língua estrangeira. O primeiro link é

novamente o verbete da Wikipédia crossdressing. Quatro são os blogs indicados nesta primeira página. Apenas um é escrito por uma crossdresser. Os outros três, dois blogs pornôsem ênfase no crossdressing e o terceiro, que se propõe a discutir relacionamentos “modernos”.

Há ainda dentro desta pesquisa, um diretório de fóruns que não direciona a nenhum link específico, parecendo ser outro site de buscas, um arquivo de foto dentro do bate-papo do provedor de internet UOL (sendo necessário um cadastro para acessá-lo) e também um link que leva a um vídeo alocado no site Youtube e que mostra a cd Camilinha rebolando de costas para a câmera, ao som de um funk.

Adiante, serão explorados os blogs que foram encontrados nas seis primeiras páginas da busca do Google no dia 18 de setembro de 2013 com as palavras crossdressing e crossdresser (a saber, buscas feitas separadamente, totalizando assim 12 páginas de busca consideradas).

Para estreitar o universo do estudo, uma das duas palavras deveriam estar no nome, endereço ou descrição do blog. Sabendo que as buscas podem trazer resultados diferentes a cada dia, considerou-se o primeiro resultado obtido. Assim, os seis primeiros blogs encontrados e assim eleitos para o estudo foram: Diário Crossdresser, Cultura Crossdresser, Homens de Calcinhas, Crossdressers ZL, Aline Ferrari Crossdresser e 1 Crossdresser do grande ABC. Há ainda a análise de um fórum crossdresser, e a justificativa para este adendo encontra-se adiante.

3.3 Blog Diário Crossdresser

Quem acessa a página pela internet pode visualizar, logo abaixo da barra de endereço, botões que ligam o leitor à página inicial, às fotos da autora do blog (Anna), redes sociais utilizadas pela autora e seus parceiros.

A parte central superior do site carrega o nome e logotipo do mesmo. Ladeando o logo, estão dois web banners: o da esquerda é fixo e convida @ leitor@ à visitar o Twitter de Anna e o da direita é comercial. Seguem abaixo abas com as funções home (volta à página inicial do site – ou seja, a página que carrega os últimos posts), fotos Anna Crossdresser, Categoria (das postagens e assuntos do blog), Parceiros, Redes Sociais (das quais Anna participa) e uma outra que leva ao Tumblr “Delícia Feminina”.

O nome “Diário Crossdresser” é o que aparece na barra de endereços e também no logotipo. Mas abaixo da barra superior, há a descrição (um outro nome?) “Diário de uma

Crossdresser/Crossdressing”. Faz-se interessante ressaltar que Diário de uma Crossdresser é também o nome de um outro blog.

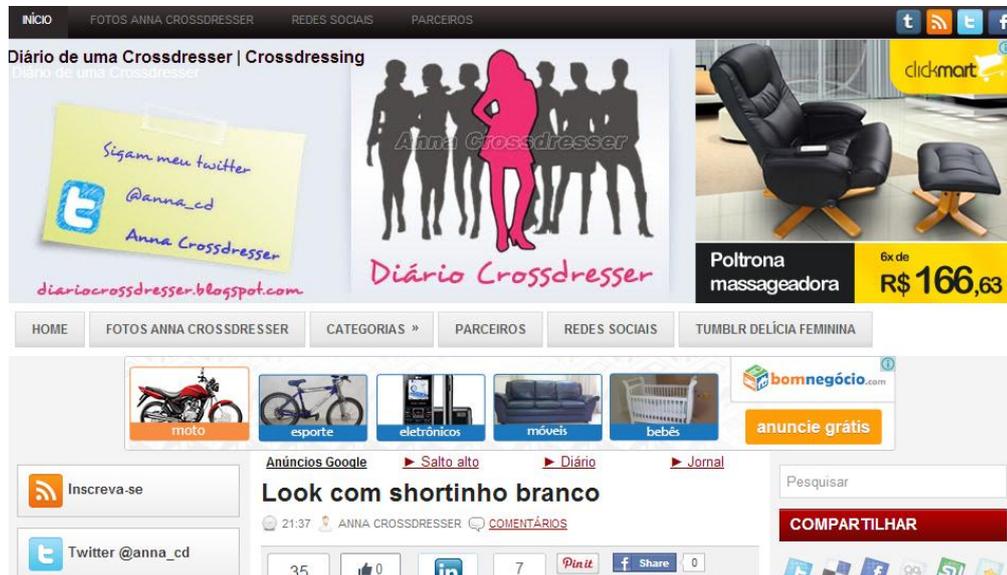


Figura 5 – Print da página inicial do blog “Diário Crossdresser”

Blogs parceiros se comprometem a colocar em suas páginas um web banner do blog, assim como o blog Anna crossdressing faz com os seus. Incluem-se como parceiros do blog em questão: o fórum brasileiro Crossdressing Place, uma loja de lingerie que fabrica peças para o público feminino, masculino e também lgbt e crossdresser e o blog t-catxxx. Este último é um espaço que divulga fotos de mulheres trans que não fizeram cirurgia de redesignação sexual. Há fotos só de mulheres e também com seus parceiros. É uma página bilíngue e que separa as mulheres em categorias raciais. A maioria tem cabelos compridos e são magras. Se os corpos não podem ser tidos todos como irretocáveis, pode-se dizer que pendem para o hegemônico.

Um fortíssimo apelo de corpos hegemônicos também pode ser encontrado no site linkado à última aba superior. O Tumblr (um tipo de plataforma de blogging geralmente usado para postagem de fotos e textos curtos) “Delícia Feminina”, em uma análise estereotipada, parece estar voltado ao público masculino.

Uma pesquisa feita nas primeiras quatro páginas evidencia uma amostra do portal: dentre mais de 30 fotos, apenas 1 moça era descrita como “gordinha”, categoria ligada a uma outra, “nerd”. Assim, a impressão que se tem é a de um apelo fetichista. Em todas as outras fotos as mulheres tinham corpos hegemônicos: magras, com baixíssimo nível de gordura corporal. Os seios são, em sua maioria, fartos. Os cabelos, compridos. Apenas 3 estavam cobertas, mas evidenciavam decotes ou grande extensão de pele exposta.

O apelo de corpos hegemônicos aparece nos dois endereços citados acima. Os corpos das mulheres trans e cisgênero⁸ escolhidos para serem mostrados neste são, predominantemente, corpos com baixo percentual de gordura. Magros, seios grandes aparecem em muitas das fotos. Entende-se que são corpos ditados. Wanderley e Silva (2010) ressaltam que, independente do contexto histórico, existe um modelo de corpo ideal quando se pensa em relação espaço-temporal. Esses modelos hegemônicos “transformam em universal e universalizante o que é particular” (Wanderley e Silva, 2010, p. 1).

Concorda-se com os autores supracitados quando dizem que o corpo “típico-ideal” exhibe medidas cada vez mais exíguas e esta é uma das características observadas nas fotos do Tumblr “Delícia Feminina” e no blog T-catxxx. Adiciona-se, na opinião desta pesquisadora, os cabelos longos e seios grandes. Essas duas últimas características talvez componham o corpo-desejo, o ideal.

Os posts do blog de Anna são separados em temas, mas há como acessá-los de outra forma, que é a cronológica reversa. Dos muitos assuntos tratados no blog, alguns remetem à montagem, à beleza feminina, maquiagem, moda, imagens que possam inspirar na hora de se vestir, casamento gay, curiosidades e dicas crossdressers, indicações de filmes, eventos, palestras e documentários, sexualidade, transexualidade, troca de sexo, *tucking*⁹, travestis e Diários de Hormonização da Vanessa, amiga de Anna.

Não é possível determinar qual o template utilizado neste blog, uma vez que não há indicação de um modelo em nenhuma parte da página. Em geral, quando se usa um modelo padrão, há indicação do nome do mesmo.

Em um web banner que aparece no topo, nota-se uma personalização: a escolha de uma fonte sobre um desenho que não se sabe se encomendado ou não, mas que oferece uma distinção visual. Ou seja, ainda que o blog utilize um dos templates padrão da plataforma (ou mesmo algum encontrado na web), @ autor@ conseguiu personalizá-lo colocando no topo uma imagem com o logotipo do site.

8 – Trans (ou transgênero) é um termo que se refere a pessoas cuja identidade e/ou expressão de gênero é diferente do gênero que foi atribuída a elas no nascimento. Refere-se também a pessoas que estão em trânsito entre gêneros. Cisgênero é um termo usado para designar pessoas que se identificam com o gênero que lhes fora designado ao nascimento. Jesus (2012) considera ambos os termos (trans e cisgênero) “guarda-chuva”, abarcando grupos diversificados e graus diferenciados de identificação com os mesmos.

9– Técnica para se esconder o pênis puxando-o para trás e prendendo-o no meio dos dois testículos. Maiores explicações sobre a técnica podem ser encontradas no blog www.leticialanz.org, através do link: <http://www.leticialanz.org/como-fazer-o-tucking/>

Embora Anna disponha de espaços para publicidade, não se sabe se obtém lucros desses anúncios. As ferramentas do blog, misturadas à publicidade poluem visualmente o topo da página, causando confusão entre botões e textos. Aparentemente, manter um visual clean não é uma preocupação da autora do blog.

Anna investe em widgets que promovem conexões com outras redes sociais, com blogs e sites. Assim o blog ganha mais visibilidade, uma vez que amplia as possibilidades de interação com leitor@s de outros blogs e usuári@s de outras redes sociais. Isto, somado a ferramentas (widgets) que permitem @ leitor@ receber as atualizações do blog, acabam por fidelizar leitor@s.

O que Anna, a autora do blog, prioriza quando se monta? Em se dizendo crossdresser, faz uso de que artifícios?

No blog Anna Crossdresser, não há uma opção “sobre”, comum em outros blogs. Em geral o blog pessoal, principalmente quando conta com apenas uma/um autor@ – independente do assunto que trata – traz uma página na qual @ autor@ fala de si. A apresentação, em geral, explica também o porquê do blog, a razão de ser escrito.

Mas a crossdresser Anna, apesar de enriquecer o blog com assuntos diversificados, que vão de beleza a discussões transgênero, fala abertamente de si apenas no primeiro post do link “Anna Crossdresser”. Neste, ela explica o porquê do espaço.

Afirma ser uma crossdresser de armário, bissexual e que através do blog, pretende fazer amizades para compartilhar esse “fetiche”. Para tanto, deixa também links da sua conta no Twitter e Orkut. Quando se apresenta, cumprimenta seus leitores, se apresentando como “Anna Crossdresser”. A palavra crossdresser aparece destacada e linkada (ligada através de um link) a uma página na Wikipédia que explica o que é o crossdressing.

Curiosa a separação que Anna quer fazer de sua vida pessoal e a prática que ela considera um fetiche. “Pessoal” seria então o que tem a ver com suas relações mais próximas? Se considera “normal” no dia a dia. O que significaria isso? Estaria usando a categoria “normal” em oposição à prática crossdresser?

Talvez o que Anna entende por ser normal em seu cotidiano seja viver em alguma (ou total?) harmonia com a sua identidade masculina. Tem-se esta ideia pelos cartoons que ilustram alguns de seus posts (anexos 3 e 4) e que fazem referência ao guarda-roupa crossdresser: roupas masculinas para os dias da semana e roupas femininas para o fim de semana. Ou seja, ficam as montagens guardadas para quando se tem um tempo livre.

Esta postura de não abrir mão de sua identidade masculina fica evidente pelas interlocutoras de Garcia et al. (2010) que explicam que, o crossdresser “de verdade” não abre mão de sua identidade sapo (ou seja, masculina).

O que se depreende é que Anna, embora tenha mostrado um pouco de sua “montagem”, tenha desistido deste tipo de postagem e passado a alimentar o blog com um conteúdo menos pessoal. Os posts mostram um pouco também do tipo de roupas e estilos que a inspiram e que admira.

Ainda assim o que se pode saber de Anna, além dos assuntos de seu interesse, é como ela gosta de se montar. Ou gostava. Suas fotos dizem um pouco dessas preferências.

Nos links “Anna Crossdresser”, “Dicas Crossdresser” e “Fotos Crossdresser” a autora posta fotos de suas produções. Nestes, as fotos se repetem sem ordem aparente. Não mostra todo o seu rosto, tampouco a cabeça sem perucas. Se a foto mostra o corpo todo, o rosto é tampado por perucas ou “borrado” por recurso de algum editor de imagens. Em uma de suas fotos, a cabeça, retratada por trás também foi “tratada” com este recurso.

Em suas montagens estão presentes blusas femininas – algumas justas em todo o comprimento, outras mais largas, mas em geral sem mangas –, saias curtas, meias-calças (com ou sem a parte que veste os pés), salto alto (sempre branco), tênis, calça legging. Pode-se dizer, talvez, que são roupas que mulheres usariam, mas em uma combinação que teria sido considerada não muito elegante.

Há fotos de “decote”, como intitula. Nesta, mostra o contorno dos seios conseguido com o uso de sutiãs “push up” e enchimentos de silicone. Uma, com uma blusa justa e sem mangas, na outra, vestindo apenas um sutiã.

Suas poses são variadas. Em algumas, é insinuante. Apresenta-se de quatro, com as pernas abertas, tira uma foto de baixo para cima mostrando a calcinha. A falta de volume dentro desta deu a entender que a crossdresser seria adepta ao *tucking*.

Averiguando os posts do blog que tratam deste assunto, confirma-se a hipótese. Anna ressalta a técnica como uma forma de manter o pênis “guardado” e uma forma de se assemelhar a uma “menininha”. Recomenda também que para melhor acomodar o pênis, se masturbe antes de fazer uso da técnica e indica que se urine sentada depois.

No link Anna Crossdresser, não são somente suas fotos que podem ser vistas. Assim, para além de sua montagem, aparecem tópicos que possivelmente Anna considera relevantes (lembrando que estes assuntos também são listados ou compartilhados em outros tópicos).

Chama a atenção o tópico “Esconderijo Para Crossdresser”. No post, Anna conta que é uma “cdzinha de armário”, que tem namorada – ou que tinha à época do post. Isso não se

pode saber, uma vez que não há informações recentes sobre sua vida afetiva – e que ela não sabe de sua prática.

Sugere alguns lugares para se guardar as roupas, acessórios e calçados da montagem. Um deles é o porta-malas no carro, considerado não muito seguro em casos em que o carro será emprestado a outrem ou se o/a motorista for parado em uma blitz. Anna relata ter feito uso de dois outros recursos: colocar os pertences em sacos plásticos dentro gavetas, cobertos por outros objetos e o mais inusitado: desgrampear o fundo de tecido do sofá, depositando os pertences lá dentro e recolocar o tecido, prendendo os grampos no lugar novamente.

Esta parece ser uma preocupação dividida por muitas crossdressers que moram com alguma pessoa que não saiba (seja o pai ou a mãe, a própria esposa ou ainda os filhos) de sua prática. No Orkut – rede social que, como mencionado anteriormente, vem caindo em desuso, mas ainda pode ser acessada para entendimento do que será aqui relatado – há comunidades crossdressers voltadas a esta questão.

Algumas crossdressers, para evitar o transtorno de não ter onde guardar os seus pertences, além da dificuldade em pedirem nas lojas tamanhos de roupas femininas que sirvam em si mesmas, usam os das companheiras – esposas e namoradas – mães e irmãs.

No filme *Ed Wood*, podemos observar o protagonista, que é crossdresser, nesta situação. O filme biográfico norte americano de 1994, foi dirigido por Tim Burton e traz o ator Johnny Depp representando com muita graça o diretor Edward Davis Wood Jr, (10 de outubro de 1924 — 10 de dezembro de 1978) conhecido como o pior diretor de todos os tempos.

Edward Wood era crossdresser, mas possivelmente não pensou na prática, àquela época, com este nome. O filme em questão retrata a época em que Wood Jr. filmava “*Glen or Glenda*”, filme claramente baseado na sua própria experiência crossdresser. O próprio diretor atua no longa, sob o pseudônimo de Daniel Davis.

Em uma cena do filme, a namorada de Edward Wood diz a ele não entender por que parece não encontrar suas roupas quando as busca pela manhã. Neste primeiro momento, Wood, que se encontrava ainda deitado na cama, apenas se vira para não ter que dar satisfações.

Motivado pela possibilidade em transformar suas experiências em um filme, Edward Wood decide contar para a namorada, Doris Fuller (representada pela atriz Sarah Jessica Parker) tentando também conseguir com que ela, que era atriz, atuasse no filme no papel dela mesma.

Wood arma então uma cena: pede para que Doris leia todo o script do filme no quarto, de porta fechada. Quando ela sai, confusa por ter um papel tão parecido com ela no script, Edward a espera na frente do quarto, vestido com as roupas de Doris, justificando que era com ele que elas estiveram por todo tempo e confessando que o filme retrataria sua prática.

O manejo do segredo em torno da prática crossdresser é encontrado no trabalho de Vencato (2009) e perpassa todo o relato e análise da etnografia. Refere-se à importância deste para que não haja ou se minimize perdas (afetivas, sociais, empregatícias e outras). Socialmente, a prática foge às normas sociais prescritas e não raro as crossdressers relatam situações nas quais foram perseguidas ou tiveram que lidar com perdas em algum âmbito de suas vidas quando optaram por dividir o segredo com alguém. Esta realidade se apresentou para alguns interlocutores da pesquisa da referida autora e nesta pesquisa também.

3.4 Blog Cultura Crossdresser

Sobre um fundo cor de rosa, faz-se anunciar no topo da página o nome do blog e logo abaixo sua descrição como espaço destinado à prática e “identidade” crossdresser, travestilidade, transexualidade e combate à homo e transfobia. Entre widgets e barras acima e à esquerda, os posts são apresentados no centro-direito do blog.

O blog Cultura Crossdresser mantém, como vários outros, a barra do Blogger, comum também a outros blogs descritos aqui. Está situada logo abaixo a barra de endereços do navegador.

Nela, há um nicho para pesquisas dentro do próprio blog, um botão para compartilhar o blog no Google + ou em outras redes, outro para ser levado a “Próximo Blog”, um botão para criar um novo blog dentro da plataforma Blogger e um último para login (na própria plataforma).

Logo abaixo da descrição do blog, há uma barra que se divide em quatro abas: Início – que leva sempre à postagem mais recente; O que é ser cd; Filmes Trans e BCC – aba que apresenta o Brazilian Crossdresser Club como o maior e único (?) clube crossdresser da América Latina. Como não há data no post, não se sabe se é antigo ou se a autora do blog desconhece outras possibilidades online (ou ainda se conhece, mas não o considera clube, e sim apenas um portal).



Figura 6 – Print da página inicial do blog “Cultura Crossdresser”

Essas quatro abas são ligadas a redes sociais através de pequenos “botões-abas”, que permitem que a informação postada seja enviada para email, Twitter, Facebook, Orkut, Google+ ou blog.

Este blog utiliza o template Watermark da tecnologia Blogger. Quando se observa o mesmo template sendo usado em outros contextos, percebe-se que Luísa optou pelo fundo rosa, contrastando com a cor vermelha da fonte. A personalização do template no que tange a modificações pictóricas é mínima, com a utilização de um background apenas cor de rosa e cabeçalho com uma fonte tipográfica comum (uma das fontes disponíveis na plataforma) na cor vermelha.

Embora a autora utilize a plataforma Blogger, nota-se que optou pelo registro de seu domínio (endereço). Assim, Luísa garante o direito do uso do nome. É possível que tamanho cuidado se dê em razão da preocupação em resguardar as ideias a favor da identidade crossdresser, transgeneridade, direitos humanos e também de luta contra a homo e trans fobia, garantindo a associação de suas ideias e discursos ao nome do blog que criou.

Luísa também investe em muitos widgets que ampliam a sua comunicação com @s suas/seus leitor@s através do direcionamento para outras redes sociais da mesma autora. Há também o investimento em publicidade através da escolha de web banners em locais específicos da página – e em quantidade – que não pesam o olhar. O visual é simples, mas o conteúdo é organizado, permitindo uma leitura mais fluida.

A aba que explica o que é ser crossdresser teve grande parte de seu conteúdo escrito por uma ex-integrante do Brazilian Crossdresser Club, já falecida. O intuito da blogueira foi, tendo completado dois anos de postagem, fazer uma série de posts “didáticos” sobre o crossdressing. Mais do que esclarecer quem nada conhece sobre o assunto, existe a

preocupação de “desmascarar oportunistas”. Destaca-se o trecho a seguir que esclarece a intuição e quem seriam as oportunistas:

(...) evitar que oportunistas e picaretas de qualquer espécie, que dizem ter começado a se montar anteontem (e ainda precisarão de muito tempo para chegar a uma figura feminina completa), aproveitem-se da falta de conhecimento sobre o tema, para se lançarem como supostas lideranças ou ‘entendedores’, com o objetivo de levar vantagem de alguma maneira e/ou de fazer marketing pessoal.

Segue então o texto de Mayara Frade, também disponível no site do BCC (Brazilian Crossdresser Club). A autora faz a separação entre orientação sexual e identidade sexual, que ela apresenta como sinônimo de identidade de gênero.

Para falar de transgenerismo, afirma que apresentará um relato mais próximo do jornalístico e menos “técnico”. Separa então as categorias: transgênero, supportive other, crossdresser, travesti e transexual. Excetua as supportive other para incluir todas as outras categorias como transgêneras.

A definição de quem é o crossdresser ou do que é a prática é ainda de Mayara Frade, mas aqui considerada como a opinião compartilhada pela autora do blog, Luísa Stern:

O consenso neste caso parece ser que cd é, como nos outros casos citados, um indivíduo que sendo de um sexo, veste-se e age como os do sexo oposto. A diferença é que cds não assumem publicamente uma identidade social feminina. Portanto, geralmente não faz uso de hormônios e não faz cirurgias corretivas em seu corpo, pois em sua rotina diária, tem uma vida social masculina. É possível até que use hormônios ou tenha se submetido a pequenas cirurgias, mas até o limite em que sua identidade social e seu aspecto geral não sejam afetados.

Nota-se então, novamente, a afirmação da importância da manutenção da identidade masculina para a caracterização da prática crossdresser, como sugerido em Garcia et al. (2010).

Abaixo das três primeiras abas do blog, apresentam-se notícias que são classificadas em categorias: travestismo, transexualismo, transfobia. Este é também um widget oferecido pela plataforma que permite que, escolhidos os assuntos, as notícias que aparecem na rede relacionadas a ele sejam linkadas ao blog através de uma chamada resumida a uma linha.

Entre esta aba e os posts, estão um widget do Youtube, que permite que os vídeos preferidos da autora do blog sejam mostrados na página (com a possibilidade que sejam também acessados, sem que o leitor precise ser direcionado para o Youtube), e também um web banner comercial.

Passando-se o mouse sobre os vídeos, descobre-se o título dos mesmos e acima de cada um é anunciado os dizeres “acabei de assistir”. Trata-se, portanto, de um widget que liga os vídeos assistido pelo autor do blog através do Youtube à sua página. Um deles é um

vídeo popular na internet, de duas crianças em momento de brincadeira e descontração. O segundo mostra um comediante dançando e o terceiro é um vídeo musical.

Se os posts se encontram na parte central e direita do blog, à esquerda estão os widgets e outras ferramentas do blog. De baixo para cima, encontram-se: widget de tradução (para que o blog possa ser lido em todas as línguas disponíveis no Google), contadores de acessos e visitas, web banner promocional – lembrando que há um outro entre os vídeos do Youtube e as postagens –, arquivos do blog separados em anos e meses (o ano corrente é separado em meses, mas para acessar os meses dos anos passados, deve-se clicar em link de cada ano), sites recomendados (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais; Brazilian Crossdresser Club; Casa da Maitê, Elisabeth Bardoti – Uma Crossdresser Brasileira; Igualdade RS – Associação de Travestis e Transexuais do Rio Grande do Sul; Rede Liberdade; SOMOS: Iguais, Diversos, Plurais e Teia Livre).

Seguem então os widgets de atalhos das redes sociais: Facebook (com a foto do perfil de Luísa), Instagram, Creative Commons (licença que distingue o blog como obra criativa e flexibiliza seu compartilhamento) e abaixo o do Twitter (que expõe os últimos tweets escritos).

Depois destes estão o widget que expõe as fotos das redes sociais d@s seguidor@s do blog; os marcadores dos posts (lembrando que em geral, cada post tem mais de um marcador, ou seja, categoria que o autor do blog elege para classificá-lo); blogs recomendados (Transfofa em Blog; Parada Lésbica, Rede Liberdade; Blog do Adeli; Lésbicas Feministas – LBL – RS; Diário de Uma Crossdresser; Giselle Transex; Notícias T*T News; Blog do Bemvindo; ABHT). Estes são apenas os mostrados na primeira página. Clicando em mostrar todos, são abertos mais de 30 links que direcionam a outros blogs.

Nota-se intenso interesse de Luísa na militância LGBT. Os dados de Vencato (2009) apontam para o pouco ou nenhum interesse das crossdressers em movimentos sociais. Neste sentido se questiona se o interesse e posicionamento político de Luísa já teria se despertado, em contradição com os achados da autora supracitada, quando ainda se identificava como crossdresser ou se ele se desenvolveu à medida em que começou a se identificar como mulher trans.

Luísa Stern parece não focar em si as atenções do blog. Não consta como uma das suas abas principais uma apresentação de si. Tampouco o blog leva o seu nome. Um pouco do que ela acredita ser o crossdressing pode-se entender através da descrição – ainda que de outra pessoa – da prática (entende-se assim que aquela é também a opinião de Luísa sobre o crossdressing, uma vez que ela postou no lugar onde gostaria de prover explicação sobre o

assunto) e também por um trecho de uma entrevista que ela concedeu e que será tratada logo adiante.

A autora não fala de si no blog, mas este é bastante informativo no que tange à temática crossdresser. Vencato (2009) já assinalara a importância da internet na identificação das praticantes com a prática, no sentido de poder dar nome a algo que faziam há algum tempo: gostar de se montar e se vestir “de mulher”. A internet não só possibilita esta nomeação do fenômeno, mas também abre possibilidade de contatos.

Seu blog é repleto de conteúdo que pode ser entendido como amplo no âmbito da identidade sexual. Há posts e recomendações de conteúdos – através de outros blogs, sites e vídeos – sobre direitos humanos, identidade, crossdressing, transexualismo, transvestismo e outros assuntos que tratem a sexualidade de forma ampla.

Não há um marcador com o nome da autora do blog. Decide-se assim por buscar informações através da categoria crossdressing. Dentre divulgação de eventos de blogueir@s, curiosidades crossdresserss (sobre crossdressing nas redes, nas artes, a prática d@ cartunista Laerte e de outras crossdressers, artigos científicos que abordam o tema, animações crossdressers, artigos de revistas, notícias, vestimentas, dicas de montações, entre outros), eventos crossdressers e o post explicativo sobre o crossdressing (supracitado), encontra-se a postagem sobre entrevista de Luísa Stern para o portal Mix Brasil (portal este que se considera pioneiro em conteúdo sobre a diversidade sexual) um pouco do que foi o crossdressing na vida de Luísa Stern.

Há dois anos da data da entrevista, Luísa se assumira transexual. Antes disso, tivera vivência crossdresser e fala um pouco disso na entrevista.

Em reportagem de 2010, Luísa afirma que o crossdressing é figurado como palavra ainda pouco conhecida no meio LGBT e tratado como sensacionalista pela mídia não-especializada. Assim, muita coisa ainda precisaria ser dita.

Apona que mesmo Laerte, tão icônic@ fora da categoria (muitas vezes usad@ como “crossdresser-referência” pelos não-pares), confunde os termos e se perde dentro de sua própria identidade (esta última uma acusação ousada, talvez). Mas que não é porque el@ se veste de mulher durante todo o dia que @ torna travesti ou transexual.

Esclarece então para o repórter o que é ser crossdresser:

Na tradução literal seria vestir-se ao contrário, com roupas do sexo oposto. Essa palavra foi adotada como símbolo da identidade de um grupo de heterossexuais que se vestiam de mulher lá nos início dos anos 60. São homens que levam duas vidas, que montam e se desmontam, que não fazem intervenções no corpo muito visíveis ou definitivas. Não significa que hoje, 50 anos depois, seja só formado por heterossexuais, existem muitos bissexuais e gays, mas os héteros são a maioria.

Acredita que a crossdresser busca nas roupas femininas um “alívio para as pressões do mundo machista”, uma forma de relaxamento, em contraponto com o travestismo fetichista, no qual existiria motivações puramente sexual e culpa envolvendo o uso destas roupas e vestimentas.

Defende a ideia de que as crossdressers não são discriminadas pela comunidade LGBT, mas escolhem se isolar e se reunir em locais fechados em função da privacidade. Classifica a questão como algo de “homem heterossexual que gosta de se vestir de mulher”. Haveria assim, na comunidade LGBT, um desconhecimento da prática crossdresser.

Relata notar que grande parte das crossdressers sentem grande prazer em se montar, e uma tristeza na hora de desmontar. Refere-se então à expressão “síndrome da acetona” – também relatada por Vencato (2009) em sua etnografia no clube virtual BCC –, que se referiria ao momento de remover não só o esmalte, mas também a maquiagem e retirar as roupas e acessórios femininos (para uma ilustração da “síndrome da acetona”, ver anexos 3 e 4). É também o momento de despedir-se – ainda que por um tempo – da identidade feminina e voltar à masculina.

Defende que a “típica crossdresser” volta tranquilamente para a sua vida masculina depois de se desmontar. Ou seja, gosta de sua vida masculina também.

Luísa acredita que, para ela, o crossdressing foi um aprendizado que a ajudou a entender que quanto mais usava roupas femininas, mais tinha vontade de fazê-lo. Quando passou a morar sozinha e ter mais privacidade, pôde escolher suas peças e então começou a experimentar, a se montar. Acredita que antes, de uma forma um pouco “caricata”.

Em sua caminhada, chegou a tentar voltar atrás (a um tempo em que não se montava), apenas para descobrir que não se pode desistir do que se é. Quando saiu montada na rua pela primeira vez, entendeu que gostaria de viver “100% como mulher”. Desde então começou sua jornada como mulher trans, publicizando aos poucos sua vivência feminina, bem como optando por uma série de modificações em vários âmbitos da sua vida.

Torna-se importante explicitar a caminhada de Luísa porque, embora @ blogueir@ dedique grande parte dos seus textos à temática crossdresser, mantenha o nome do blog relacionado à prática, assume hoje uma identidade de mulher trans e não de uma crossdresser.

Kogut (2006) encontrou entre seus interlocutores relatos da “fase crossdresser”, referindo-se à prática “de entrada” à assunção de uma identidade feminina que sobressaia à masculina, ou melhor, que a elimine completamente.

Ademais, Luísa Stern não representa com imagens sua prática crossdresser, tampouco trata da mesma com detalhes. Logo, não se tentou pensar nas fotos que a blogueira posta de si no blog como uma forma de analisar sua montagem. As roupas com as quais Luísa aparece vestida, os acessórios que elege, a forma como usa cabelo e unhas estão relacionados à mulher trans que é Luísa Stern.

3.5 Blog Homens De Calcinhas

Homens de Calcinha é também um blog hospedado no Blogger. Seu endereço é um pouco diferente do nome do blog (boysdecalcinha.blogspot.com.br).

Antes que se tenha acesso ao blog, a plataforma Blogger avisa sobre o conteúdo: alerta que pode ser considerado adequado somente para adultos. Explica ainda que “Em geral, o Google não analisa nem endossa o conteúdo deste ou de qualquer outro blog.” Estando “ciente” do conteúdo, @ leit@r pode optar pelo botão que leva ao blog, ou decidir-se por não continuar.



Figura 7 – Print da página inicial do blog “Homens de Calcinhas”

Atrás do nome do blog, mostrado em fonte grande e da descrição do mesmo (“Somente fotos amadoras de cdzinhas, homens que adoram calcinhas, tangas, shortinhos. Crossdressers !!”), há fotos que ilustram bem os objetivos do blog. São fotos de homens com calcinhas “femininas”. Algumas transparentes, outras pequenas, delicadas ou rendadas. Por vezes uma mistura de todas essas categorias. As poses são pornográficas: com a calcinha

abaixada, mostram o ânus, o saco escrotal e o pênis. Em outras o foco é a transparência da calcinha, que deixa entrever o membro, em ereção ou não. Em uma quinta foto e terceira possibilidade, a glândula do pênis ereto é colocada pra fora da calcinha.

Na área central e direita do blog são mostradas as postagens. À esquerda um widget para que os textos da página sejam traduzidos para todas as línguas oferecidas pelo Google.

Logo abaixo, um botão com uma logo leva a um sex shop virtual, loja que existe desde 2003. A loja oferece produtos para públicos diversos, não deixando transparecer foco em clientela específica.

Este botão será repetido após a lista dos melhores links. São 46 os links e todos remetem a páginas com conteúdo ligado a sexo e sexualidade, com nudez. Os nomes não deixam dúvidas: Trans Bem Dotadas, Lindas Travestis, Negras Travestis, Asian Travestis, Amadoras Travestis, Homens Peludos, Fotos Amadoras Gay, Crossdress (Homem de Mulher), Pênis Enormes, Inversão de Papéis, Gordinha Amadoras, Esposa Comedora, Boys de Tanga, Travestis Bem-Dotados, Por Baixo da Saia, Musculosas Lindas, Jogadoras Sex, Pênis Babando, Pés e Salto Alto, Calcinhas Molhadas, Só Peitudas, Sexy Shop, Fotos Amadoras, Latex Sex, Sadomaso Forte, Gayleria.pt, Inserções, Travestis Popozudos, Só Anal, Matérias de Sexo, Blog Swing, Oriental Sex, Boys Gozando, Cartoons Sex, Homens Sarados, Gatas Urinando, Peludas Sex, Bissexuais Pics, Baladas e Sexo, Porno 3D, Bundas e Bundas, Mulheres Peludas, Gozadas, Sexo Antigo, Lesbian Sex, Emo Sex.

Dentre todos estes blogs, apenas 2 eram internacionais, 2 haviam sido removidos, 5 tinham nome e algum “esqueleto” no Blogger, mas nenhuma postagem, 1 link retomava o próprio blog (embora o link tivesse nome diferente) e outro levava novamente ao sex shop anunciado.

Todo o resto do conteúdo era o esperado, ou seja, relacionavam-se diretamente ao nome dado: sexo e nudez. Para muitos gostos e fetiches. Há até um que se dedica a posições sexuais de cartoons em 3D.

Acredita-se ser importante relatar tudo isso por dois motivos: o formato dos blogs mencionados e considerados neste blog em questão como os “melhores links” guardam imensa semelhança com o “Homens de Calcinha”. O layout, a forma das postagens (fotos prioritariamente, com pouco ou nenhum texto, quando muito, alguma descrição). Em vários destes blogs as fotos se repetem, dando a entender que uma mesma pessoa ou grupo de pessoas os gere. São, em suma, blogs nos quais se encontra o que se procura, sem conteúdo pessoal. Assim também é o “Homens de Calcinha”.

Ainda à direita e abaixo da lista de melhores links, encontram as postagens mais populares. A foto postada é mostrada em tamanho pequeno, acompanhada do título (quando o possui). Quatro dão enfoque ao pênis ereto escapando da calcinha, as outras mostram as nádegas ou o ânus totalmente depilado. Por uma ou duas fotos, o cenário é acompanhado de sêmen. A meia-calça 7/8 (que sobe até à altura das coxas) é um item recorrente nestas fotos. Em geral, de cor preta.

Segue então – ainda do lado esquerdo da página – um widget que permite que novas pessoas se tornem seguidora da página e também mostra um painel dos membros (pessoas que se tornaram seguidoras). Lembrando que o Google faz essa exposição em um painel quadrado, onde 16 fotos são dispostas por vez, modificadas de acordo com a atualização destes mesmos membros.

O arquivo do blog foi separado por meses, em uma ordem cronológica decrescente. O mês atual está no topo da lista e abaixo os meses antecedentes. Não há separação entre os anos, apenas deduz-se que um ano chegou ao fim contanto a ordem dos meses indicados.

Abaixo estão vídeos do Youtube escolhidos pelo autor do blog. Todos os títulos dos mesmos remetem à prática crossdressing. Referem-se sobretudo à montagem. Não foi possível para a pesquisadora acessar nenhum deles.

Seguem então mais dois widgets: um leva a fotos variadas no Picasa e outro conta os visitantes do blog.

As postagens verificadas nas 5 primeiras páginas do blog (lembrando que em cada página cabem entre até 6 posts, dependendo de quantas fotos tem cada um) podem ser resumidas no que se pode perceber nos posts mais acessados: o foco majoritário é o pênis ereto para fora da calcinha. Em todas as fotos as cds vestem a peça.

Nas 5 primeiras páginas, foram contabilizados 30 posts. Em 23 o foco é o pênis ereto. Nas outras, as nádegas, o ânus e o saco escrotal são destacados. Grande maioria das crossdressers retira todos os pelos pubianos e usa calcinha rendada e/ou transparente. Apenas em 1 foto uma cd usa calcinha de algodão, com motivos infantis.

Em duas postagens (como o enfoque fica apenas no órgão genital, suspeita-se de que em cada postagem uma pessoa diferente é mostrada. Parecem corpos diferentes, mas não se pode afirmar com certeza) o sutiã e os seios são exibidos na mesma proporção. Cinta-liga foi usada por 5 vezes e a meia-calça, item popular, 8.

Faz-se interessante notar algumas combinações que aparecem: em uma foto, metade de um rosto aparece com uma barba, enquanto a pessoa veste calcinha e mostra o pênis.

Todos os pelos pubianos foram retirados. Há também o uso de calcinha, pernas cobertas por pelos e unhas dos pés pintadas de rosa-shocking.

Em uma outra situação, a calcinha é apenas parte de um grande contexto: a roupa lembra a de uma colegial (há, inclusive, um par de tênis jogado em um canto do cômodo no qual as fotos foram tiradas) e o pênis está preso em uma grade com cadeado. Um dos marcadores sinaliza “sissy”. A palavra se relaciona à prática BDSM e está relacionada a um papel assumido dentro da mesma. Sissy aparece dentro do blog como um marcador comum a várias outras fotos que não se apresentam claramente como BDSM. Na situação supracitada, talvez tenha sido incluída na categoria pelo uso da calcinha delicada.

Zilli (2007) investigou a prática BDSM na internet, fazendo um diálogo com a Psiquiatria e explica que O BDSM é um acrônimo utilizado pelo grupo identitário para dar nome às suas atividades. Refere-se a uma variedade de prática e cada letra tem um significado prático.

B é para bondage, ou imobilização, geralmente com cordas ou algemas. O par B e D para bondage e disciplina, o uso de fantasias eróticas de castigos e punições; que ligam-se ao par D e S que representam dominação e submissão. São fantasias de entrega ao parceiro sexual e jogos de representação de humilhação e violação. O par S e M representam sadismo e masoquismo, ou sadomasoquismo – o uso de dor como estímulo erótico. O BDSM envolve ainda práticas ligadas ao fetichismo (Zilli, 2007, p.8 e 9).

Este blog utiliza o modelo Simple da tecnologia Blogger. Mesmo dentro de uma estrutura padrão, pode-se dizer que o blog é personalizado. O topo da página apresenta uma personalização original, criada exclusivamente para o site: montagem com vários homens de calcinha, em várias posições. A imagem de fundo também é personalizada.

Em uma proposta na qual o enfoque é dado apenas em fotos de homens vestidos com calcinhas (alguns com outros itens de lingerie) a escolha de um background que mostra uma cortina vermelha como as dos palcos de teatros, sugere uma apresentação destas pessoas, valorizando sua aparição de seus corpos: nenhuma foto mostra os rostos das crossdressers.

Os widgets são poucos, resumindo-se aos melhores links (listagem dos blogs preferidos e de alguns vídeos do Youtube), às postagens mais acessadas, seguidore@s, e ferramenta de tradução.

Quem monta o blog? De onde vêm essas fotos? Quem sustenta essa imagem crossdresser – e qual ela seria? A pessoa que constrói o blog pega as fotos aleatoriamente na internet ou aqueles que enviam suas fotos para serem postadas?

A crossdresser parece ser definida neste contexto apenas pelo uso da roupa íntima feminina. Parece também ser considerada um fetiche e com frequência, coexistente com outros, como o BDSM.

Embora alguns teóricos (Vencato, 2009; Garcia et al., 2010) ressaltem que o que pode ser considerado e entendido como crossdressing pode variar bastante, a prática aqui mostrada contraria a percepção de várias interlocutoras, praticantes, para as quais, a montagem cd requer um número maior de etapas, acessórios e roupas. Ademais, muitas são as crossdressers para as quais a atividade não se vincula às práticas sexuais.

3.6 Blog Crossdressers ZL



Figura 8 – Print da página inicial do blog “Crossdressers ZL”

Este é mais um blog que utiliza a plataforma Blogger. O logotipo do mesmo, junto com o nome da casa de swing à qual está ligada, aparece sobre uma foto de uma mulher loira, magra, de glúteos avantajados. A maquiagem é “marcada” (olhos bastante delineados e negros), a lingerie tem cor vermelha e a sua pose deixa à mostra o corpo das coxas para cima, dando ênfase às nádegas e à calcinha fio-dental.

Para a pesquisadora, fica a dúvida: é uma mulher trans? Ou é uma crossdresser? Ou o mais importante: em um site que porta em letras garrafais a palavra crossdresser em seu nome, que ideia, conceito de crossdressing vigora?

Abaixo do nome do blog, há um endereço virtual (www.houseswing.com.br), correspondente a uma página que anuncia uma casa de swing. Situada em Tatuapé, na Zona

Leste de São Paulo, se anuncia como estabelecimento no qual nenhum preconceito é aceito. Não aceitam profissionais do sexo, armas ou menores de idade nas festas. O blog se confirma assim como um chamariz da casa para o público Crossdresser. Mas a casa tem festa aberta a todos. Por que um blog voltado apenas para este público?

Von Der Weid (2006), em etnografia em casas de swing do Rio de Janeiro, explica que o desenvolvimento da mídia e de novas tecnologias tem contribuído para a divulgação de práticas de swing no país. A internet facilitaria o acesso a casais praticantes, a informações sobre casas de swing ou informações outras sobre a prática. Aparelhos celulares seriam outra garantia de privacidade e sigilo. A mídia impressa completaria o rol de possibilidades de acesso a informações sobre casas de swing e também sobre a prática.

A ideia de que o swing se define pela troca de casais, em geral heterossexuais, é alargada por Silveira (2014) ao perceber em incursão a clubes de Goiânia que swing pode representar: o sexo a três (*ménage à trois* ou simplesmente, *ménage*), sexo grupal com o envolvimento de dois casais, o sexo entre uma mulher e dois ou mais homens (o que geralmente ocorre em dias em que a entrada de homens solteiros no clube é permitida) e também casais que vão ao clube para fazer sexo entre si (e por isso, considerados exibicionistas). O autor sugere, portanto, que a definição de swing com a qual trabalhou não se restringe à troca de casais, se referindo também a outras práticas. Além disso, a definição apresentada está diretamente ligada aos clubes pesquisados.

O pano de fundo do site é fotografia de luzes noturnas, desfocadas e que criam um efeito “confete”: vários círculos desfocados e coloridos que se mesclam e por vezes se superpõem.

Do lado direito, uma busca dos arquivos do blog, seguido por web banner que apresenta as formas de pagamento aceitas pela casa: cartão de créditos e débito. Sobre ele há a promessa de conforto, “descrição” (possivelmente um erro de impropriedade vocabular e a mensagem que realmente gostariam de apresentar é de que há discríção) e segurança no pagamento.

Abaixo, um web banner que faz marketing da casa, apresentando-a como a mais badalada da zona leste, um contador de visitas e mais um widget comum a outros blogs: um display com os seguidores, proporcionando a escolha de seguir o blog em questão também.

O blog conta apenas com uma postagem e quatro fotos. Todas são “*flyers*” das festas que acontecem na casa de swing. Em apenas uma dessas fotos, mostra-se uma mulher (trans? – a pesquisadora acredita que sim). Nas outras três, há casais trocando leves carícias, tirando a

roupa ou em roupas íntimas (curioso notar que esses homens não são retratados em roupas sumárias. Expostas estão apenas as mulheres).

Não foi possível avaliar qual foi o template utilizado neste blog. Entende-se que o blog, ligado à casa de swing, fora criado para atrair um público específico – crossdressers – para a casa. Dada a velocidade dos acontecimentos no ciberespaço, em um outro momento, quando se tentou acessar o blog para novo tipo de análise, percebeu-se que ele fora desativado. O site da casa de swing, porém, permanece em funcionamento. O blog pode ter sido criado apenas como um mural temporário.

De quarta-feira a sábado, acontecem 4 festas diferentes (ou com nomes diferentes), uma a cada noite. Não se sabe a diferença entre elas, além do que o nome possa sugerir: Swing Bi-Liberal, Swing Ardente, Swingão e Swing Liberal. Para todos os dias, o convite permanece o mesmo: casais, mulheres, trans e cross, homens hetero e bi são chamados a saciarem seus desejos.

Crossdressers pagam a metade do que paga um casal. Um homem sozinho, o triplo. Mas mulheres e trans são anunciadas como VIP (não pagariam nada?). Questiona-se assim o porquê de um blog de marketing de um estabelecimento ter como alvo (ou assim se entende pelo nome do blog) o público crossdresser, se esse público não é VIP na casa.

Não há também indicação do que se entende como crossdresser. Haveria necessidade de algum tipo de montagem específica – que delimite um mínimo de etapas ou acessórios – ou basta que a praticante se nomeie crossdresser?

3.7 Blog Aline Ferrary Crossdresser

Aline, a autora da página, mantém a barra principal do Blogger, abaixo da barra de endereços do navegador. A cor de fundo é um degradê de cinza escuro que se torna preto. A logo é bem simples, apenas anuncia o nome do blog (o que demonstra que a usuária fez poucas modificações na plataforma).

Suas postagens ficam ao meio. À esquerda, não há nenhum widget. À direita, o widget que mostra em um “mini-mural” @s seguidor@s (contendo também o botão para participar do site como um “Google Friend Connect”), os arquivos do blog (separados por ano e meses) e a opção “Quem Sou Eu”.

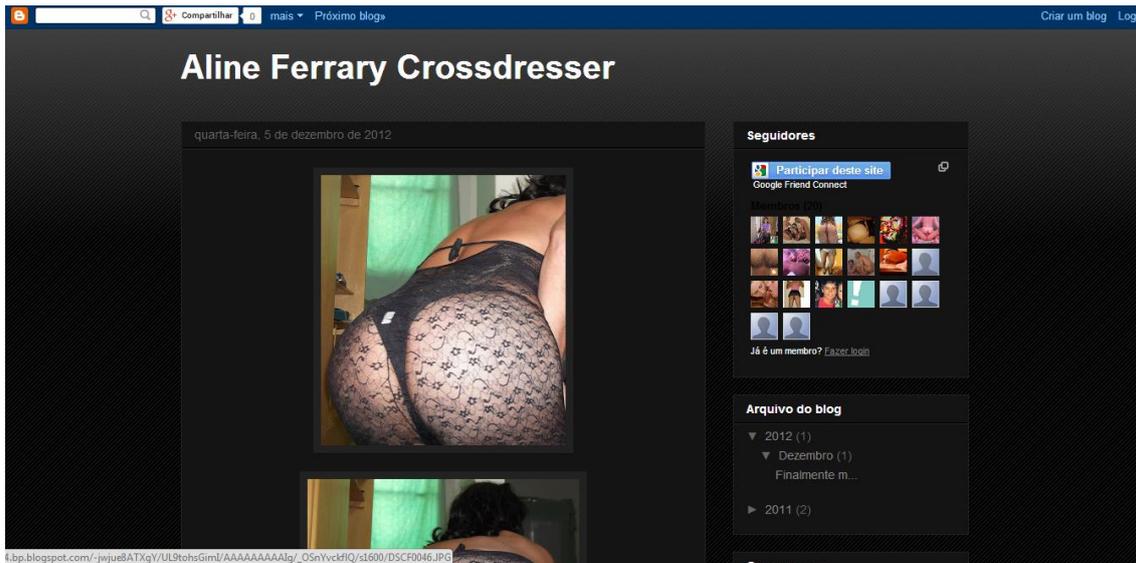


Figura 9 – Print da página inicial do blog “Aline Ferrary Crossdresser”

“Quem Sou Eu” é uma opção de preenchimento da plataforma e dá, como sugerido, a oportunidade de que @ autor(a) do blog fale um pouco de si e/ou apresente o espaço. Aline o preencheu com uma de suas fotos postada no blog.

Este blog utiliza o template Awesome da tecnologia Blogger. Com personalização mínima, dentro da qual se destaca a inserção do background em degradê. É um blog de visual discreto – dada a pouca variação de cores empregadas – e fonte de cor branca nos textos. Ainda no topo, não há nenhum tipo de descrição sobre o blog, apenas o nome d@ usuári@. O uso de widget se limita ao link para uma rede social da qual faz parte @ usuári@. É basicamente um blog de imagens e textos breves em cada postagem.

As postagens não são em grande número, mas cada post é composto por muitas fotos. O primeiro e o segundo datam de dezembro do ano de 2011. No primeiro post Aline se apresenta. Conta que é crossdresser há 3 anos. Está (ou estava? – afinal, passaram-se 2 anos) à procura de homens ativos que gostem de crossdressers passivas. Aline tem uma namorada que desconhece sua prática, situação que a crossdresser vincula à sua postura discreta. Sua maior fantasia é se montar e então praticar sexo oral.

É possível que o manejo do segredo tratado por Vencato (2009), esteja relacionado ao uso das máscaras e das poses que evitam que se mostre o rosto e, conseqüentemente, se reconheça a identidade masculina da crossdresser.

Ao final de sua descrição, há uma afirmação que deixa dúvida, parecendo haver um erro de pontuação, que mudou o sentido da frase. Aline diz: “Não sou liso ou afeminado normal, ok?”. Questiona-se se a crossdresser quis dizer que não é um homem afeminado, mas

sim “normal”. Do contrário, tem-se que considerar que para a autora “afeminado normal” é uma categoria – que a pesquisadora desconhece.

Em 2012, observa-se apenas mais uma outra postagem, em dezembro. Novamente, com várias fotos.

No primeiro post, Aline aparece com diferentes calcinhas, em fotografias que focam as nádegas. As calcinhas são todas “fio-dental” e ela tira fotos parecidas, girando o corpo em poucos graus (tão diminuta é a diferença entre algumas fotos). Há também presença de outros acessórios, tais quais: meia-calça 7/8 (vestem dos pés à metade da coxa), regata, saia transparente, cinta-liga, peruca e máscara (que lembra o famigerado personagem Zorro).

O foco é sempre as nádegas, enquadradas pela câmara. Em uma tentativa diferente, Aline coloca as mãos e os joelhos no chão, mostra as nádegas para a câmera e vira também o rosto nesta direção.

O segundo post é composto de acessórios, quantidade de fotos similares. Há o acréscimo de baby dolls e calcinhas diferentes, além de uma vestimenta que cobre dos pés, passa pelos quadris e sobe o tórax. É toda rendada e transparente. O “consolo” (pênis de material sintético) também aparece pela primeira vez e Aline o fotografa em pose sensual, próximo à boca.

Com o último post, uma última mensagem: Aline volta a lembrar que não é mulher, é crossdresser. Gosta de se vestir e tirar fotos. Relembrar que sua namorada não sabe e volta a anunciar: procura homens que também gostem da prática. Aceita grupos, desde que haja discrição.

Percebe-se então que para a autora do blog, o crossdressing está ligado aos acessórios femininos. Não fica claro se há remoção de pêlos nas nádegas ou coxa, tampouco pôde se comprovar a prática de tucking (através da qual o pênis é “escondido” puxando-o em direção do saco escrotal).

A montagem parece então estar diretamente ligada ao sexo. Quando se monta, busca também por sexo com outras pessoas que curtam homens que gostam de se vestir com roupas e acessórios femininos.

O que incluiria a montagem realizada por Aline? Poder-se-ia dizer que prescinde de algumas etapas? Há menores modificações corporais ao não proceder com a depilação, uso de maquiagem, roupas e calçados? As poucas postagens parecem sugerir que sim.

Mais uma vez, o crossdressing aparece relacionado à prática sexual, referindo-se não só à busca por parceiros, mas também a preferências sexuais, ilustradas pela foto de Aline simulando sexo oral em um pênis de borracha.

3.8 Blog 1 Crossdresser do grande ABC

O blog “1 Crossdresser do grande abc” está hospedado na plataforma Blogger, com endereço blogspot. Ou seja, não envolve compra de domínio, situação que fica clara pela extensão do endereço. Seu título aparece em azul claro, no mesmo tom de uma borda que circunda toda a página, assemelhando-se a uma moldura. O fundo da página é branco, fazendo com que se destaque as cores escolhidas para as fontes dos textos. Já a barra de endereço porta nome diferente do título do blog: gatinhacrosslinda.



Figura 10: Print da página inicial do blog “1 crossdresser do grande abc”

Este blog utiliza o template Simple da tecnologia Blogger. A personalização se restringe à cor azul da fonte tipográfica e um detalhe no topo e background todo branco. Um blog predominantemente descritivo, com poucas fotos, caixas de textos largas e de alinhamento não-justificado, o que provoca um pouco de dificuldade na leitura. Também não há um padrão de tamanho e cor de fonte nas postagens. Apesar do fundo branco, a quantidade de textos do blog sem formatação de texto o torna visualmente menos agradável.

Já na lateral direita, nota-se que mais da metade do espaço está preenchido por várias widgets de publicidade. Ao final dessa barra, existe um widget com link para uma rede social. É gritante como Melissa investe maciçamente em publicidade, em detrimento de socialização. Este aspecto, de alguma forma, entra em contradição com os inúmeros contatos, propostas e anúncios que faz ao longo de seus posts e que serão comentados adiante

Acima do título, encontra-se a barra costumeira da plataforma Blogger: o ícone da mesma que leva à página principal da plataforma, uma caixinha que serve de mecanismo de busca dentro do blog, um botão para compartilhar o conteúdo do blog no Google +, outro para compartilhar em outras ferramentas sociais (email, Facebook, Twitter) e o último botão para passar para o próximo blog.

Abaixo do título do blog, em letras maiores do que o resto do texto, aparece uma explicação d@ autor@ sobre quem é o crossdresser:

crossdresser é o nome de um dirturbio de generos de identidade de pessoas do sexo masculino fazendo ele se tornar um TRANGENERO, isso acontece por que nossas células femininas são muito desenvolvidas, e isso faz nós termos atração por todo universo feminino e interagir sempre quando podemos com ele mas sempre de forma discreta.

Foi a primeira vez que a pesquisadora viu uma descrição que envolvesse explicações de pretensões biológicas, misturadas com certezas sobre a discrição e certezas psiquiátricas. O que seriam células femininas? (O gameta feminino?) Onde caberia afirmação de comportamento discreto e como este pode ser definido?

Apesar da ousada descrição, algumas categorias chamam a atenção. Uma delas seria categoria *transgênero*. Outras pessoas que se propõem falar sobre o assunto, como a psicanalista Letícia Lanz e algumas crossdressers que se pronunciaram no fórum que foi também estudado para a pesquisa, o Crossdressing Place, também ligam à prática crossdresser à transgeneridade.

Kogut (2006) avalia que não é raro que as crossdressers, principalmente antes de conseguir dar nome à prática, e também à necessidade e/ou vontade de se montar, passem por momentos nos quais se sentem aberrações, doentes, ou associem à sexualidade a prática (geralmente pensam-se, questionam-se homossexuais). Neste processo, buscam por explicações médicas e categorizações nosológicas. Isso não quer dizer que seja uma fase ou etapa e neste sentido não se pode dizer que Melissa passa por esta fase. Mas é notório que buscou por explicações médicas, por categorias que a enquadrasse e absorveu-as de alguma forma.

Voltando à descrição do blog em si, abaixo da explicação de quem seriam as crossdressers, consta a justificativa da razão da existência do blog e também são dadas as boas-vindas aos leitores. Como a explicação dada sobre cds, esta justificativa é um parágrafo que atravessa toda a página.

Melissa Lisboa, autora do blog, explica que naquele espaço @ leitor@ poderá conhecer um pouco mais sobre ela através de seus sonhos, suas dificuldades e sua realidade

transgênero. Diz sofrer por ter que se dividir entre dois mundos, mas desejar fazer parte de um só, o que não seria possível pelo preconceito que sofre em sociedade por ser “diferente”.

Abaixo destes parágrafos, que são “fixos”, estão os posts à esquerda e widgets à direita. O primeiro widget é o de tradução do Google (que possibilita a tradução do blog em línguas oferecidas pelo Google). Abaixo, segue um espaço para anúncios e apresentava, no dia desta descrição, um anúncio de uma loja online de bijuterias. Segue abaixo do web banner uma chamada que convida outras pessoas anunciar seus sites no blog de Melissa.

Segue abaixo o web banner de um aplicativo usado no Facebook (Neenbo), com seu respectivo nome acima dele, logo depois o total de visualizações do blog (uma ferramenta da plataforma). Em seguida observam-se 20 web banners comerciais, que vão desde cosmético a sites que prometem uma quantia monetária pelo acesso aos seus sites afiliados e empresas de hospedagem de sites.

Alguns são web banners que alternam, a cada minuto, o conteúdo publicado. Outros são fixos. Muitas são as marcas e empresas reconhecidas nacional e internacionalmente. Dentre elas, Lojas Americanas, a marca de cosméticos L’Occitane, o site de buscas Buscapé, a rede de supermercados Walmart e a marca de acessórios Ana Hickmann.

Algo chama a atenção de cara. @ don@ e autor@ do blog escolheu colocar um título ou uma chamada para o web banner que viria logo abaixo. Um dos exemplos é o que vem logo após o widget de pesquisas por conteúdos dentro do blog: o web banner anuncia uma loja de bijuterias folheadas e o título afirma “lindas bijuterias”. Mas o que ocorre é que para alguns web banners, o título, chamada ou descrição não bate com o produto anunciado. Por algum motivo, não houve a correção destas “chamadas” quando o web banner deixou de ser exclusivo de uma só marca ou passou a fazer publicidade a algum outro.

São usadas duas tecnologias de monetização automáticas: o Google AdSense e o programa de afiliados Click Afiliados. Há também a venda de espaço publicitários a terceiros.

Logo após os web banners, seguem cinco anúncios que, se comparados aos dos jornais impressos, poderiam ser chamados de anúncios “de linha”. Não há arte ou layout, apenas um link para a empresa ou produto anunciado, seguido por um breve slogan ou explicação.

Enfim, segue a proposta Blogger de que quem escreve o blog fale de si. É a entrada “Quem eu Sou”. Melissa colocou uma foto sua na qual é retratada do busto para cima. A qualidade não é exatamente boa, mas é possível notar seus cabelos longos (uma leitura de seus posts pode comprovar que é peruca ou apliques), brincos de argola e decote tomara que caia – provavelmente recheado por algum tipo de prótese, uma vez que Melissa não se hormoniza (dado que também pode ser verificado em seus posts).

Há, ao lado da foto, um botão para segui-la no Google + e também um outro para acessar o perfil dela na referida rede social. Em sua breve descrição que ladeia a foto, Melissa Lisboa se diz um rapaz crossdresser e anuncia que isto significa que ama se vestir de mulher, mas que se veste como “menininho” na rua e em público (público aparece grafado “pubblico”, sem acento agudo e com o acréscimo de um l. Questiona-se se seria apenas um caso de displicência na digitação ou se daria indícios da escolaridade da autora e/ou falta de revisão nos textos antes da postagem).

Segue um link que convida à visualização de um perfil completo. Este não leva a uma página Blogger (como ocorre com muitos outros blogs hospedados por esta plataforma), mas sim à página de Melissa no Google +. Nesta, ela mantém a mesma foto do perfil do blog, a mesma descrição pessoal e indicação do local de onde fala (São Caetano, ABC paulista) e se coloca na categoria do gênero masculino (uma opção de preenchimento de perfil da rede social).

Segue depois do perfil o conteúdo do blog separado em anos. O blog é escrito desde o ano de 2012. As postagens do último ano ficam separadas em meses, que são elencados de forma reversa e têm seus nomes transformados em links. O último mês no qual houve postagens é desdobrado e todas as postagens realizadas são expostas em seus títulos. Assim, em ordem cronológica reversa, pode-se acessar cada uma destas postagens pelos seus títulos transformados em links.

Abaixo, um botão que leva ao site Who’s Among Us e que revela o tipo de conteúdo mais popular em determinados blogs. Ao lado, um botão para que se recomende o blog no Google +.

Segue uma imagem que parece ter sido construída para se tornar um botão, ou seja, com a intenção de que levasse a uma página ou site externo. É de tamanho pequeno, contém a foto de Melissa (a mesma do perfil) e ao lado, o nome do blog com a inscrição “Clique aqui e divulgue meu BLOG”, abaixo. Clicando-se sobre a imagem – ou que pretendia ser um botão – nada acontece.

Ao lado dele, é mostrado o email de Melissa, com o espaço de entrada de informação no qual se lê em marca d’água “*email address*” está ladeado pela inscrição *submit* inscrita em um botão. A inserção de um endereço de email neste espaço faz abrir uma janela onde se pode escrever para Melissa. Mas não há instruções de que aquele é o lugar certo para contatar a autora do blog. Foi uma descoberta por tentativa e erro – algo que pareceu, para a pesquisadora, fácil de ser subentendido. Mas que, de qualquer forma, não se encontra explícito.

Por fim, quase ao final da página, ainda do lado direito, encontram-se um botão do Google para participar do blog (tornar-se membro) e um widget da plataforma Blogger que, abaixo do título “Membros”, ao lado do número de pessoas que participam do blog, mostra a foto de perfil dos membros de “1 Crossdresser do grande abc”.

Do que trata o blog? O que posta Melissa? Seus posts são hiperfocados em sua prática crossdresser e na dimensão que ela tem em sua vida.

Melissa descreve minuciosamente o que prioriza e como gosta de se montar. Há entre os seus posts, vários nos quais ela fala de suas preferências. Gosta de sapatos de saltos de tamanho entres 12 e 15 cm; gosta dos estilos “patricinha, piriguete, elegante e sensual” (interessante notar como elegante e piriguete podem ser entendidos como categorias que se chocam. Não se sabe se Melissa gosta de se arriscar entre estilos tão distintos ou se não analisou esta questão). Gosta de brincos grandes, que tenham balanço, mas que não pesem nas orelhas. Lingerie, maquiagens, pulseiras, perucas e produtos para cuidado da pele são outros itens do interesse de Melissa.

Acalenta o sonho de trabalhar em um lugar em que possa ficar vestida de mulher o tempo todo – como fica em sua casa. Diz estar sempre de calcinha e sutiã. Mas é quando chega em casa que pode montar-se: adiciona os seios postiços, perucas, adereços.

Afirma gostar de realizar tarefas domésticas estando montada, “como uma linda menina”, o que incluiria o uso de saltos altos. Nestas oportunidades, limpa a casa, lava a louça, cozinha, lava, passa roupas e as estende no varal.

Neste ponto, questiona-se se a sua percepção do feminino não estaria fortemente vinculada a uma visão estanque sobre papéis de gênero, associando homens e mulheres a atividades, papéis e responsabilidades específicas. O que Melissa dá a entender é que essas tarefas domésticas seriam atividades inerentes às mulheres, sendo então uma atividade que gosta de realizar quando montada. E vai além: não basta estar montada, há que se calçar saltos altos. Uma imagem que parece estar carregada de machismo, de um ideal de mulher que não só exige demais, como também é distante da forma usual – e possível? – de se realizar tais tarefas.

A blogueira dedicou uma postagem aos limites de suas modificações corporais. Mostra os seios de silicone que utiliza, com coloração próxima à da pele humana e também mamilos, têm faixas transparentes que são usadas para prender os mesmo nas costas e nos ombros. Mas afirma que nunca faria um implante “definitivo” de silicone para ter seios “de verdade”. Tampouco deixaria o cabelo crescer “como de mulher”; deixaria as unhas compridas ou tomaria hormônios femininos. Assim Melissa delimita suas modificações corporais.

Permite-se depilar todo o corpo com cera a cada duas semanas, tirar o excesso de pêlos nas sobrancelhas e cuida da pele com esfoliantes, óleos e cremes. Em algumas fotos, aparece com axilas não depiladas, estando, inclusive, com os pêlos da região bastante longos.

Para alongar os cabelos, usa apliques de cabelos naturais, com os quais dorme às vezes, usando também camisolas, lingerie e brincos. Gosta de sua aparência quando montada, acredita ser “convincente e feminina”. Aposta que nem todas as crossdressers fiquem tão bem “de mulher” como ela.

Suas roupas foram todas fotografadas sobre uma cama. É uma cama de solteiro e em algumas fotos pode-se ver os pés d@ fotograf@ em chinelos pretos de tiras largas, vendidos como “masculinos” e unhas sem esmaltes.

São blusas de alcinha e de manga, vestidos e calças legging e jeans. As blusas e vestido são todas de malha ou outro tecido que contenha lycra, ou que expanda com facilidade. Não são roupas de “marca”, o que se depreende pela ausência de etiquetas que façam referência a elas na parte interna da blusa e que fica próxima ao pescoço. Ou seja, pelos tecidos, cortes e estampas. Diz comprar suas roupas todas em um brechó, pelo valor de R\$ 1,00 ou R\$ 2,00.

No entanto, não parece economizar muito com sapatos. Calcula ter mais de 30 pares. São scarpins, sandálias, sapatos “Chanel”, meia-patas. Todos os sapatos fotografados são de salto alto.

Melissa fala em seus posts do seu interesse em encontrar uma namorada que saiba de sua prática e também de mulheres que vivam na mesma região que ela para que possam trocar acessórios femininos. Elenca várias vantagens no relacionamento entre uma mulher e uma crossdresser (ou um transgênero, segundo seu entendimento), que em geral passam pelo fato de poderem dividir acessórios, roupas e o processo de se arrumarem e se embelezarem. Acredita que crossdressers são boas companheiras por terem paciência em esperar uma mulher se arrumar e também gostar de acompanhá-las nas compras.

Fala abertamente de seus intentos quando escreve seus posts: oferece-se para diferentes tipos de transações comerciais, negócios e buscas – gostaria que vendedoras de roupas femininas fossem atendê-la à domicílio; busca locais para se montar, mas gostaria de ser atendida apenas por mulheres; gostaria de alugar e vender alguns de seus sapatos; oferece-se para realizar tarefas domésticas montada, desde que use máscara para preservar sua identidade masculina; indica presentes que gostaria de ganhar – e que, em geral, relacionam-se ao que gosta de usar para se montar – Faz, no entanto, a ressalva de que, para ser presenteada, o presente deverá ser enviado para uma determinada agência dos Correios, para

que não exponha seu endereço; busca alguém – uma empresária talvez – que possa ajudá-la a ganhar dinheiro com o crossdressing, desde que não tenha que fazer programas; diz aceitar propostas de todos os tipos para arrecadar grande soma de dinheiro e investi-la na compra de uma casa; disponibiliza-se para conceder entrevistas a jornais, revistas e psicólogas de São Paulo; oferece-se para estrelar em filmes pornô em que seja apenas penetrada e o faria por um cachê de R\$ 50.000,00.

Em contrapartida às ofertas e das buscas que anuncia fazer, não faz links com outros blogs ou sites, não demonstrando um relacionamento com outr@s blogueir@s ou parcerias com @s mesm@s. Não investe muito em redes sociais.

Sabe-se que ser citado por outras plataformas é uma das formas de contagem do Google para efetuar sua busca de palavras. Detecta-se, portanto, que este é um ponto que possivelmente torna o blog de Melissa ilhado. Nota-se que não há comentários nos posts. Será que Melissa ignora estas formas de conexão com outras pessoas, possibilidades de que o blog aumente seu número de visitas?

Outro ponto que se evidencia é que as propostas feitas por Melissa caem, por vezes, em contradição dentro do seu próprio discurso. Em vários posts afirma ser heterossexual e também procura por namorada. Em alguns momentos, eleva sua heterossexualidade à “porcentagem máxima”. Logo, oferece-se para atuar em filmes pornô em que seja somente penetrada (seria para ela uma prática “mais heterossexual”?). Gostaria de ganhar dinheiro com o crossdressing, desde que não tenha que fazer programas. Em contrapartida, afirma que faria qualquer coisa por determinada soma de dinheiro.

O que se questiona neste momento não é a fluidez das identidades apresentadas por Melissa. Acredita-se, ao contrário, não só que seja condição inerente à sexualidade que estas identidades não sejam estanques, quanto percebe-se que estas percepções coadunem com a de outros autores. Vencato (2009) questiona se classificações muito fechadas acerca da sexualidade conseguiriam dizer sobre o que as pessoas fazem, entendimento partilhado pela autora do presente trabalho.

Chama a atenção sim a grande flutuação do discurso de Melissa, que confunde @ sua/seu leitor@. Para aquel@s que leem o seu blog do início ao fim, sobra ao final da leitura a sensação de inconstância.

3.9 Fórum Crossdressing Place

O fórum Crossdressing Place, como o nome deixa claro, não é um blog. Tampouco um espaço individual ou pessoal. Ainda assim, foi escolhido para constar nesta pesquisa por apresentar debate riquíssimo e totalmente pertinente com a investigação realizada: é espaço virtual, aberto para expressões textuais e também pictóricas e no debate em questão, é explorado o que as crossdressers legitimam dentro da prática.

O layout não é moderno e a tela de entrada confunde o leitor com a grande oferta de informações que se espalham por vários nichos que propõem assuntos diversos. A disposição desse nichos é central ou à direita e à esquerda da página. O site possui um layout sem muitas cores, tendendo assim, à discricção. Em contrapartida polui visualmente pelo excesso de informação, embora o uso de fontes varie pouco.

Seu arquivo está pronto...
BAIXAR

Fórum para Crossdressers, Transgêneros e Supporters

Inicio | FAQ | Registrar-se | Login

Buscar

Seu arquivo está pronto...

4 | 1 | 626

g+ | Twitter | Curtir

Parceiros

CDPlace
Crossdressing Group

Últimos assuntos

- Videos (não pornográficos)
Ter 24 Set 2013, 21:44
por Patricia Campi
- Casos que ocorrem/podem ocorrer
Qui 19 Set 2013, 15:37
por Stefanne Camp
- videos de transformações e afins
Dom 15 Set 2013, 09:01
por marcela_dias_cd
- O que é o Fórum Crossdressing Place?
Ter 10 Set 2013, 14:09
por Stefanne Camp
- Nossa História
Ter 10 Set 2013, 14:06
por Stefanne Camp
- Sisites e cartoon crossdressers
Seg 02 Set 2013, 15:03
por Erika Cristina
- Crossdresser em comercial na Tailândia

Sobre o Crossdressing Place

Tópicos	Mensagens	Última Mensagem
2	2	Ter 10 Set 2013, 14:09 Stefanne Camp

Parcerias

Tópicos	Mensagens	Última Mensagem
2	6	Dom 28 Jul 2013, 21:58 Stefanne Camp

Dúvidas e Sugestões

Tópicos	Mensagens	Última Mensagem
14	159	Seg 25 Nov 2013, 10:14 Niele

Tutoriais

Tópicos	Mensagens	Última Mensagem
6	35	Ter 12 Nov 2013, 09:58 Niele

Legislação & Política

Tópicos	Mensagens	Última Mensagem
6	48	Hoje à(s) 09:37 Erika Cristina

Tópicos ativos do dia

Figura 11 – Print da página inicial do blog “Fórum Crossdresser Place”

Na parte superior, logo abaixo do logotipo do fórum e do nome do mesmo por extenso, são dispostas algumas abas do lado esquerdo nesta ordem: home – que retorna à página principal; calendário de aniversários; perguntas frequentes; membros; grupos nos quais se divide o fórum – administradores, moderadores, crossdressers, supporters e simpatizantes; perfis – de todos os membros; mensagens privadas – do usuário e logout.

Na parte superior esquerda encontram-se três botões de acesso a redes virtuais: Google+, Twitter e Facebook.

Há uma janela que requisita o login de um visitante e que acompanha a movimentação da barra de rolagem assim que a página inicial é acessada, mas logar não é imprescindível. Pode-

se navegar no fórum por tópicos que não sejam trancados e também acessar alguns links externos – que levam a outros portais – sem que se faça login.

Executado o login de visitante, a página que pode ser visualizada é toda dividida em quadros que demonstram diferentes assuntos e possibilidades. Ao centro, fica a “caixa” do chat e é necessário fazer outro login para fazer uso dela. Através desta caixa, pode-se acessar os arquivos de conversas de usuário.

Logo abaixo, segue listagem das grandes “áreas” nas quais tópicos podem ser inseridos no fórum. À frente de cada uma, há links que detalham quantos tópicos, mensagens e qual foi a última mensagem que cada grande área recebeu.

O nicho apresentado abaixo indica quem está conectado no momento, quantas mensagens já foram postadas (3229), o número de membros até então (342), @s aniversariantes do dia e da semana, legenda para uso do fórum que se refere ao tipo de usuário. A saber: administradores, moderadores, crossdressers, supporters e simpatizantes. Há ainda indicação de quantas pessoas fazem uso do chat naquele momento e uma legenda para que se entenda o uso de todo o fórum: uma maçã verde - significa que existem novas mensagens; maçã branca - nenhuma nova mensagem; maçã lilás - fórum bloqueado.

No canto esquerdo da página, nichos retangulares verticais oferecem os últimos assuntos tratados no fórum, os tópicos mais visitados e também os mais ativos. Logo abaixo, quantas pessoas se encontram conectadas (aqui, não ao chat, mas à página ou site).

No canto direito da página, encontram-se também em nichos retangulares verticais sete parceiros: dois blogs, uma comunidade e uma página no Facebook, um bar, uma loja virtual de perucas e um site de hospedagem de fóruns. Abaixo, são mostrados os 10 membros mais ativos da semana (calculados por uma barra retangular. Quanto maior horizontalmente, mais ativo) e em outro nicho, os que mais criaram tópicos (mensurado da mesma forma). A última proposta que pode ser visualizada do lado direito é uma caixa de votação com tópicos fechados. No momento do primeiro acesso (no dia 7 de maio de 2013), estava sendo votado o quão pública é a prática crossdressing dos membros do fórum.

Dentre os tópicos mais visitados, ocupa a 6ª posição em um ranking de 10, o assunto “Autêntico X Imitação”, proposto pela administradora. Foi este o tópico escolhido para ser explorado para fins deste estudo. Conta com 51 mensagens postadas entre 05 de janeiro de 2013 e 29 de julho de 2013. 17 membros do fórum participaram do debate, alguns comentando mais de uma vez. Foram consideradas as mensagens das páginas 1 até 3, com o intuito de reduzir o grande número de desdobramentos deste assunto. A discussão foi ampla e vários focos poderiam ser dados para discussão. Para este estudo, serão explicitados pontos de

vistas que defendem ou tentam explicar o emprego da categoria *crossdresser* ou do que se refere à prática *crossdressing*.

Os comentários são separados por “caixas”, mostrando a foto da pessoa que emitiu o comentário à esquerda. Clicando-se sobre a foto ou nome d@ participante, é possível acessar seu perfil no fórum. Este espaço não permite muitos recursos. Além da foto de pequenas dimensões (para aquel@s que escolheram publicá-la), há a proposta das seguintes categorias: classificação, localização, país, mensagens, pontos, data de nascimento, data de inscrição, idade, exposição (da prática), como a pessoa quer ser chamada e um comentário sobre o seu humor. As categorias a serem preenchidas ficam a critério d@ don@ do perfil.

Há em geral uma polidez e cuidado com as palavras empregadas, dando a impressão de que os membros primam por um ambiente amistoso, descontraído e de respeito.

A administradora justifica o assunto:

Este tópico foi criado em função de uma discussão que começou a ocorrer no Facebook, onde comentei o que seria uma *Crossdresser Autêntica*, de uma pessoa que se diz cd, mas que apenas coloca uma calcinha, não depila e busca não somente sexo, mas ‘putarias’, ocasionando, de alguma forma, um constrangimento às pessoas praticantes do *Crossdressing*. Esses constrangimentos abrangem, desde a distorção do gosto em usar roupas femininas, quanto ao contato com outros grupos de *Transgêneros*, no caso, *Travestis*, *Transexuais* e *Drag's*, incluindo a visão de pessoas próximas (amigos e familiares, principalmente). Lembrando que esse tópico não se limita ao ‘Grupo das *Crossdresser*’, mas à todas as pessoas que pensam em combater segregações, ocasionadas em função das imagens distorcidas de algumas pessoas que não sabem ou não estão preocupadas com os Grupos *Transgêneros*.

Com esse discurso, a referida administradora convida os outros membros a emitirem suas opiniões e faz a ressalva de que ela mesma é uma cd (*crossdresser* ou *cross diva*, segundo a interlocutora) porque se monta e se depila, ao contrário daqueles a quem chama de BP (*Bunda Peluda* ou *Bunda de Pelúcia*).

Parece entender que as cds “de verdade”, além de se livrarem dos pelos, não buscam por “sexo barato”. Embora apregoe que o tópico não visa segregações, congrega às cds de verdade do grupo a “(...)separar o joio do trigo” (fala da administradora).

Abre-se aqui um parêntese para comentar uma tirinha cheia de humor (anexo 2), mas de questão relevante. Nos quadrinhos em questão, uma cd vai ao terapeuta e conta a esta que se sente vulgar por ser *crossdresser*. Para que possa flexibilizar o seu olhar, a terapeuta sugere que conheça outras cds na internet, troque ideias, faça amizade.

Pelo Orkut, a cd em terapia começa a percorrer perfis de outras cds. O que ela observa é uma série de perfis cujas fotos são de bundas com muitos pelos, combinadas com pequenas calcinhas. Diante do quadro, questiona-se se só há bundas (como se tudo se resumisse a isso).

Encorajada por um perfil cuja foto é o close em uma boca maquiada com batom vermelho, resolve travar conversa. Esta cd que aparenta ser diferente das que tem encontrado sugere então uma conversa pela web cam. A primeira aceita com alguma relutância.

O que é então que a cd em terapia vê logo de cara? Uma outra bunda “peluda”. De volta ao consultório, em terapia, à terapeutizanda é questionada sobre como se sentiu durante a busca. Desanimada, conta: “Como uma bunda peluda é muito vulgar.”

Retomando o grupo de discussões, tem-se que a partir da fala referida anteriormente (da separação do joio e do trigo), muitas opiniões foram emitidas. Diante da crítica às pessoas de “bunda peluda” que buscam por sexo fácil, as participantes – todas descritas em seus perfis como crossdressers – se posicionaram.

Foi argumentado que a prática não é realizada da mesma forma por todas. Algumas alegaram que ainda é segredo em suas vidas – seja para todos com quem convive ou para uma grande parte dessas pessoas –, restringindo, por exemplo, a depilação às nádegas, virilha e outras partes não expostas pelas roupas. Neste ponto, percebe-se como o segredo (Vencato, 2009) aparece restringindo ou moldando a prática.

Neste sentido, a ideia da “depilação higiênica” (provavelmente uma referência aos homens que defendem que pelos acumulam sujeiras e bactérias, preferindo assim a depilação) foi ofertada como desculpa social para aqueles que não partilham com as cds a prática.

Outras (e a própria administradora) reforçaram o comentário inicial dizendo que aquelas que se dizem cds e “se portam mal” e são “oferecidas” dão má fama à categoria.

Foi considerado que o grau de montagem varia conforme possibilidades de publicização da prática, de questões sociais, religiosas e de “localização” (não explicadas, mas, de acordo com comentários feitos, possivelmente em referência àquelas que moram em cidades muito pequenas, nas quais informações circulam mais rápido). Além disso, refletiu-se que a montagem passa também por uma questão de afinidade e desejo, considerando que nem todas as que se consideram cds têm vontade de uma montagem completa.

Orientações sexuais distintas foram confessadas nas histórias de cds – busca por homens, desejos apenas por mulheres, desejo por mulheres enquanto “homens” e desejo por homens quando montadas foram as citadas.

Diante desse panorama no qual montagens desejadas, permitidas e buscadas e uma imensa gama de orientações sexuais, considerou-se que o verdadeiro crossdressing talvez passe pelo sentir-se bem quando montad@. Questionou-se o que une a categoria e quais seriam os pontos em comum.

A administradora, por diversas vezes, sugeriu que o termo “transgênero” seria menos excludente e mais “direto” por apresentar uma situação em que se transita entre dois gêneros. Citou @ cartunista Laerte e a renomada psicanalista Letícia Lanz para dizer que coaduna com a postura del@s. (Muito interessante os apontamentos que a administradora fez neste sentido, mas à pesquisadora pareceu “brigar” com a sua postura quando propôs a temática, situação em que parecia defender a categoria crossdresser de outras práticas).

Interessantes colocações foram feitas por uma das cds. Considerou-se que a montagem passe talvez por uma “evolução” (não foi explicitado, mas falava da montagem MtoF – Male to Female, ou seja, homens vestidos “de mulher”). Algumas cds passariam por todos estágios, outras ficariam nos primeiros, ou na metade do caminho, não havendo regra para tanto. O primeiro estágio assinalado seria o homem metrossexual. Dali para os que alimentam fetiches por um acessório tido como feminino. Passa-se por produções cada vez mais incrementadas, chegando-se a uma montagem durante as 24h (várias cds opinaram no sentido de que essas pessoas seriam então travestis ou mulheres trans), até que se chegue à cirurgia de redesignação sexual. Foi um comentário elogiado e bem aceito.

A ideia de etapas ou de uma evolução pode ser percebida analogamente na vivência travesti. Pelúcio (2005, p.225) analisa e descreve:

Se “ser travesti” é algo continuado e sem fim, este processo pode ser dividido em algumas etapas. A primeira delas é quando ainda se é “gayzinho” (classificação êmica), ou seja, já assumiu a orientação sexual para familiares e para “a sociedade” (como elas dizem, para um conjunto mais abrangente de pessoas), mas ainda não se vestem com roupas femininas ou ingerem hormônios. A fase seguinte é “montar-se”, que significa, no vocabulário próprio do universo homossexual masculino, vestir-se com roupas femininas, maquiarse de forma a esconder a marca da barba, ressaltar maçãs do rosto, evidenciar cílios, as pálpebras dos olhos e a boca. Nessa etapa, vestir-se com roupas femininas ainda é algo ocasional, furtivo, restrito a momentos de lazer. O terceiro momento é o da “transformação”, uma fase mais nuançada, pois tanto pode envolver apenas depilação dos pêlos do corpo e vestir-se cada vez mais freqüentemente como mulher, como pode indicar o momento inicial de ingestão de hormônios, quando estes ainda não mostraram efeitos perceptíveis; finalmente, a quarta etapa, quando já se é travesti, além do consumo de hormônios, vestem-se todo o tempo com roupas femininas (sobretudo roupas íntimas, pode estar de shorts, sem camisa, mas de calcinha) e planeja injetar silicone nos quadris e nádegas.

Escolheu-se terminar a descrição da discussão do fórum com um comentário de uma das cds que refletiu que por mais que se busque definições do que é ser crossdresser, não se dará conta da complexidade humana e que a “sexualidade” é uma instância separada da “transgressão de gênero”.

4 O QUE TANGE À SEXUALIDADE

Propor-se ao estudo da prática crossdresser é também inserir neste estudo a análise de algumas instâncias teóricas que se relacionam com o tema. A prática crossdresser envolve, para além de um simples uso de roupas, acessórios, níveis de modificações corporais, o uso que se faz deste corpo, as implicações sociais, a reflexão de como a questão passa pela sexualidade e de como socialmente são entendidas todas estas questões.

Afinal, não são apenas roupas, sapatos e maquiagens: é pensar o porquê das diferenças que culturalmente foram impingidas no que se refere aos gêneros masculinos e femininos.

Seguem abaixo alguns tópicos que merecem reflexão e comentário e que de alguma forma se relacionam com a temática.

4.1 A importância do corpo

Nosso corpo é o exemplo mais destacado do ambíguo

(William James)

O corpo existe e pode ser pego.

É suficientemente opaco para que se possa vê-lo.

Se ficar olhando anos você pode ver crescer o cabelo.

O corpo existe porque foi feito.

Por isso tem um buraco no meio.

O corpo existe, dado que exala cheiro.

E em cada extremidade existe um dedo.

O corpo se cortado espirra um líquido vermelho.

O corpo tem alguém como recheio.

(Momento VIII – Arnaldo Antunes)

Todos os âmbitos da vida social humana interessam ou podem ser eleitos como objeto das ciências sociais. Crenças e costumes são caros objetos de estudo para a antropologia. Mulheres e homens de todas as sociedades servem-se de seus corpos (Mauss, 1974) e, assim sendo, as práticas corporais justificam-se por significarem mais do que podem parecer a um@

observador@ desavisad@.

Na análise de blogs crossdressers, o corpo fala alto. Eles estão, de alguma forma, expostos em imagens e é através deste que a transformação se processa, se completa. É por ele que a prática faz sentido e dá à cd que pratica, o sentimento de satisfação. Talvez isto se justifique por ser o corpo “o primeiro e mais natural instrumento do homem” (Mauss, 1974, p.470), o seu “primeiro e mais concreto patrimônio” (Rodrigues, 2006).

O corpo humano é, como outras realidades, socialmente concebido pela cultura que, através dos olhos dos seus membros cria sentidos, institui contornos (Rodrigues, 2006).

Entender como o corpo é socialmente representado em determinada cultura ajuda a compreender a estrutura dessa mesma sociedade. Em cada uma, a atitude que se observa nos corpos é diferente; os gestos, as ações podem ter motivações bastante distintas. Cada sociedade, com grande variação cultural, elenca atributos – físicos, mentais, intelectuais – que seus membros devem ter. Para o uso do corpo não é diferente. É uma forma de garantir o cumprimento de funções sociais. Em cada cultura, atitudes são aceitas ou não, naturais ou forçadas.

Na prática crossdresser, a cd se monta em busca da composição de uma identidade feminina. Seu corpo é instrumento, é meio e é todo ele essa vivência. Claramente não se pode separar o sentimento da necessidade de ser/estar uma mulher do que o corpo permite neste processo. O indivíduo é este todo.

O que se ressalta aqui é como esse externo permite a busca por um uso do corpo que esteja mais próximo do que se experimenta, considera e entende como feminino. Se as regras sociais determinam como homens e mulheres usam seus corpos, o que é um corpo feminino, é nestas normatizações, determinações que se pautam as cds em suas buscas.

Mauss (1974) sugere que o estudo das práticas corporais seja feito do concreto ao abstrato. Através da observação de gestos, posturas, hábitos, práticas, pode-se tentar entender estruturas sociais e motivações para ações e práticas corporais valorizadas e repassadas de uma geração a outra. É através de seus corpos que mulheres e homens atuam, agem na natureza e na sociedade. Mas o que fazem de seus corpos está intimamente ligado, para além de motivações biológicas, à significação que a sociedade imprime em cada um desses atos. Normas são ditadas para o uso do corpo.

As técnicas já sabidas e aprendidas são fruto de um conjunto simbólico partilhado por uma cultura, e convencionou-se dividi-las em técnicas femininas e masculinas. Suas considerações nos fazem pensar como é fato a divisão que faz nossas sociedades ocidentais, ditando e replicando usos que cada gênero deve fazer de seus corpos. Está imbuído em seu

discurso um entendimento de que o fator biológico é carregado de determinismo (Mauss, 1974).

Em todas as sociedades mulheres comumente menstruam e têm a possibilidade de, sendo fecundadas, carregar crianças em seu ventre, enquanto homens produzem as células reprodutivas que, somadas às femininas, resultam na fecundação. Mas em cada cultura é alimentada uma série de atitudes que correspondem a estereótipos do que é tido como “homem” e do que é tido como “mulher”. Assim, mesmo que diferenças anatômicas possam ser observadas, o corpo não é uma lei irreduzível.

Os símbolos associados a homens e mulheres são tão diversos quanto o são as sociedades e, portanto, não se pode supor universais as divisões de gênero (Rodrigues, 2006). Certo é que é cultural a restrição imposta aos corpos no que tange a sua sexualidade.

Nossos corpos são construídos sob discursos, no campo das relações entre gênero e poder e a dominância sugere que há uma hierarquia entre eles que tem se modificado, desde a Grécia, até o século XX (Laqueur APUD Weeks, 2007). O corpo feminino, por muito tempo considerado inferior e invertido ao masculino, teve seu orgasmo valorizado quando se supôs que este faria da fecundação uma empreitada bem-sucedida. Mais tarde, ambos os corpos se tornariam verdadeiramente diferentes, mas recaía ainda o estigma de uma falta de sensação sexual sobre a mulher.

Há também prioridades dadas ao longo de nossas vidas. Assim, o que se ensina a uma criança em termos de gestos, movimentos, não é o mesmo enfoque dado a um adolescente. Os pais ensinam aos filhos o que fazer com os seus corpos de modo a estarem mais adequados e preparados à vida social. Futuramente, esses mesmos indivíduos terão seus corpos moldados pela escola e pela interação com outros grupos.

A criança imita os adultos nos quais confia e que sobre ela tem autoridade. Assimila os movimentos executados diante dele ou com ele (na companhia dele). É um complexo ordenado por elementos psicológicos, biológicos e sociológicos. A educação superpõe-se à imitação.

O corpo se confunde com outras instâncias, uma vez que não é separável de outras vivências ou partes do indivíduo. Mente, corpo, intelectualidade, afetividade: todas se imprimem em um mesmo complexo. Se moldado pela sociedade por motivos rituais, estéticos ou particulares, carrega significados e símbolos. A vida material do corpo se funde à vida simbólica do mesmo. O corpo em ação une as instâncias psíquicas, sociológicas e biológicas. Tal é a junção que, para o agente, fica difícil separá-las.

Le Breton (2003) explica que, como um fenômeno contemporâneo, o corpo passa a ser visto como um rascunho a ser corrigido. Ele encerraria a parte ruim do indivíduo, aquela que perece, envelhece, definha, se degrada, acaba. Sob sua ótica, o corpo não é a raiz da identidade do sujeito, mas um material sobre o qual dilui a identidade pessoal.

Se separado de outras instâncias do indivíduo, este corpo serve como acessório, é matéria-prima a ser trabalhada a gosto de desejos e aspirações, não há que se conformar com ele. Pode ser administrado sob senso estético e vontade do sujeito.

O corpo é um afluente da identidade, um conjunto de possibilidades, uma forma de afirmação de si mesmo. A anatomia não mais encerraria um destino, mas um acessório da presença. E as crossdressers parecem tratar intensamente dessa presença. Esta dinâmica conduz os sujeitos a uma maior maleabilidade de si. A plasticidade dos corpos se torna um lugar-comum e a parcela de manipulação simbólica se encontra ampliada.

Como um duplo de si mesmo, o corpo é uma versão que possibilita toda modificação. Exercita-se a possibilidade de se colocar fora de si para se tornar si mesmo. “Todo indivíduo contém a virtualidade de inúmeros outros corpos que pode revelar, tornando-se arranjador de sua aparência e seus afetos” (Le Breton, 2006, p. 32).

Neste sentido, o transexual seria um viajante em seu próprio corpo, mudando sexo e gênero a sua vontade. Um símbolo quase caricato do sentimento de que o corpo é uma possibilidade física de transformação, um campo de experimentação. Le Breton vai além e afirma que o transexual brinca com sua existência, assumindo uma aparência conforme ditam seus sentimentos.

Entender as práticas cross sex¹⁰ como brincadeiras com o corpo, em uma perspectiva lúdica, talvez seja ousado, talvez bastante simplista. A prática crossdresser é experienciada por quem a pratica de formas bastante individuais, mas pode-se dizer que algumas pessoas encaram-na como uma brincadeira prazerosa. Para outras, é expressão que não se desprende da identidade e subjetividade individual.

Mas esse entendimento dá margem a ponderar como práticas transgenders levam para um outro nível a dinâmica corporal, questionando a construção social do corpo na expressão da sexualidade.

A prescrição social da construção dos nossos corpos deixa marcas indeléveis na expressão da sexualidade, fazendo com que imediatamente se associe corporalidades com

10 – Termo utilizado pelo autor e que parece fazer referência à situação de trânsito identitário e/ou de expressão entre gêneros.

práticas sexuais. Talvez seja nesse sentido que se possa falar e procurar entender a dificuldade relatada por várias mulheres em aceitar que o gosto pela prática crossdressing de seus companheiros não esteja ligada à prática sexual homo-orientada. Também no intuito de desassociar desejo e práticas corporais, algumas crossdressers optam por anunciar que não são homossexuais, rejeitando o estereótipo de que o uso das roupas femininas esteja ligado à homossexualidade (Vencato, 2009).

4.2 A sexualidade em sua complexidade

Fazendo uma análise ocidental das preocupações com os corpos e a sexualidade, nota-se que até o século XIX estas eram questões relativas à religião e filosofia moral (Weeks, 2007). Nos últimos dois séculos, ela passou a ser considerada uma questão olhada por muitas perspectivas.

O sexo já foi considerado primordialmente questão instintiva, que penetrava todo o indivíduo e engolfava o ser. Dentro desta leitura, as necessidades sexuais masculinas guiavam sua existência. Às mulheres sobriava o papel da passividade da espera, de reagir às investidas masculinas.

Pra além das explicações biológicas que situavam o sexo como necessidade fundamental do corpo, surgiram outras formas de entender a sexualidade. O advento das ideias freudianas, já no início do século XX, desestabilizou a ideia de que mulheres e homens tivessem qualquer controle sobre si. A vida consciente fora questionada pelo desconhecimento do inconsciente, que a governaria. Desta forma, outras questões foram postas em cheque, tais quais a natureza do gênero, da necessidade sexual e da identidade (Weeks, 2007).

Foucault (1976) sugere que a sexualidade seja vista como um dispositivo histórico que deve ser compreendido e enfrentado. Através do termo dispositivo ele se refere a um conjunto de discursos e práticas sociais que criam uma problemática social.

Rejeita a tentativa constante e reiterada da sociedade em controlar uma energia sexual considerada irrefreável e também a ideia de que a sexualidade pudesse ser um domínio privilegiado do comportamento, estando acessível ao entendimento apenas de sexólogos, psiquiatras e outros teóricos que se debruçam sobre a causa.

Estudos que exploraram e compararam várias culturas, sejam elas geograficamente distantes ou não, muito contribuíram para o entendimento do quão submetida à modelagem sociocultural estão as pessoas e o que elas fazem com os seus corpos.

Os mecanismos de poder que atuam sobre a sexualidade não são simplórios. Complexos e superpostos, contam com elementos de subordinação (Weeks, 2007). Dentre os mais importantes, constam classe, gênero e raça. Estas três categorias têm pesos bastante distintos e faz-se necessário olhares diferenciados sobre elas.

A ideia que comumente se faz de sexualidade a vê como uma ideia burguesa (Weeks, 2007). Nasceu com a expectativa de uma classe de se diferenciar não só da classe aristocrática, como da promiscuidade em que viviam as classes inferiores. Em várias épocas que se seguem a essa, pode-se verificar diferentes padrões de comportamento entre as classes.

Mas, além de classes, as sociedades podem ser analisadas através de como se comportam homens e mulheres. Chega-se então à questão do gênero, noção cara ao presente estudo. A prática crossdresser traz a tona, mexe com a noção social desta categoria.

4.3 O termo gênero nos estudos de sexualidade

A categoria gênero é central na discussão desta pesquisa. A prática crossdresser coloca em cheque, questiona de alguma forma as prescrições sociais. Para que se fale em gênero, é necessário que se pense no sentido atual em se falar do mesmo, que se contextualize o uso da categoria.

Vencato (2009) deu, em sua pesquisa, grande ênfase às noções de gênero articuladas na produção das mulheres que os crossdressers constroem. Apesar de grande parte das cds afirmarem que não se veem como mulheres, é uma identidade feminina que buscam quando se montam, às vezes começando com montagens que envolvem pouquíssimos elementos e, ao longo do tempo, incorporando detalhes externos que possivelmente ajudam a compor a identidade ou versão feminina.

“O termo gênero parece ter feito sua aparição entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas em sexo” (Scott, 1995). Dessa forma, propunha-se que estudos sobre a sexualidade fossem realizados a fim de definir homens e mulheres em termos recíprocos, de forma relacional. O uso da categoria se relaciona com posições teóricas e também em referência às relações entre os sexos.

Não se pode separar a biologia da cultura, fazendo do gênero a incidência do segundo sobre o primeiro. A cultura age sobre um corpo já dado, significando que o social não age na natureza (nos corpos) como se esta fosse superfície plana. Em algumas sociedades as categorias masculino e feminino se reproduziam através da categoria sexo. Em outras, pode se reproduzir através de outras categorias. Não haveria, segundo Butler (2003), um único discurso de gênero operando na sociedade.

A categoria gênero é muito usada como uma forma de impor papéis sobre um aparato biológico que é sexuado; se relaciona a como são atribuídos socialmente papéis considerados adequados a homens e mulheres. No que tange aos estudos sexuais, o “uso do gênero enfatiza todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade (Scott, 1995).

Hoje, as minorias sexuais estão mais visíveis e é grande desafio entender e assumir que são múltiplas as posições de gênero. Os esquemas binários não mais explicam a sexualidade, se é que um dia já puderam explicar.

4.4 Minorias sexuais e normas sociais

A prática crossdresser foge das prescrições sociais no que tange à sexualidade. Espera-se que pessoas que nascem com determinado órgão sexual assumam um gênero ligado a ele e esta combinação deve estar relacionada a uma prática sexual prescrita.

As crossdressers assumem, de alguma forma, o seu corpo “masculino”, que de algum modo, coexiste com um feminino. Um feminino recriado, mas que experimentado como parte do indivíduo.

Não é uma prática assumida sem algum tipo de dificuldade para quem a adota. Questões relacionadas ao manejo do segredo, das perdas sociais, preconceitos sofridos e até perseguições perpassam muitas histórias contadas em páginas da internet, por interlocutores desta pesquisa e ouvidas também por pesquisadores da temática (Garcia et al., 2010; Kogut, 2006; Vencato, 2009).

As diferenças sexuais, embora tratadas em referência às diferenças corporais, materiais, não podem ser reduzidas a essa questão. O sexo enquanto categoria funciona como uma norma que produz, demarca, diferencia os corpos que governa. As instâncias normatizadoras se proliferam na sociedade, bem como os discursos sobre o sexo.

Através da reiteração forçada de normas, o sexo é produzido. Assim, é definido o que é aceitável, bom, normal, em oposição ao que não é. É através do sexo que as pessoas se

tornam viáveis socialmente. Se o corpo por si só não pode ser nomeado, ele é materializado pelo poder, pelas normas do sexo.

Não foi senão no século XX que a ideia de homossexualidade e da figura do homossexual surgiu. Antes desse período, existia a ideia de sodomia: a relação sexual entre pessoas do mesmo sexo era condenada, mas ainda não existia um “rótulo” para que assumisse a prática como parte de sua vida. A prática era tida como pecaminosa, mas a ideia vigente era que a ela qualquer um poderia sucumbir.

Até os anos 70, os discursos eram de que a homossexualidade é desvio. Outros defendiam que é natural, mas a custa de se pensar em um outro “tipo” de ser humano. As pessoas que resolveram se assumir, eram vistas como alguém que se desvia do normal, vivendo fora desses limites, se expondo a violências e rejeições.

No Brasil, a homossexualidade começa a aparecer nas mídias e nas artes. O movimento de libertação ao homossexual no Brasil emerge e ganha força durante a ditadura militar, em um intercâmbio de ideias com os que estavam exilados. As inquietações não estavam apenas no âmbito sexual.

De início, gays e lésbicas se viam unidos em um grupo no qual eram iguais na luta contra a heteronormatividade – a norma da heterossexualidade como o ideal. Lutavam contra as formas estereotipadas e negativas em substituição por outras mais positivas. A luta passava por questões políticas e pessoais. As pessoas do grupo assumiam a identidade gay e muitas vezes, para fazer parte da comunidade, tinham que se assumir enquanto homossexuais, assumir a identidade em que se moldavam.

Mas a ideia da identidade sexual que se apoiava na escolha do objeto tinha seus furos. Foucault (1976) defende que esta – a escolha do objeto sexual – não é o fator crucial na percepção das pessoas sobre a sua sexualidade. Essa explicação fazia com que bissexuais fossem vistos como tendo uma identidade insegura, vacilante, ou que aqueles que definiam sua sexualidade em termos do prazer que obtinham nas práticas sexuais eleitas fossem excluídos.

Ainda dentro da proposta foucaultiana sobre a descentralização da percepção da sexualidade na escolha do objeto sexual, pode-se tentar compreender as mulheres que gostam e escolhem se relacionar com crossdressers. Elas parecem valorizar apenas o prazer obtido nessas relações, em detrimento da possibilidade de que socialmente se considere que uma mulher que tem relações sexuais com um homem travestido esteja mantendo uma prática marginalizada dentre as preditas como norma.

4.5 Identidade de gênero e papéis de gênero: categorias em cheque

Ao contrário do que pensam algumas pessoas e do que parcela do senso comum apregoa, práticas homoeróticas não produzem um terceiro gênero. As práticas afetivo-sexuais devem ser entendidas separadamente da identidade de gênero, afinal, a sexualidade é apenas um dos fatores envolvidos.

A identidade de gênero remete a um sentimento individual de identidade. Grossi busca os trabalhos de Stoller (Stoller in Grossi, 1998) para explicar que se aprende a ser menino ou menina até os 3 anos de idade. Esta faixa etária indica o momento da passagem pelo complexo de Édipo e também aquisição da linguagem. Todo indivíduo teria um “núcleo de identidade de gênero”, que pode ser entendido como um conjunto de convicções através das quais o indivíduo se considera e atua como masculino ou feminino.

A identidade de gênero é construída a partir da rotulação do bebê como menino ou menina. Enquanto ainda está no ventre da mãe, ao saber o gênero do bebê, mães e pais escolhem um nome, vestimentas, brinquedos que remete a um gênero ou outro.

As sociedades ocidentais costumam associar sexualidade e gênero, como se fossem dois lados de um todo. Há que se lembrar que as práticas eróticas e sexuais humanas são determinadas pela cultura nas quais os indivíduos se inserem.

Com a descoberta de novas técnicas de reprodução, onde se inserem as reproduções assistidas, de proveta, clonagem, estas encontram novo padrão. Sexualidade pode então se separar da reprodução. Política e juridicamente reflete-se sobre a obrigatoriedade de se ter dois indivíduos de sexos diferentes para a reprodução biológica e social de uma criança (Grossi, 1998). Ademais, abrem-se também as possibilidades e discussões sobre as famílias em que ambos os pais são do mesmo gênero.

Feministas lésbicas argumentam que, se a reprodução através do binário homem/mulher for dispensável no futuro, abrem-se brechas para que a norma heterossexual também o seja.

Papel de gênero seria tudo o que associado ao sexo biológico (fêmea e macho) em determinada cultura (Grossi, 1998). São expectativas de comportamentos, vestuários, atividades voltadas para cada um dos dois gêneros, mas que mudam (ou podem mudar) no interior de uma mesma cultura e principalmente, de uma cultura para outra. É um conceito importante para que se entenda os furos nas normas, mas é extremamente limitado.

A prova de que os papéis que se atribui a cada um dos gêneros varia de uma cultura para outra veio antes dos estudos de gênero suscitados pela luta feminista. Na década de 1935

a antropóloga estadunidense Margareth Mead, através de uma pesquisa realizada em três sociedades diferentes da Nova Guiné, concluiu os papéis atribuídos a homens e mulheres não eram sempre os mesmos.

A concepção de que homens e mulheres têm temperamentos diferentes não é exatamente passado. Ainda hoje ecoa no imaginário comum ideias que atribuem aos gêneros qualidades inatas. Assim, homens são tidos como mais fortes e mulheres, mais fracas. Homens, mais racionais e mulheres, mais sentimentais.

A desigual distribuição de poder entre os dois gêneros é justificada e explicada por essas diferenças que foram, ao longo dos séculos, naturalizadas. Assim, se as diferenças observáveis são consideradas inatas, automaticamente a desigualdade também deveria ser.

Em muitos contextos, atribui-se às mulheres a maternidade como sua principal atividade. Seu espaço de atuação torna-se assim o doméstico, pateando mais uma vez a desigualdade entre elas e homens que ganham a vida pra além do lar.

No Brasil, embora muitos acalentem a noção de que as diferenças entre homens e mulheres diminuíram, bem como o preconceito de gênero, são ainda comuns diferenças salariais, tarefas domésticas não costumam ser divididas equitativamente (fazendo com que mulheres assumam uma jornada de trabalho dobrada, acumulando um trabalho formal com as tarefas domésticas e cuidados com os filhos) e a violência contra as mulheres persiste como problema sociocultural.

Foi o movimento feminista, relembra Piscitelli (2009), o responsável por evocar o caráter cultural envolvido nas distinções entre homens e mulheres, bem como comportamentos tidos e recomendados como atribuídos a um e outro gênero. Gênero seria então um conceito para desmontar as desigualdades resultantes das diferenças naturalizadas.

Introduzindo à discussão a questão da desigualdade, o pensamento feminista buscou os mesmos direitos para as mulheres que tinham os homens. Essa luta social contribuiu enormemente para formulação de teorias sobre a dominação masculina, passando a considerar as distinções dadas a homens e mulheres como parte da esfera social e não mais biológica.

A luta feminista, separada para seu estudo por “ondas”, teve como primeiras reivindicações que as mulheres tivessem, como os homens, direito à cidadania, ao voto e também acesso à educação (Piscitelli, 2009). A ideia que homens e mulheres deveriam ter os mesmos direitos serviu para elaborações futuras que buscavam entender como se mantém a subordinação, uma vez que ela não é natural – no sentido de não ser encontrada na natureza – e tampouco justa.

O conceito de papel social explicitou a gritante diferença de posições ocupadas por homens e mulheres. Não havendo naturalmente as categorias feminino e masculino, as divisões de tarefas e papéis atribuídos a cada um dos gêneros é social e, portanto, variável de cultura para cultura.

O feminismo de segunda onda carregou o questionamento sobre a naturalidade com a qual se encarou os lugares subordinados ocupados pelas mulheres em relação aos homens. Ainda que as configurações de gênero não fossem iguais em todas as culturas e sociedades, acreditavam as feministas que as mulheres estavam sempre em posição de desigualdade frente ao homem, mesmo que de formas diferentes. Isso aconteceria com mulheres de todas as raças e classes. Reivindicava-se, então, não somente direitos iguais, mas ia-se além, na busca dos motivos da desigualdade.

Atreiou-se a este pensamento a noção de que a base da opressão estaria na diferença entre os gêneros. O sistema do patriarcado – o poder do pai sobre os filhos e a mãe – seria a conexão entre todas as mulheres que, universalmente, seriam oprimidas pelos homens. Assim, a dominação masculina poderia ser situada no tempo e em todas as culturas, excluindo as mulheres da história, da política e reflexão teórica (Piscitelli, 2009).

Ainda como tentativa de entender a dominação, teóricos propuseram o conceito de patriarcado. Mas a falta de especificidade no uso do termo acarretou uma série de lacunas teóricas. Tornou-se sinônimo de dominação, quando, na verdade, refere-se apenas a uma forma específica da mesma. O termo tampouco explica a origem da dominação.

A natureza da subordinação e opressão social das mulheres não consegue ser explicada por nenhuma teoria (Rubin, 1986). E encontrar a gênese da questão tem sido a busca de muitos teóricos e correntes a fim de tentar reverter essas configurações.

Rubin (1986) propõe que se avalie a dominação através do que ela chama de sistema sexo/gênero, a transformação do sexo em matéria-prima. É neste ensaio que a autora começa a desenvolver a noção de que o sexo pode ser encarado como atividade humana, uma vez que, como outras necessidades humanas, precisa ser obtido, mas, antes disso, é necessário que seja delineado o que se está chamando de sexo. Assim, o que se entende por sexo é determinado e também obtido culturalmente.

Ainda sobre o sistema, explica que

Toda sociedade conta ainda com um sistema de sexo/gênero: um conjunto de arranjos através dos quais a matéria-prima biológica do sexo e da procriação humanas é moldada pela intervenção humana e social e satisfeita de forma convencional, pouco importando o quão bizarras algumas dessas convenções podem parecer (Rubin, 1986, p.5).

Reforça não só o determinante cultural do sistema sexo/gênero, mas também sua faceta histórica. Além disso, deixa claro que a opressão neste sistema (ou domínio), não existe sob domínio do inevitável, e sim é “produtos das relações sociais específicas que a organizam” (Ibid, p. 6).

O conceito de papéis sociais - ou papéis sociais de gênero - não é bem aceito por alguns teóricos e deve ser encarado com alguma crítica. Estando geralmente ligado à categoria “sexo”, se refere a expectativas assumidas dentro de uma realidade social, representação do que é ser “homem” e mulher” dentro de uma cultura. Estes conceitos não estão apenas submetidos às mudanças das sociedades dentro de sua realidade dinâmica, como também pouco ou nada contemplam daqueles que fogem ou desviam (d)às normas sociais.

Neste sentido, apesar da prática crossdresser subverter o binarismo de gênero quando a praticante se recusa a se prender ou a viver apenas sob uma designação de gênero, adotando uma outra identidade, de outro gênero, o que se percebe é que, quando da formação desta, em geral surge a vontade de se prender a papéis. Fazer coisas tidas como “de mulher”. Ou seja, o que parece ocorrer é a corroboração de um binarismo através de uma separação do que seria “de homem” e o que seria adequado para mulheres.

4.6 A questão da identidade e a subjetividade

Diferentes ênfases são dadas à noção de identidade. Dentre um grande número de identidades sociais possíveis, as pessoas as selecionam em função de vários fatores (há diversas formas de entender essa questão).

Se considerada como destino, a identidade sustenta ideias de que o corpo encerra em si verdade fundamental baseada na morfologia. Entendida como resistência, é vista como busca de sentido de si, de forma de se confortar, ter segurança e confiança. Neste modelo, as pessoas têm a oportunidade de se rebelarem contra modelos sexuais tradicionais.

Consideram ainda alguns teóricos a possibilidade de que a identidade seja vista como escolha. Neste passa-se por um processo através do qual a pessoa percebe-se diferente e acaba por se identificar com uma identidade que esteja de acordo com seus sentimentos e estilo de vida. (Lembrando que não há, necessariamente, conexão entre a forma da pessoa se comportar sexualmente e a sua identidade sexual ou de gênero. Como exemplo, homens não deixarão de se identificar como tal porque se sentem atraídos e mantêm práticas sexuais com outros homens, por exemplo).

Há, portanto, diversas formas de entender e validar a categoria identidade. Pode ser entendida como um trabalho permanente de construção e reconstrução discursiva através da qual se constitui o próprio sujeito. E ainda mais ligado ao estudo da sexualidade, como forma de construção social desta através de uma articulação entre gênero e sexualidade, desde que se considere que não há formas estanques.

Como fenômeno sociocultural, deve ser entendido no interior da sociedade que o abriga. Permanece encoberto aos olhos do senso comum, mas também ao saber científico (Oliveira, 2000). Em uma concepção sociológica da identidade, esta preenche o espaço entre o mundo privado e o externo. Sujeito e sociedade se tornam acoplados em uma dinâmica na qual indivíduos se projetam nas identidades culturais, internalizando seus significados e valores (Hall, 1997).

As críticas contemporâneas à modernidade refutam os conteúdos fixos para focar a lógica que orienta as formas de pensar a identidade. Desta forma, buscam desconstruir categorias que fundam sentidos determinados e apostam em um modo de pensar a identidade que não seja dado, fixo e fechado. “Através das teorias acerca da representação simbólica, a antropologia concebe a relação entre o símbolo e o que ele simboliza como uma relação aberta e contingente que confere pluralidade e indeterminação à função significativa” (Garcia et al., 1993, p.135).

Até o século XX as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade forneciam localizações sólidas para o indivíduo social. A partir deste ponto, estas paisagens sofreram modificações e começaram a se fragmentar. Como consequência, a ideia que mantínhamos de sujeitos integrados foi perturbada, levando o sujeito a uma “crise de identidade” ao ser deslocado do seu mundo social e cultural e também de si mesmo (Hall, 1997).

Se antes eram possíveis identidades fixas e estáveis, assiste-se na pós-modernidade a sujeitos compostos por várias identidades, muitas delas contraditórias. O indivíduo é convidado a assumir identidades distintas em diferentes momentos de sua vida.

O processo de fragmentação das identidades modernas encontra explicação no fato de que o sujeito sofreu um deslocamento através de várias rupturas nos discursos do pensamento, o que culminou na retirada do sujeito cartesiano de seus centros de poder.

Em Garcia et al. (2010) encontra-se o entendimento de que as identidades “trans” sofreram uma profusão a partir do fenômeno explicitado por Hall (1997) das transformações encaradas pelas diversas sociedades contemporâneas. Essas transformações teriam

configurado um período de pós-modernidade no qual ocorreriam as fragmentações de diversas identidades, como mencionado.

A perspectiva *queer* entende que as identidades socialmente prescritas, tidas como normais, esperadas, são formas de disciplinamento social, de controle, normalização. Mas é necessário que se entenda que as identidades não são fixas, as pessoas mudam ao longo da vida. E que a sexualidade muda também.

A identidade *crossdresser* seria, no entendimento de Garcia et al. (2010), primeiramente definida por um eu masculino coexistente e antecedente à identidade feminina. Seus achados evidenciam que, para grande maioria das *crossdressers*, esta seria uma premissa. Estes achados foram corroborados por Kogut (2006) e Vencato (2009) anteriormente.

É evidente e de extrema necessidade que se recorde que o que é entendido como *crossdressing* é amplo. O autor (Garcia et al.) acredita que aí começaria a definição da identidade.

A construção do eu feminino no que tange a vestimentas não segue uma fórmula definida. A internet informa essa questão de maneira bastante visual (há, claro, *crossdressers* que gostam de falar sobre). Observa-se todos os tipos de montagens, que designariam “estilos femininos variados”. Recatados e/ou retrógrados, estilos que beiram o vulgar, combinações que talvez não agradem esteticamente (mistura de peças que parecem não se harmonizar) e até *crossdressers* que parecem saídas de revistas de modas, com corpos magros que vestem “a última moda”, encontrada em blogs sobre o assunto (blogs sobre moda é um fenômeno hodierno que se prolifera com extrema rapidez pela internet).

Além disso, há toda uma gama de modificações corporais adotadas de forma muito individual, sobre as quais há algum indício (em alguns grupos, talvez), do que seja legítimo dentro da categoria.

Um outro fator considerado tanto por Garcia et al. (2010) quanto por Kogut (2006) é a influência do discurso médico-psiquiátrico na formação destas identidades (Garcia et al. considera a influência para as identidades trans de uma forma geral, ocorrendo de forma menos unânimes para as *crossdressers*). O autor problematiza que estas influências sempre se dão de uma forma entendida por mim como bastante negativas: noções de desvio, anomalia e estigma.

Outro conceito que colabora com o de identidade é o conceito de subjetividade. Este não deve ser confundido com o de individualidade ou identidade. A subjetividade está mais ligada à singularidade, ou seja, à possibilidade de vivenciar eventos ou experienciar a vida de

forma idiossincrática. Ainda que singularizações transcendam ao individual e possam ser encontradas em grupos e instituições.

Na modernidade, a subjetividade é hegemonicamente organizada em torno do individual. Desenvolveu-se o culto e valorização pela interiorização dos sujeitos. Os dois últimos séculos foram atravessados por uma profusão de mudanças; as pessoas vivenciam dias atravessados pela tecnologia.

Os modos de subjetivação, ou seja, os modos através dos quais nos tornamos sujeitos, encontram em Foucault a expressão de práticas de si que ganham diferentes enfoques em contextos históricos diferentes (Cardoso, 2005).

(...) Foucault encontra nos processos que constituem a subjetividade uma vigência milenar que envolve as construções discursivas da episteme moderna e os dispositivos de poder da sociedade na qual estamos ainda imersos, como se em nosso tempo repercutisse uma história muito mais longa: a história dos processos pelos quais nos tornamos sujeitos.” (Cardoso, 2005, p. 344).

O tema da subjetividade em Foucault seria polêmico por ele comunicar um modo de vida (Cardoso, 2005), que exigiria uma mudança da relação do homem com o tempo. Isso porque a subjetividade sendo o que em nosso “núcleo de subjetividade” se relaciona com as coisas e com o mundo, estaria assim relacionada ao tempo. A problemática da questão é justamente entender que em se relacionar com o tempo, a subjetividade não é fixa.

Ortner defende o resgate da subjetividade para a teoria social, uma vez que além de ser uma das principais dimensões humanas, carrega também uma importância política por ser a base da “agency” que “não é uma vontade natural ou originária; ela é moldada enquanto desejos e intenções específicas dentro de uma matriz de subjetividade – de sentimentos, pensamentos e significados (culturalmente constituídos)” (Ortner, 2007, p. 373).

Para esta teórica, a subjetividade está ligada à percepção, afeto, pensamento, desejo e medo, ou seja, sentimentos que animam os sujeitos, mas, ao mesmo tempo, estão também ligados a uma consciência cultural carregada de especificidade histórica. Isso nos ajuda a entender e fazer relações com os estudos de gênero, uma vez que, embora se deva considerar o modo do sujeito experienciar a própria sexualidade, não se pode desvincular jamais de um entendimento de que este mesmo sujeito está também imerso em uma cultura que direciona, normatiza e regula.

4.7 Erotismo crossdresser – uma breve consideração psicanalítica

Embora o presente estudo tenha sido realizado sob a égide da antropologia, entende-se como bastante relevante em Kogut (2006) a consideração de um erotismo relativo à categoria. A autora, em sua tese, fez pesquisa etnográfica no *Brazilian Crossdresser Club* para melhor entender seu objeto de pesquisa, e realizou entrevistas com cds que atendia em seu consultório sob viés da psicanálise. As ideias foram assim desenvolvidas baseadas em relatos de seus pacientes/interlocutores.

A consideração de um erotismo crossdresser não envolve, necessariamente, a prática sexual que se busca quando montadas. Como já mencionado neste trabalho, orientação sexual não está ligada à prática crossdresser. Há crossdressers que se identificam como heterossexuais, outras, homo e ainda, bissexuais. Embora achados na literatura apontem para uma predominância na heterossexualidade entre crossdressers, não há relevância para o tópico tratado.

A autora propõe a análise do erotismo crossdresser quando em frente a parceiros do mesmo gênero e a parceiros do gênero “oposto”. Ressalta a individualidade na vivência erótica, mas entende também que se possa falar em tendências gerais.

Acredita que o erotismo crossdresser, quando envolve a relação de uma cd e uma parceira do gênero feminino, pode-se observar presença de elementos semelhantes ao erotismo heterossexual masculino: gozo ao conquistar, apossar-se, subjugar. Há um grande investimento sensorial (visual, tátil, olfativo) e também valorização da penetração.

Existira, porém, uma outra forma da crossdresser se relacionar com mulheres, bastante própria do erotismo crossdresser e baseado na identificação.

(...) imagina, por projeção, que a mulher esteja tendo a respeito de si própria o mesmo prazer visual, tátil e imaginário que um homem heterossexual tem por ela. Portanto, quando o crossdresser se identifica com uma mulher, embora, não consiga saber como de fato uma mulher vivencia o próprio corpo e seu cotidiano feminino, imagina-se estar vivenciando o feminino (Kogut, p. 107).

Esta identificação é bastante referida pelas interlocutoras de Kogut como uma vontade de experienciar o que é ser mulher e também o que é fazer sexo estando/sendo mulher.

Uma outra possibilidade é a crossdresser montada e que faz sexo com homens. Neste caso, a cd, através da imagem de mulher que ele compõe, mobiliza vários tipos de prazeres: identifica-se com o parceiro com o qual se relaciona, experimenta o prazer ao imaginar como este homem se sente com a mulher-cd. Haveria uma descentração no ser/estar mulher e um foco no parceiro.

Sabe-se que a leitura psicanalítica choca com a visão de muit@s teóric@s dos estudos sobre sexualidade aqui mencionados. Pensou-se, para esta pesquisa, na relevância em expor as ideias de Kogut por serem fruto de investigação científica e explorarem a sexualidade crossdresser sob um outro viés, uma outra possibilidade de análise e que fala de nuances não mencionadas por outr@s autor@s.

A multiplicidade de possibilidades e expressões do desejo, das práticas assumidas, das expressões dos corpos dialoga com o que Vencato (2009) comenta sobre o quão pouco (ou nada) nos têm a dizer estruturas herméticas da sexualidade. Elas não abrangem todas as possibilidades de expressão humana.

É claro o prazer que as crossdressers sentem com as montagens, com a prática como um todo e, por vezes, com detalhes que podem passar quase que despercebidos por quem está de fora, mas extremamente significativos para quem os experimenta.

O erotismo, como enfatiza Kogut (2006) não está exatamente ligado à prática sexual. Envolve um prazer experimentado pelo indivíduo e que se relaciona com sua expressão no mundo. Para as crossdressers, sua expressão não se dissocia do desejo de se vestir de mulher, experimentar o uso de acessórios, roupas, maquiagens e procedimentos que permitam a construção de uma figura feminina.

Melissa Lisboa, interlocutora desta pesquisa, declara enfaticamente que se fosse forçada a parar de se montar, morreria de depressão, preferiria não mais viver. Longe de configurar um exagero, sua declaração demonstra o que outras crossdressers também afirmam: o quanto a prática é inerente às suas personalidades.

Fechar a prática crossdresser a um tipo de prazer, expressão ou prática sexual nos afasta do entendimento humano e é neste sentido que Kogut (2006) colabora com a multiplicidade deste entendimento.

4.8 Ciberpornografia e indústria do sexo: o corpo autopornográfico

O estudo de blogs crossdressers traz à tona questão que, embora não seja de discussão central neste estudo, demanda menção. Em algum nível, os blogs crossdressers se ligam à ciberpornografia: um vasto campo de oferta de material pornográfico que se estende por sites, blogs e redes sociais.

Se os blogs são meios de expressão social, convertem-se naturalmente, em meios de expressão da sexualidade e do sexo como produto. Preciado (2008) ressalta – em consonância com achados do presente estudo – que atualmente, qualquer usuário que tenha um corpo, um

computador, uma câmera de vídeo, conexão com a internet e conta bancária consegue adentrar ao mercado da indústria do sexo através de ferramentas web.

Os blogs analisados neste estudo não indicaram como pagar por serviços ou materiais (fotos e vídeos) divulgados, mas não são raros os que o fazem. Dentro mesmo da temática crossdresser, foram encontradas páginas que oferecem o serviço aos que procuram a temática para uso sexual. Cobra-se pelo tempo de exibição, pelo tipo de material e performance oferecida, garantindo-se formas de pagamento diversas.

Preciado (2008) chama de corpo autopornográfico essa corpo que conta com a grande facilidade que se tornou a internet – facilidade de acesso, facilidade de inserção na rede – para se expor, comercializar o sexo. Fazer-se visto e, de alguma forma, “consumido”. A autora citada dá ao corpo autopornográfico patamares de uma nova força dentro da economia mundial. Um mercado composto por muito e que vai muito além de grandes empresas e multinacionais: não está nas mãos de poucos, mas nos teclados, mãos, olhos e corpos de muitos, muitos usuários da grande rede mundial.

5 Conclusão

Mapear a cena crossdresser na internet exige uma noção anterior da abrangência da internet nas sociedades hodiernas. Para se entender o contexto da inserção destes blogs e também a extensão do ciberespaço na vida das pessoas, coadunou-se com o entendimento de que este constitui continuum da vida “offline”, parte integrante, mas de vivência sui generis e não uma parte separada.

A internet se torna então não somente ferramenta auxiliar, mas uma nova possibilidade de expressão. Dentro deste universo, optou-se por estudar os blogs, ferramenta que permite grande expressão pessoal e tem resistido aos modismos, em um tempo em que redes sociais surgem e caem em desuso com grande rapidez.

Os blogs crossdressers não constituem senão uma possibilidade de tema dentre milhões de blogs que tratam dos mais variados assuntos. Alguns destes blogs surgiram para falar sobre a prática, outros aparecem com características mais voltadas ao diário pessoal. No primeiro tipo, a prática é debatida dentro de temas de interesse.

Em geral, os blogs abordados para a pesquisa não são exatamente profissionais, admitindo um entendimento de que profissionais seriam os blogs através dos quais suas/seus autor@s obtêm fonte de renda, exclusiva ou não.

Em sua maioria, os blogs analisados estão mais próximos de um empreendimento pessoal. Os layouts não parecem ser foco de grande investimento, tendo envolvido o trabalho de designer e/ou programador. Possivelmente são pensados e montados pel@s própri@s autor@s, ou com alguma ajuda.

Apenas um dos blogs teria dado um passo adiante no sentido da profissionalização e este passo se refere ao registro do domínio. Neste caso específico, o registro parece ser uma forma de garantir ideias, discursos e uma luta em prol da identidade crossdresser e de forma mais abrangente, de outras identidades trans. Curiosamente, a autora do referido blog não mais se identifica como crossdresser, tendo assumido há um tempo uma identidade de mulher trans. A questão parece confirmar a pouca participação das próprias crossdressers em movimentos sociais.

Profissionais ou não, ou blogs crossdressers aparecem como possibilidade de expressão pessoal através do uso da ferramenta como um diário pessoal. Além disso, é possibilidade de contato com outras pessoas.

Encontrar outras pessoas na rede que assumem prática semelhante é oportunidade para algumas pessoas de dar, pela primeira vez, um nome ao que fazem e poderem se identificar com outras. Neste sentido, os comentários deixados nos posts dos blogs confirmam esta troca de experiências gerada por expressões públicas de vivências.

Com relação ao entendimento do que seria a prática, o trabalho mostrou que o entendimento é amplo e pode ser vivenciado com graus diferentes de montagens. Em um extremo, aparecem crossdressers acionando a identidade através de calcinhas ou adicionando a estas o uso de alguma outra peça de lingerie e outro acessório. Em outro extremo, outras crossdressers defendem que a legitimação da prática só pode se dar com uma figura de mulher completa, o que pode envolver o uso de lingerie, meias-calças, sapatos, roupas, esmaltes, métodos depilatórios, próteses, perucas e maquiagens. Dentro deste universo, percebe-se o acionamento da categoria dentro de muitas destas possibilidades ou graduações de montagens.

Por vezes as discussões sobre o que é a prática crossdresser evocam a noção de transgeneridade, categoria que é acionada por algumas crossdressers e com a qual algumas se identificam. Em grande medida, o crossdressing parece ser considerado uma expressão transgênera, noção que, se não partilhada por todas, um tanto quanto difundida.

O entendimento de que a legitimação da prática passaria também pelo acionamento da categoria heterossexual faz sentido apenas para uma minoria dentro da amostra de blogs apresentados. Apresentaram-se crossdresser que se identificam com variadas expressões da sexualidade. Este ponto não vai contra achados da literatura, apenas reforçam a ideia do quão pouco as classificações destes comportamentos dizem sobre a expressão da sexualidade.

O fato de que a amostra de blog buscou especificamente a categoria crossdresser pode ter limitado o acionamento de outras categorias ligadas à prática de vestir-se com roupas socialmente tidas como de outro gênero, possibilitando menos enfoque em um trânsito identitário.

Ainda, os blogs crossdresser convertem-se em espaços de discussões sobre a prática, delineamento da categoria, espaço pessoal no qual a prática vivenciada individualmente é expressada, espaço de socialização e também inserção no mercado do sexo. Embora não pareça ser o objetivo dos blogs analisados neste estudo, vários foram os blogs e espaços virtuais encontrados que abordavam a temática crossdresser conectando-a ao sexo como produto. Há nesta questão outra possibilidade de investigação, que se relaciona com a expansão do mercado do sexo através da internet.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, A; RECUERO, Raquel; MONTARDO, S. P. Blogs: mapeando um objeto. In: AMARAL, A; RECUERO, Raquel; MONTARDO, S. P. (Orgs). *Blogs. Com: estudos sobre blogs e comunicação*. São Paulo: Momento Editorial, 2009. p. 27-53.

AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Luciana. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. *Revista Sessões do Imaginário*, Porto Alegre, ed. 20, Dez. 2008.

AMARAL, Rita. Antropologia e Internet – Pesquisa e Campo no Meio Virtual. In: *Os Urbanitas – Revista Digital de Antropologia Urbana*. Ano 1, vol.1 nº 0, 2003. Disponível em: <http://www.osurbanitas.org/antropologia/osurbanitas/revista/urbanitas1.html>. Acesso em 02 de fevereiro de 2014.

BLOOD, Rebecca. "Weblogs: A History and Perspective", *Rebecca's Pocket*. 07 September 2000.. Disponível em <http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html>. Acesso em 18 de setembro de 2013.

BOLICH, D. G. *Crossdressing in Context*, Vol. 1. Dress & Gender. Raleigh: Psyche's Press, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *Esboço de auto-análise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO, Hélio R. Para que serve uma subjetividade? Foucault, tempo e corpo. In: *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2005, 18(3), p. 343-349. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a08v18n3.pdf>>. Acesso em: 06 de maio de 2013.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

DA MATTA, Roberto. O ofício do Etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues” in NUNES, Edison de O. *A aventura sociológica*, Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DORNELLES, Jonatas. Antropologia e Internet: Quando o “campo” é a cidade e o computador é a “rede”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p.241-271, jan/jun. 2004.

EKINS, Richard. *Male Femaling*. New York: Routledge. 1997

FAVRET-SAADA. *Ser Afetado*. Cadernos de Campo nº 13: 155-161, 2005.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 1. A Vontade de Saber*. São Paulo Editora Graal. 1976.

_____. *História da Sexualidade II. O Uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1990.

GARBER, Marjorie. *Vested Interests: Cross-Dressing and Cultural Anxiety*. New York / London: Routledge. 1992.

GARCIA, Marcos Roberto Vieira et al. De Sapos e Princesas: a construção de uma identidade trans em um clube para crossdressers. Sexualidad, Salud y Sociedad. *Revista Latinoamericana*. Nº4. 2010. p. 80 – 104. Disponível em <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/144/386> Acesso: 23 de novembro de 2013.

GARCIA, Sylvia Gemignani. Antropologia, modernidade, identidade: notas sobre a tensão entre o geral e o particular. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 5(1-2): 123-143, 1993 (editado em nov. 1994)

GEERTZ, Clifford. *O Saber Local: Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa*. Petrópolis, Vozes, 1997 [1983]. Cap. 1: “Mistura de gêneros: a reconfiguração do pensamento social” e cap. 3: “Do ponto de vista dos nativos”: A natureza do entendimento antropológico” (1974).

_____. *Estar lá: a antropologia e o cenário da escrita. Obras e Vidas: O Antropólogo como Autor*, Rio de Janeiro, Ed UFRJ, 2002 [1988]

GROSSI, Miriam Pillar. *Identidade de Gênero e Sexualidade*. Coleção Antropologia em Primeira Mão. PPGAS/UFCS. 1998.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 1997.

HART, Keith. Notes towards an anthropology of the internet. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, vol. 10, n. 21, p.15-40, jan./jun. 2004.

HINE, Christine. *Virtual Ethnography*. London: Sage Publications, 2000.

HOOKS, Bell. Is Paris Burning? In: *Race and Representation*. Boston: South West Press. 1999.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. 2ª ed. [online] Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.sertao.ufg.br/pages/42117> Acesso: 03 de abril de 2013.

KOGUT, Eliane Chermann. *Crossdressing Masculino: Uma Visão Psicanalítica da Sexualidade Crossdresser*. 2006. 254f. Tese. (Doutorado em Psicologia Clínica) Instituto de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2006.

LE BRETON, D. *A Sociologia do Corpo*. 3.ed. RJ: Vozes, 2006.

_____. *Adeus ao corpo: Antropologia e Sociedade*. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: LÉVI-STRAUSS, C. *Sociologia e Antropologia: Introdução à obra de Marcel Mauss*. Trecho extraído do *Journal de Psychologie*, XXXII, n. 3 e 4, de 15 de março e 15 de abril de 1936; comunicação apresentada à Société de Psychologie em 17 de maio de 1934. Tradução Lamberto Puccinelli. São Paulo: Edusp, 1974.

MILLER, Daniel e SLATER, Don. Etnografia On e Off-line: Cibercafés em Trinidad. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 41-65, jan./jun. 2004.

MONTARDO, Sandra P. e ROCHA, Paula J. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. In *Revista E-Compós*. Dez. 2005. Disponível em: < www.compos.org.br/e-compos>. Acesso: 02 de fevereiro de 2014.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Os (des)Caminhos da Identidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 15 nº 42 fev. 2000.

ORTNER, Sherry. Subjetividade e Crítica Cultural. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 375-405, jul./dez. 2007

PARREIRAS, Caroline. *Sexualidades no pontocom: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line*. Campinas, SP : [s. n.], 2008

PELÚCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos: Notas sobre a prostituição travesti. *Cadernos Pagú* (25). jul./dez. de 2005. pp.217-248. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n25/26528.pdf>. Acesso: 5 de fevereiro de 2014.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José (Orgs.). *Diferenças, igualdade*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009 - (Coleção sociedade em foco: introdução às ciências sociais).

PRECIADO, Beatriz. **Farmacopornografia**. El País. Domingo, 27 de Janeiro de 2008. On line. Caderno Archivo. Disponível em: http://elpais.com/diario/2008/01/27/domingo/1201409559_850215.html Acesso: 29 de junho de 2014.

RIBEIRO, José da Silva. Antropologia Visual, práticas antigas e novas perspectivas de investigação. *Rev. Antropol.* [online], vol.48, n.2 , pp. 613-648, 2005. ISSN 0034-7701 Disponível em : <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012005000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 12 de dezembro de 2013.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do Corpo*. 7ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2006.

RUBIN, Gayle. “El Tráfico de Mujeres: notas sobre la “economía política” del sexo”. In: *Revista Nueva Antropología* (30, VIII). México: 1986 (versão traduzida para o português pelo SOS Corpo para uso exclusivamente didático).

_____ Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. *Cadernos Pagu*, n. 21, 2003. Disponível em: <http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/gaylerubin.pdf> . Acesso: 6 de abril de 2013.

SAMAIN, Etienne. Ver e Dizer na Tradição Etnográfica: Bronislaw Malinowski e a Fotografia. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 1, nº2, p. 23-60, jul/set. 1995

SCHMIDT, J. Blogging Practices: An Analytical Framework. *Journal of Computer-Mediated Communication*, Indiana, v. 12, n. 4. 2007. Disponível em: <<http://jcmc.indiana.edu/vol12/issue4/schmidt.html>>. Acesso: 12 de janeiro de 2014.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, vol. 20, n. 2, p.71-99, jul/dez. 1995.

SILVEIRA, Raphael Moraes. *Nem tudo é possível, e muita coisa é obrigatória*: um estudo da prática do swing em Goiânia. Goiânia, 2014. 123f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Ciências Sociais, UFG, 2014.

VENCATO, Anna Paula. *Existimos Pelo Prazer de Ser Mulher*: Uma Análise do Brazilian Crossdresser Club. 2009. 293f. Tese (Doutorado em Antropologia Cultural). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2009.

VON DER WEID, Olívia. Gênero, Corpo e Sexualidade: um estudo antropológico sobre a troca de casais. *Revista Ártemis*, Rio de Janeiro. Volume 5. 2006.

WANDERLEY, Mayrinne Meira e SILVA, Luziania. *Corpos ditados*: a influência da mídia no disciplinamento corporal. Artigo. *Fazendo Gênero 9* Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Santa Catarina. Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Disponível em:http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277933288_ARQUIVO_FAZENDOGENERO2010.Textocompleto.pdf Acesso dia 25 de junho de 2014.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: Pedagogias da Sexualidade*. 2 ed., 3ª reimpressão - Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ZILLI, Bruno Dallacort. *A perversão domesticada*: Estudo do discurso de legitimação do BDSM na Internet e seu diálogo com a Psiquiatria. Rio de Janeiro: PPGSC/UERJ. Dissertação. (Mestrado em Medicina Social). 2007.

Sites e endereços web visitados

<http://alineferrarycd.blogspot.com.br/> Acesso em 15 de outubro de 2013.

<http://www.bccclub.com.br/teste/> Acesso em 12 de setembro de 2011.

<http://crossdressingplace.forumbrasil.net/> Acesso em 07 de maio de 2013.

<http://www.culturacd.com/> Acesso em 21 de agosto de 2013.

<http://www.depoisdosquinze.com/2011/01/03/como-se-tornar-uma-blogueira/> Acesso em 22 de abril de 2014.

<http://diariocrossdresser.blogspot.com.br/> Acesso em 25 de setembro de 2013.

<http://www.freebloggertemplate.info/p/demodownload.html?url=http://splendio-fbt.blogspot.com/> Acesso em 07 de maio de 2013.

<http://free-sonhos-meus.blogspot.com.br/> Acesso em 07 de maio de 2014.

<http://gatinhacrosslinda.blogspot.com.br/> Acesso em 5 de maio de 2013.

<http://www.houseswing.com.br/acasa.php> Acesso em 17 de outubro de 2013.

www.leticialanz.org Acesso em 13 de junho de 2012.

<http://tecnologia.hsw.uol.com.br/google.htm> Acesso em 22 de fevereiro de 2014.

<http://www.templateparablogspot.com/> Acesso em 07 de maio de 2014.

<http://thecutestblogontheblock.com/backgrounds/sundry-dots-3-column-template> Acesso em 07 de maio de 2014.

<http://ver770.blogspot.com.br/> Acesso em 07 de maio de 2014.

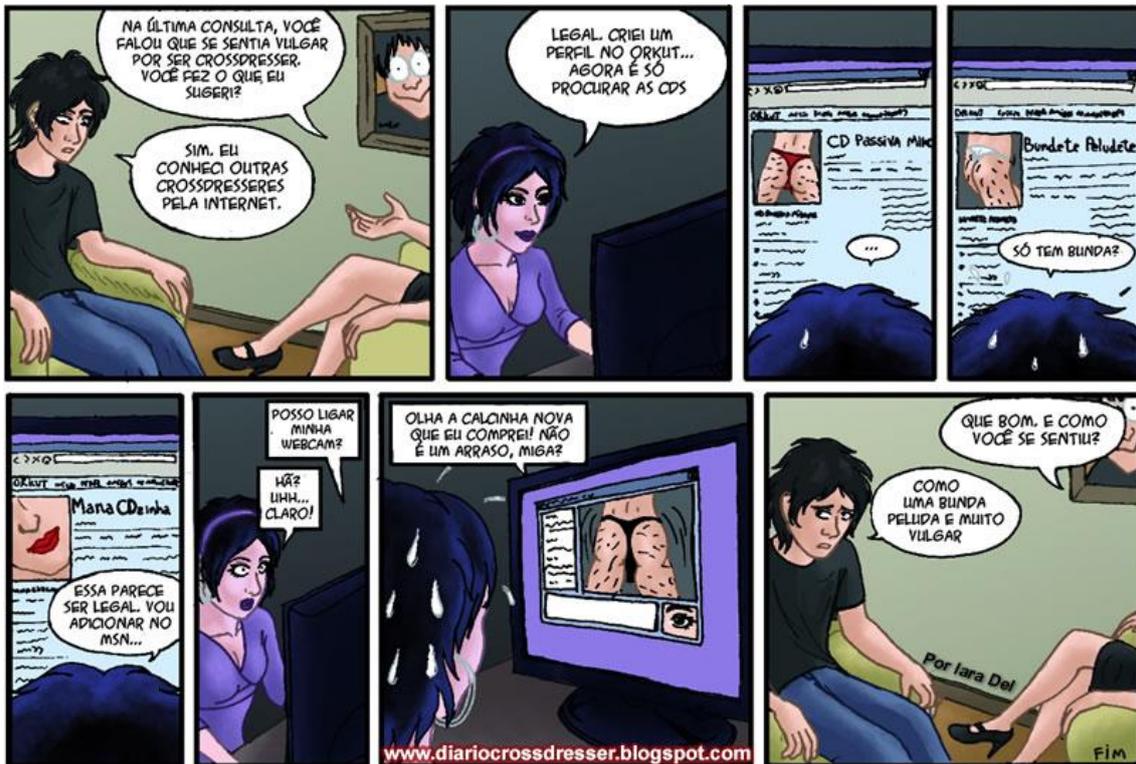
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Widget> Acesso em 22 de março de 2014.

ANEXOS

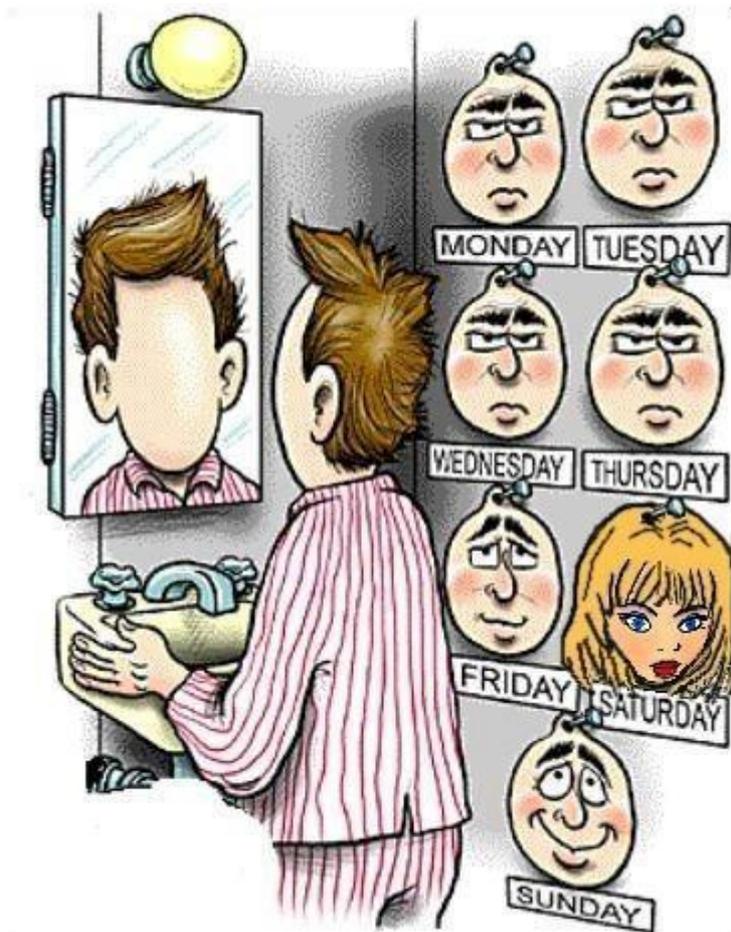
Silicone Blues



As bundas peludas em questão

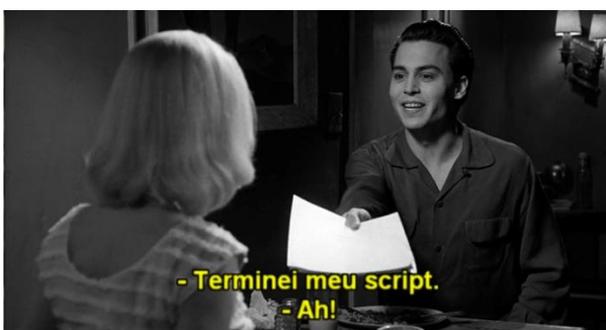
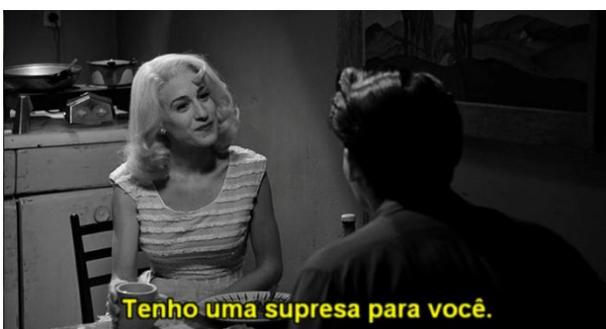


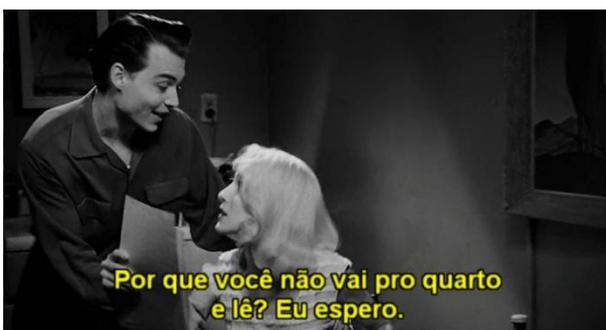
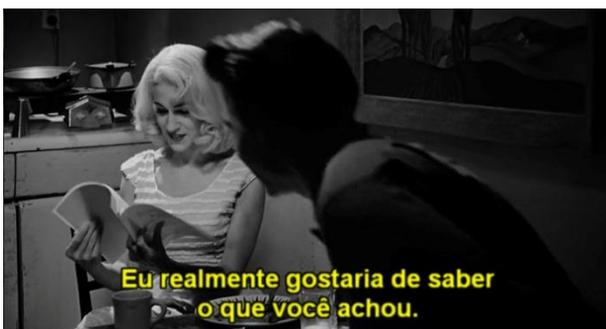
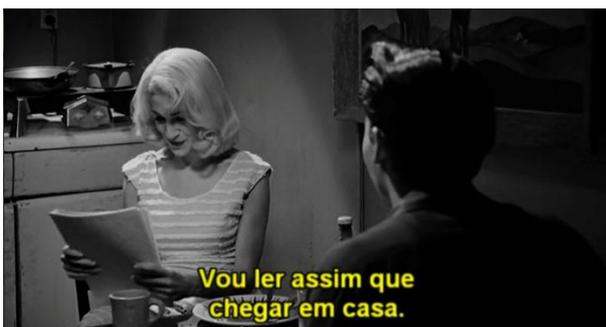
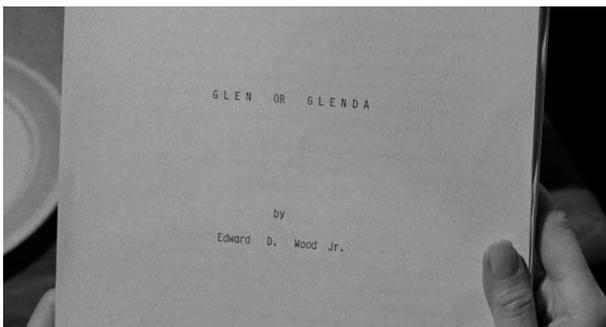
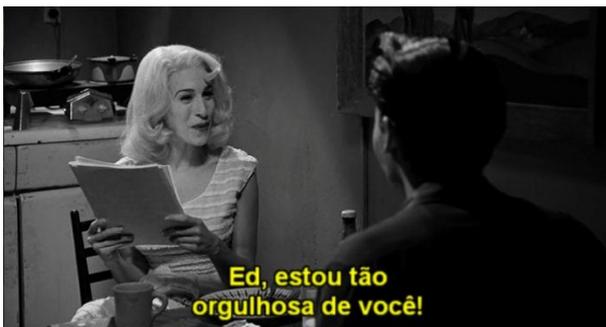
O rosto do sábado

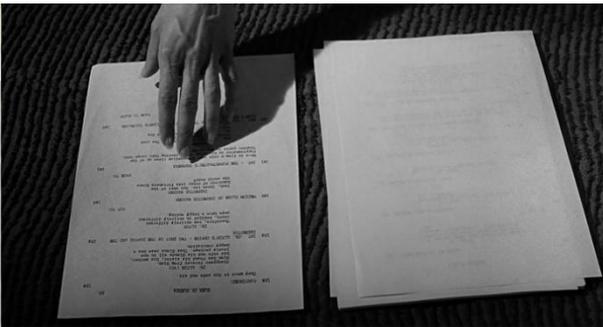


A expectativa pelo dia de princesa (dia de se montar)

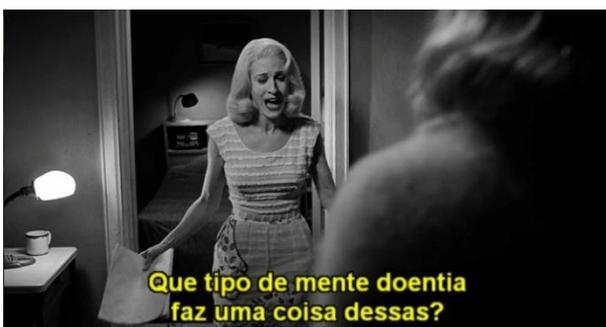
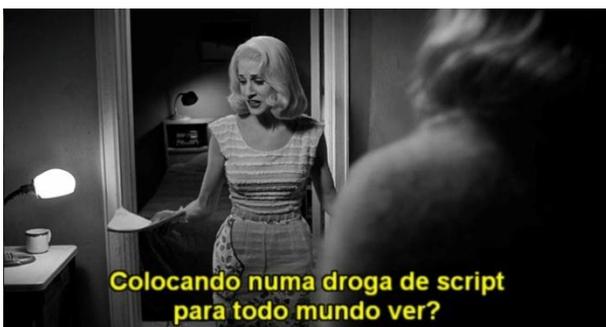


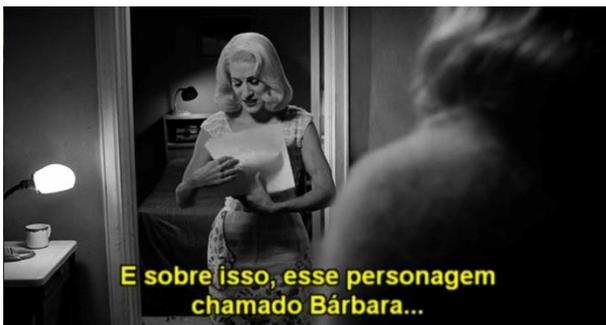
Ed Wood – filme de 1994

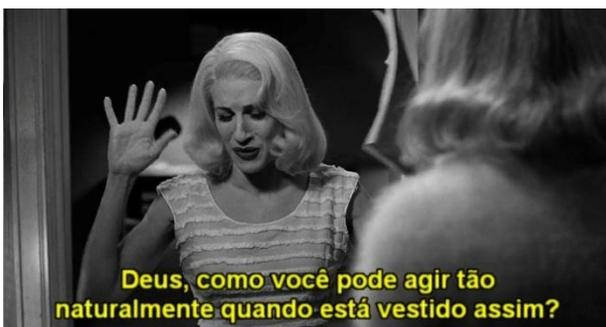
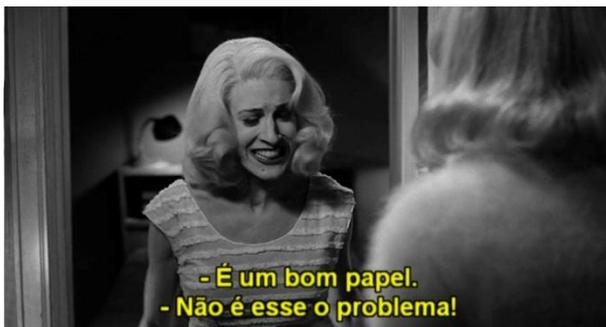














Termos de Utilização do Google

Bem-vindo ao Google!

Os termos abaixo são válidos a partir de 30 de abril de 2014. Para ver as versões anteriores clique aqui.

Estamos gratos por utilizar os nossos produtos e serviços («Serviços»). Os Serviços são fornecidos pela Google Inc. («Google»), com sede em 1600 Amphitheatre Parkway, Mountain View, CA 94043, Estados Unidos da América.

Ao utilizar os nossos Serviços, o utilizador está a aceitar os presentes termos de utilização. Leia-os atentamente.

Os nossos Serviços são muito diversificados, pelo que, por vezes, podem aplicar-se termos de utilização ou requisitos de produto adicionais (incluindo requisitos de idade). Os termos de utilização adicionais estarão disponíveis em conjunto com os respetivos Serviços, tornando-se parte do contrato entre o utilizador e a Google, caso aquele utilize os referidos Serviços.

Utilização dos nossos Serviços

Deve seguir todas as políticas que lhe são disponibilizadas nos Serviços.

Não utilize indevidamente os nossos Serviços. Por exemplo, não interfira com os nossos Serviços, nem tente aceder aos mesmos através de outros métodos que não a interface e as instruções que fornecemos. Pode utilizar os nossos Serviços apenas nos termos permitidos por lei, incluindo leis e regulamentos de controlo de exportações e reexportações aplicáveis. Podemos suspender ou deixar de fornecer os Serviços ao utilizador, caso este não respeite os nossos termos ou políticas de utilização ou se estivermos a investigar uma possível conduta imprópria.

A utilização dos nossos Serviços não confere ao utilizador quaisquer direitos de propriedade intelectual sobre os nossos Serviços ou o conteúdo acedido. Não pode utilizar conteúdo dos nossos Serviços, salvo mediante autorização do respetivo proprietário ou em circunstâncias permitidas por lei. Os presentes termos de utilização não concedem o direito de utilizar nenhuma das marcas ou logótipos usados nos nossos Serviços. O utilizador não deverá remover, ocultar ou alterar qualquer aviso legal apresentado nos nossos Serviços ou juntamente com os mesmos.

Os nossos Serviços apresentam alguns conteúdos que não pertencem à Google. Estes conteúdos são da inteira responsabilidade da entidade que os disponibiliza. Poderemos avaliar conteúdo para determinar se é ilegal ou se viola as nossas políticas e poderemos remover ou recusar apresentar conteúdo que, de uma forma razoável, considerarmos que viola as nossas políticas ou a lei. Não obstante, isso não significa necessariamente que avaliamos o conteúdo, pelo que não deve partir do princípio de que o fazemos.

Poderemos enviar-lhe anúncios de serviços, mensagens administrativas e outras informações relacionados com a sua utilização dos Serviços. Pode optar por não receber algumas dessas comunicações.

Alguns dos nossos Serviços estão disponíveis em dispositivos móveis. Não utilize estes Serviços de forma a que constituam uma distração e o impeçam de obedecer às leis rodoviárias ou de segurança.

A sua Conta Google

Para utilizar alguns dos nossos Serviços, é possível que seja necessário ter uma Conta Google. A Conta Google pode ser criada pelo próprio utilizador ou pode ser-lhe atribuída por um administrador, como, por exemplo, a sua entidade patronal ou estabelecimento de ensino. Se estiver a utilizar uma Conta Google que lhe foi atribuída por um administrador, poderão aplicar-se termos de utilização distintos ou adicionais e o seu administrador pode conseguir aceder à sua conta ou desativá-la.

Para proteger a sua Conta Google, mantenha a sua palavra-passe confidencial. É responsável pela atividade realizada na sua Conta Google ou através da mesma. Tente não reutilizar a palavra-passe da sua Conta Google em aplicações de terceiros. Se tiver conhecimento de qualquer utilização não autorizada da sua palavra-passe ou da sua Conta Google, siga estas instruções.

Privacidade e Proteção de Direitos de Autor / Copyright

As políticas de privacidade da Google explicam como tratamos os seus dados pessoais e protegemos a sua privacidade quando utiliza os nossos Serviços. Ao utilizar os nossos Serviços, o utilizador aceita que a Google pode utilizar esses dados de acordo com as respetivas políticas de privacidade.

De acordo com o processo definido no Digital Millennium Copyright Act dos EUA, respondemos a avisos de alegadas violações de direitos de autor / copyright e rescindimos as contas dos infratores reincidentes.

Providenciamos informações para ajudar os detentores de direitos de autor / copyright a gerir a respetiva propriedade intelectual on-line. Se acha que alguém está a violar os seus direitos de autor / copyright e pretender notificar-nos, pode encontrar informações sobre o envio de avisos e a política da Google acerca da resposta a avisos no nosso Centro de Ajuda.

O seu Conteúdo nos nossos Serviços

Alguns dos nossos serviços permitem ao utilizador carregar, submeter, armazenar, enviar ou receber conteúdo. O utilizador mantém a propriedade de todos os direitos de propriedade intelectual que detenha sobre o referido conteúdo. Em suma, o que lhe pertence continuará a pertencer-lhe.

Quando carrega, submete, armazena, envia ou recebe conteúdo para ou através dos nossos Serviços, está a conceder à Google (e àqueles com quem trabalhamos) uma licença internacional para utilizar, alojar, armazenar, reproduzir, modificar, criar trabalhos derivados (como os decorrentes de traduções, adaptações ou outras alterações que efetuarmos para que o conteúdo funcione melhor com os nossos Serviços), comunicar, publicar, executar e apresentar publicamente, bem como distribuir o referido conteúdo. Os direitos que o utilizador concede ao abrigo desta licença serão utilizados apenas para operar, promover e aperfeiçoar os nossos Serviços, assim como desenvolver novos serviços. Esta licença permanece em vigor mesmo que o utilizador deixe de utilizar os nossos Serviços (por exemplo, relativamente a uma ficha de empresa que o utilizador tenha adicionado ao Google Maps). Alguns Serviços podem disponibilizar ao utilizador formas de acesso e remoção de conteúdo que tenha sido fornecido a esse Serviço. Além disso, em alguns dos nossos

Serviços, existem termos e definições que restringem o âmbito da utilização que fazemos do conteúdo enviado para esses Serviços. Certifique-se de que possui os direitos necessários relativos a qualquer conteúdo que envia para os nossos Serviços.

Os nossos sistemas automatizados analisam o seu conteúdo (incluindo emails) para lhe fornecer funcionalidades do produto pessoalmente relevantes, como resultados de pesquisa personalizados, anúncios adaptados às necessidades e deteção de spam e software maligno. Esta análise ocorre quando o conteúdo é enviado, recebido e quando é armazenado.

Se tiver uma Conta Google, poderemos apresentar o seu nome e a sua fotografia do Perfil, assim como as ações realizadas na Google ou em aplicações de terceiros associadas à sua Conta Google (como marcações com +1, críticas escritas e comentários publicados) nos nossos Serviços, incluindo a apresentação destas informações em anúncios e outros contextos comerciais. Respeitaremos as suas escolhas para limitar as definições de partilha ou de visibilidade da sua Conta Google. Por exemplo, pode configurar as suas definições de forma a que o seu nome e a sua fotografia não apareçam num anúncio.

Pode encontrar mais informações acerca da forma como a Google utiliza e armazena conteúdos na política de privacidade ou nos termos de utilização adicionais para determinados Serviços. Se enviar comentários ou sugestões acerca dos nossos Serviços, poderemos utilizá-los sem assumir qualquer obrigação perante si.

Acerca do Software nos nossos Serviços

Quando um Serviço requer ou inclui software transferível, este software pode ser atualizado automaticamente no aparelho do utilizador, assim que a nova versão ou funcionalidade esteja disponível. Alguns Serviços poderão permitir que o utilizador ajuste as definições da atualização automática.

A Google concede ao utilizador uma licença internacional, intransmissível, não exclusiva e isenta de royalties para utilizar o software que lhe é fornecido pela Google como parte dos Serviços. Esta licença tem como único objetivo permitir a utilização e usufruto dos benefícios dos Serviços tal como são fornecidos pela Google, da forma que é permitido pelos presentes termos de utilização. O utilizador não pode copiar, modificar, distribuir, vender ou alugar qualquer parte dos nossos Serviços ou do software neles incluído, nem utilizar engenharia reversa ou tentar extrair o código fonte do software, salvo se estas restrições forem proibidas por lei ou se o utilizador tiver o nosso consentimento por escrito.

O software de código aberto é importante para nós. Algum software utilizado nos nossos Serviços poderá ser disponibilizado ao abrigo de uma licença de código aberto. Poderão existir disposições na licença de código aberto que substituem expressamente alguns dos presentes termos.

Modificação e Rescisão dos Serviços

Estamos constantemente a alterar e a melhorar os nossos Serviços. Podemos adicionar ou remover funcionalidades ou características, bem como suspender ou parar totalmente um Serviço.

O utilizador pode deixar de utilizar os Serviços a qualquer momento, embora tenhamos pena de o ver partir. A Google pode ainda deixar de fornecer os Serviços ao utilizador ou adicionar ou criar novos limites aos Serviços em qualquer momento.

Acreditamos que os seus dados lhe pertencem e que preservar o acesso a esses dados é importante. Caso descontinuemos um Serviço, sempre que possível, avisaremos os

utilizadores com uma antecedência razoável e dar-lhes-emos a possibilidade de obterem informações fora desse Serviço.

Garantias e Exclusão de Responsabilidade

Fornecemos os nossos Serviços com um nível comercialmente razoável de competência e cuidado e esperamos que o utilizador se sinta satisfeito ao utilizá-los. No entanto, existem determinadas coisas que não prometemos em relação aos nossos Serviços.

SALVO SE EXPRESSAMENTE DEFINIDO NOS PRESENTES TERMOS DE UTILIZAÇÃO OU NOS TERMOS DE UTILIZAÇÃO ADICIONAIS, NEM A GOOGLE NEM OS SEUS FORNECEDORES OU DISTRIBUIDORES FAZEM QUALQUER PROMESSA ESPECÍFICA ACERCA DOS SERVIÇOS. POR EXEMPLO, NÃO NOS COMPROMETEMOS QUANTO AOS CONTEÚDOS DOS SERVIÇOS, À FUNÇÃO ESPECÍFICA DOS SERVIÇOS, À FIABILIDADE, DISPONIBILIDADE OU CAPACIDADE DOS MESMOS DE SATISFAZEREM AS NECESSIDADES DO UTILIZADOR. FORNECEMOS OS SERVIÇOS «TAL COMO ESTÃO».

ALGUMAS JURISDIÇÕES OBRIGAM A FORNECER DETERMINADAS GARANTIAS, COMO A GARANTIA IMPLÍCITA DE COMERCIALIZAÇÃO, ADEQUAÇÃO A UM FIM ESPECÍFICO E A NÃO INFRACÇÃO. NA MEDIDA EM QUE TAL SEJA PERMITIDO POR LEI, EXCLUÍMOS TODAS AS GARANTIAS.

Responsabilidade pelos nossos Serviços

NOS CASOS EM QUE TAL SEJA PERMITIDO POR LEI, A GOOGLE E OS FORNECEDORES E DISTRIBUIDORES DA GOOGLE NÃO SE RESPONSABILIZAM PELA PERDA DE LUCROS, RECEITAS OU DADOS, PERDAS FINANCEIRAS OU DANOS INDIRECTOS, ESPECIAIS, DERIVADOS, EXEMPLARES OU PUNITIVOS.

NA MEDIDA EM QUE TAL SEJA PERMITIDO POR LEI, A RESPONSABILIDADE TOTAL DA GOOGLE E DOS SEUS FORNECEDORES E DISTRIBUIDORES POR QUALQUER QUEIXA AO ABRIGO DOS PRESENTES TERMOS DE UTILIZAÇÃO, INCLUINDO POR QUAISQUER GARANTIAS IMPLÍCITAS, ESTÁ LIMITADA AO VALOR QUE O UTILIZADOR PAGOU PARA UTILIZAR OS SERVIÇOS (OU, SE OPTARMOS POR TAL, AO FORNECIMENTO DOS SERVIÇOS NOVAMENTE).

EM TODOS OS CASOS, A GOOGLE E OS SEUS FORNECEDORES E DISTRIBUIDORES NÃO SERÃO RESPONSÁVEIS POR QUALQUER PERDA OU DANO QUE NÃO SEJA RAZOAVELMENTE PREVISÍVEL.

Utilização dos nossos Serviços por empresas

Se os nossos Serviços estiverem a ser usados por ou em nome de uma empresa, esta terá de aceitar os presentes termos de utilização. Compromete-se a isentar e a indemnizar a Google e as suas filiais, representantes, agentes e funcionários de quaisquer queixas, processos ou ações resultantes de ou relacionados com a utilização dos Serviços ou a violação dos presentes termos de utilização, incluindo quaisquer responsabilidades ou despesas resultantes de queixas, perdas, danos, processos, ações judiciais, custas e honorários de advogados.

Acerca dos presentes Termos de Utilização

Poderemos modificar estes termos de utilização ou quaisquer termos de utilização adicionais que se apliquem a um Serviço para, por exemplo, refletir alterações à lei ou aos nossos

Serviços. O utilizador deverá consultar os termos de utilização regularmente. Os avisos de modificação dos presentes termos de utilização serão publicados nesta página. Os avisos relativos à modificação dos termos de utilização adicionais serão publicados nos respetivos Serviços. As alterações não serão de aplicação retroativa e não entrarão em vigor num período inferior a catorze dias após a sua publicação. Contudo, as alterações relativas a novas funcionalidades de um Serviço ou as alterações efetuadas por motivos legais entrarão imediatamente em vigor. Caso o utilizador não aceite os termos de utilização modificados de um Serviço, deverá deixar de o utilizar.

Em caso de conflito entre os presentes termos de utilização e os termos de utilização adicionais, estes últimos prevalecem sobre os primeiros.

Os presentes termos de utilização controlam o relacionamento entre a Google e o utilizador, não criando quaisquer direitos a terceiros.

Se o utilizador não respeitar os presentes termos de utilização e a Google não tomar medidas de imediato, tal não implica qualquer desistência por parte da Google de quaisquer direitos que lhe assistam (como, por exemplo, o de tomar medidas no futuro).

Caso se venha a concluir que um determinado termo de utilização não é exequível, tal não afectará os restantes termos.

Para dirimir qualquer litígio decorrente de ou relacionado com os presentes termos de utilização ou os Serviços, aplicam-se as leis da Califórnia, EUA, com exclusão das normas sobre conflito de leis aplicáveis. Todas as queixas emergentes ou relacionadas com os presentes termos de utilização ou os Serviços serão resolvidas exclusivamente nos tribunais federais ou estatais do Condado de Santa Clara, na Califórnia, EUA, e o utilizador e a Google aceitam a jurisdição pessoal dos referidos tribunais.

Para obter informações sobre como contactar a Google, viste a nossa página de contacto.

Política de Conteúdo do Blogger

O Blogger é um serviço gratuito para comunicação, auto-expressão e liberdade de expressão. Nós acreditamos que o Blogger aumenta a disponibilidade de informações, incentiva o debate e viabiliza novas conexões entre as pessoas.

Respeitamos a propriedade e a responsabilidade pelo conteúdo que nossos usuários optam por publicar. Acreditamos que a censura desse conteúdo é considerada contrária a um serviço fundamentado na liberdade de expressão.

Para preservarmos esses valores, precisamos conter os abusos que ameaçam nossa capacidade de fornecer este serviço e a liberdade de expressão que o programa incentiva. Por isso, existem alguns limites quanto ao tipo de conteúdo que pode ser hospedado no Blogger. Os limites definidos estão em conformidade com requisitos legais e servem para aperfeiçoar o serviço em sua totalidade.

Limitações de conteúdo

nossas políticas de conteúdo desempenham um papel importante na manutenção de uma experiência positiva para vocês, usuários. Por favor, respeite essas diretrizes. De tempos em tempos, poderemos mudar nossas políticas de conteúdo; portanto, consulte esta página ocasionalmente. Além disso, observe que, ao aplicar as políticas abaixo, podemos fazer exceções com base em considerações artísticas, educacionais, científicas ou de documentário, ou em situações em que haja outros benefícios substanciais para o público se medidas não forem tomadas com relação ao conteúdo.

Conteúdo adulto: conteúdo adulto é permitido no Blogger, incluindo imagens ou vídeos que contenham nudez ou atividade sexual. Mas seu blog deverá ser marcado como "adulto" nas configurações do Blogger. Caso contrário, poderemos colocá-lo atrás de um intersticial de "conteúdo para adultos".

Há algumas exceções à nossa política de conteúdo adulto:

- Não use o Blogger como uma maneira de ganhar dinheiro com conteúdo adulto. Por exemplo, não crie blogs que contenham anúncios ou links para sites pornográficos comerciais.
- Não permitimos conteúdo sexual não consensual ou ilegal, incluindo imagens, vídeos ou conteúdo textual que retratem ou incentivem estupro, incesto, bestialidade ou necrofilia.

Segurança para crianças: temos uma política de tolerância zero em relação a conteúdo que explore crianças. Alguns exemplos incluem:

- **Imagens de abuso sexual infantil:** encerraremos as contas de qualquer usuário que for flagrado publicando ou distribuindo imagens de abuso sexual infantil. Também denunciaremos esse usuário às autoridades competentes.
- **Pedofilia:** nós não permitimos conteúdo que incentive ou promova a atração sexual por crianças. Por exemplo, não crie blogs com galerias de imagens de crianças onde a coleção de imagens ou os textos que as acompanham sejam sexualmente sugestivos.

Discurso de ódio: nós queremos que você use o Blogger para expressar suas opiniões, mesmo as muito polêmicas. Mas não extrapole os limites publicando discurso de ódio. Com isso, queremos dizer conteúdo que promova o ódio ou a violência contra grupos com base em raça, etnia, religião, deficiência, sexo, idade, condição de veterano ou orientação/identidade sexual. Por exemplo, não escreva um blog dizendo que os membros da raça X são criminosos ou defendendo a violência contra seguidores da religião Y.

Conteúdo brutal: não publique conteúdo apenas para chocar ou ilustrar. Por exemplo, coleções de imagens em close-up de ferimentos a bala ou cenas de acidentes sem contexto ou comentários adicionais violariam esta política.

Violência: não ameace outras pessoas em seu blog. Por exemplo, não publique ameaças de morte contra outra pessoa ou grupo de pessoas e não publique conteúdo incentivando seus leitores a tomar medidas violentas contra outra pessoa ou grupo de pessoas.

Assédio: não assedie ou intimide outras pessoas. A pessoa que usar o Blogger para assediar ou intimidar poderá ter o conteúdo ofensivo removido ou ser permanentemente banida do site. O assédio on-line também é ilegal em muitos lugares e pode ter graves consequências fora do mundo virtual.

Direitos autorais: é nossa política responder a avisos claros de suposta violação de direitos autorais. Mais informações sobre nossos procedimentos de direitos autorais podem ser encontradas aqui. Além disso, não forneça links para sites onde os leitores possam fazer downloads não autorizados de conteúdo de outras pessoas.

Informações pessoais e confidenciais: a publicação de informações pessoais e confidenciais de outra pessoa não é uma atitude correta. Por exemplo, não poste números de cartão de crédito, documento de identidade, telefone não incluído na lista telefônica e carteira de habilitação de outra pessoa. Além disso, lembre-se de que, na maioria dos casos, informações que já estejam disponíveis em outros lugares na Internet ou em registros públicos não são consideradas privadas ou confidenciais de acordo com nossas políticas.

Falsificação de identidade: não engane ou confunda os leitores fingindo ser outra pessoa ou representar uma organização quando isso não condiz com a realidade. Não estamos dizendo que você não pode publicar paródias ou sátiras; apenas evite conteúdo que possa enganar os leitores sobre sua verdadeira identidade.

Atividades ilegais: não use o Blogger para se envolver em atividades ilegais ou promover atividades perigosas e ilegais. Por exemplo, não crie um blog que incentive as pessoas a beber

e dirigir. Não use o Blogger para vender ou promover o uso de substâncias controladas ou ilícitas. Caso contrário, poderemos excluir seu conteúdo. Além disso, em casos graves, como os que envolvem o abuso de crianças, poderemos denunciá-lo às autoridades competentes.

Spam: o spam assume várias formas no Blogger e todas elas podem resultar na exclusão de sua conta ou blog. Alguns exemplos incluem a criação de blogs projetados para direcionar o tráfego para seu site ou para movê-lo para as primeiras posições em listagens de pesquisa, postar comentários nos blogs de outras pessoas apenas para promover seu site ou produto e coletar conteúdo existente de outras fontes com o objetivo principal de gerar receita ou outros ganhos pessoais.

Malware e vírus: não crie blogs que transmitam vírus, gerem pop-ups, tentem instalar software sem o consentimento do leitor ou afetem os leitores de outra forma com código malicioso. Isso é estritamente proibido no Blogger.

Cumprimento da Política de Conteúdo do Blogger

Se você encontrar um blog que acredita violar nossas políticas de conteúdo, informe-nos usando o link 'Denunciar abuso', localizado na parte superior de cada blog na lista suspensa 'Mais'. Observação: se o proprietário do blog ocultou esse link, você ainda pode Denunciar abusos na Central de Ajuda do Blogger.

Nossa equipe analisa estas sinalizações em busca de violações de política. Se o blog não violar nossas políticas, nenhuma ação será realizada contra ele ou contra o seu proprietário. Se considerarmos que um blog violou nossas políticas de conteúdo, realizaremos uma ou mais das seguintes ações com base na gravidade da violação:

- Colocar o blog atrás de um intersticial de "conteúdo adulto"
- Colocar o blog atrás de um intersticial onde apenas o autor do blog possa acessar o conteúdo
- Excluir o conteúdo ofensivo, a postagem ou o blog
- Desativar o acesso do autor a sua conta do Blogger
- Desativar o acesso do autor a sua conta do Google
- Denunciar o usuário à polícia